



Sheyla Smanioto
DESESTERRO

VENCEDOR DO PRÊMIO SESC DE LITERATURA 2015 ROMANCE





Sheyla Smaniotto

DESESTERRO

1ª edição



E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Smanioto, Sheyla
S644d Desesterro [recurso eletrônico] / Sheyla Smanioto. - 1. ed. - Rio de Janeiro:
Record, 2015.
recurso digital

Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-10716-9 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

15-28605

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

Copyright © Sheyla Smanioto, 2015

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10716-9

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas
promoções.



Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

CIRCO É: tudo que é monstro à mostra.

MONSTRO É: tudo que eu não consigo sequer imaginar.

Três olhos

Em Vilaboinha, lá para as bandas do norte, quase não tem cão nenhum fora o da vó Penha. Não é proibido, mas o Tonho não gosta do barulho deles todos latindo quando alguém vem chegando. O Tonho não gosta dos latidos, diacho, ninguém tem que saber que ele vem chegando, por isso ele mata tudo que é cão na paulada.

Ele assobia, o Tonho. Chama o cão assim bem perto. O cão vacila, abaixa o rabo. O cão vacila, acaba que vai. Quer saber por que chamam. Ele acerta nas costas do bicho e fica ganindo baixinho. O cão, não o Tonho. O cão devagarzinho se vai morrendo. O Tonho não, ele gosta é de ouvir o latido esparramado do cão no chão com tripa sangue osso suspiro. Não do cão, do Tonho. Se bem que um pouco assim bem antes do cão ter morrido, um bem pouco antes, não dá nem pra dizer quem é cão e quem é Antônio.

Fátima tem certeza:

— É o cão.

Não é à toa que em Vilaboinha só a Penha tem cachorro. Ele late quieto, levanta com a terra, só uiva dentro do vento. Penha sabe do que Vilaboinha é capaz, por isso ensinou também as netas a levarem a vida quietinhas quietinhas, dentro do silêncio, escondidas. Disfarça, Maria de Fátima, baixa esses olhos, menina. Não inventa, ou vai acabar espantando a vida. Por isso ensinou as netas. Elas não têm que passar pelo que passou por ela.

Penha sabe do que Vilaboinha é capaz, vive na cidade tem tanto tempo, meu Deus, tem tempo demais. Penha sabe, por isso não dá mole, não, o cão tem que aprender a dar seu jeito, a Penha não dá mole, não, as netas têm que aprender. Não é à toa que chamam a Penha louca, não é à toa. Tanto tempo em Vilaboinha, desde o começo, tempo demais vendo a cidade, essa cachorra, comer os filhotes que não servem. Tempo demais, meu Deus. Tempo demais.

- O que sucedeu, Fátima? Veio só?
- O Tonho já vem chegando, voinha.
- Você vai desse jeito pro retrato? Sem sapatos?
- No dia do batismo eu peguei emprestado.
- Seu cabelo estava assim, essa nozeira lascada?
- A senhora mandou fazer trança, não lembra?
- Bagunce assim um pouco, anda. Estava uma ventania só.
- Que cisma mais jumenta, voinha, ter tudo como em outro dia.
- O que tem hoje para lembrar, Fátima? A cachorra sumida?
- Não sei, voinha, mas o batizado já foi, não tem fotografia que volte.
- Fique quieta, lazarenta. E não se meta com minha lembrança.

Em Vilaboinha não tinha cão nenhum fora o da vó Penha, não enquanto a Fátima ainda vivia por lá. Vinte anos não é tanto tempo assim, se você for pensar, mas cão é planta que dá em qualquer terra. O da vó rondava tudo em volta, era fêmea, tão magra meu Deus tão magra, roía os próprios ossos das patas e se enterrava toda para o vento não levar. Só ficava junto da dona quando a outra neta da Penha, a menina nem tem nome coitada, sossegava a terra com os pés, lá fora, e não deixava ninguém cavar.

Com a barriga escorada na pia da cozinha, a vó Penha vivia arrastando colher no fundo do caneco pra não restar nem dúvida nem grão de açúcar. O cão, enrolado em seus próprios sonhos, lamentava o ganido do ferro. Invejava. Penha olhava a menina sua neta mais nova, lá fora, arrumando a terra no chão. O cão gemia baixinho baixinho, sonhando ossos terríveis, o rabo insone. A neta da Penha olhava o desenho no chão arrastado, olhava o vento, olhava o vento, e, santo Deus, a menina via muito mais que o vento.

Dona Penha larga o caneco, o barulho acorda o cão levanta o cão deita, agora com a cabeça entre as patas, os olhos desenterrados. A menina sua neta, mania estranha, olha a terra o horizonte a poeira pra ver uma gente que nem lá está. Diacho de mania, vê se pelo menos disfarça. Já pensou o retratista chega mais cedo e vê a menina nessa desgraça? Desde miúda ela apontava longe e seu olhar cheio de gente, sem tamanho, via leva, caravana, rebanho, o dedo farejando o que não tinha, guarda esse dedo, anda, menina. Desde miúda... o que ela não para de olhar?

Dona Penha chuta o caneco, o barulho acorda o cão ele não está mais lá, diacho, onde foi parar? Penha toma o caneco do chão, sacudindo a cabeça para os pensamentos desgrudarem do fundo. Os grãos de açúcar, tinhosos, aí é que resolvem cair.

- Falou pro Tonho vir direito?
- Deixei pra ele a roupa do batizado.
- Contou pra ele que é um retrato de família?
- Disse que a gente tudo ia fazer como a senhora queria.
- Se sua irmã me ouvisse, veja, parece uma lombriga.
- Pare de mexer esse tanto, menina, anda, ou não vai caber na fotografia.
- Olha o retratista, lazarenta. Não me faz passar vergonha.
- Ela fica assim sempre que some a cachorra.
- Diacho, já não falei que a cachorra dá seu jeito e volta?
- Eu sei, voinha, essa menina não aprende.
- Logo o Tonho vem, e se ela não aprendeu a ficar pronta?

Quando a neta mais nova da louca era recente, toda Vilaboinha dizia com certeza: é cega. É cega, veja, tem olho esvaziado, não vê? Parece que não foi chocado, ficou ovo, coitado, com outro ovo do lado. Mas um médico a cavalo deixou Vilaboinha de olhos arregalados: a menina vê bem até demais, repetia, e a louca da Penha finge que não vê, porque no fundo ela e tudo a gente sabe, a neta vê tudo, tudinho. Até o que não deve.

Toda vez que encontra a menina sua neta olhando longe, Penha perde a paciência, já não mandou não dar na vista? A neta mais nova faz de besta, a diaba, já está crescida e ainda esse problema nas tripas. Já não falou pelo menos disfarça? Dona Penha estrala os olhos tenta enxergar o que a neta vê, fica tonta, diacho, a menina é tudo que ela encontra. Não pode isso ver mais que a gente, adivinhar outro mundo, não pode isso estar grávida dos próprios olhos, isso não.

Penha se esforça, deixa os olhos estralados, não adianta, neles morre tudo. Ela se estica, as ancas na pia, os pés espreguiçados, mas a única gente esquecida que ela vê voltar na terra levantada é sua neta mais velha, a Fátima, trazendo nos braços francos a cria. A pequena veste a roupa do batismo, está pronta para a fotografia. Ela cabe no braço, na dobra do peito, nasce toda de novo quando se estica. Penha gosta tanto do nome de Fátima, de Maria de Fátima, que se pudesse tomava da neta e dava pra bisnetinha.

- Coisa mais linda com esse vestido de batismo.
- Deus que me perdoe ser batizada duas vezes, voinha.
- Não fale besteira, jumenta. Ruim é não ser batizada.
- E se vira a bênção do avesso, voinha?
- Pare de ideias tortas, destrambelhada.
- Não dá pra saber o jeito como funciona.
- Claro que dá. Agradece o anjinho que tem.
- Ela só dorme, mal chora, quase não come.
- Queria que ela fosse como a menina, esfomeada?
- Nem batizada a menina foi. Scarlett puxou a senhora.
- É. Porque você, Fátima, qualquer coisa chora.

O retratista guarda suas técnicas nas dobras da barriga. É meu terceiro olho, ele diz. A caixa preta sobre o pedestal de três pernas quase não se equilibra. Nada escapa aos olhos de um bom retratista, já vou avisando, ele se exalta, trêmulo. Treme ainda mais para rosquear a peça final da máquina. Ele é planta se inclinando para o sol: todo encolhido sobre a caixa. Foi todo se dobrando vértebra por vértebra até os olhos encontrarem a altura do bicho trípode, foi pesando nos ombros as paisagens, a vontade de fotografar sonhos, os retratos de família, até os olhos estarem os dois pesados sobre a caixa esguia. Hoje em dia não servem para nada.

O Tonho já deve estar chegando, a mulher com criança de colo garante. Por isso a senhora mais velha mulher de idade vai levando todas, a outra e ela, devem ser suas filhas, não, suas netas, vai levando as duas e a criança para fora da casa, vai espantando com o grito até elas chegarem diante dos olhos da câmera, varridas. De todos os olhos. O Tonho qualquer hora chega então pra não perder tempo vamos esperar aqui mesmo, na pose, aqui mesmo o que é que tem, vai mais pro lado, Fátima, anda, até o Tonho ele deve chegar a qualquer momento. O retratista, apoiado nas duas três quatro cinco pernas, espera. A máquina, um cachorro a postos, ladra.

A máquina: uma parte sua ao lado.

A neta de vestido cobrindo os pés, maior que ela, não a que segura a criança, a outra, ela fica procurando algo revirando os olhos e tudo em torno. A vó reclama, já falou que a cachorra deve ter ido dar uma volta, vai ver não gosta de tirar retratos, a velha nem se incomoda. A vó plantada na pose, enraizada, mexe os lábios quase nada quando fala. Talvez nem precise retrato para tão dolorosa calma. A mulher com a criança de colo também não se mexe nem apruma. Só seus cabelos, arbóreos, fazem fases no rosto

esburacado como a lua. A menorzinha, a vó reclama, essa menina não para de tremelicar, fique quieta, lazarenta, isso lá é jeito de olhar retratista? O Tonho nunca chega, mas ele já deve estar para chegar.

A máquina demora quinze segundos para fazer um retrato. Os homens demoram muito mais. São quinze segundos travando os dentes, armando os ombros, as pontas dos dedos se mexendo como nunca, tem sempre alguém com essa coceira na nuca, o corpo enlouquecido quinze segundos diante da máquina. Quinze segundos não precisa mais do que isso, mas aquelas mulheres todas parecem dispostas a esperar a vida inteira em um retrato, olhando a câmera nos olhos sem medo do que ela pode arrancar. Não é verdade o que dizem, o retratista tinha garantido para toda a praça em Vilaboinha, os retratos não roubam a alma. Mas diante dessas mulheres ele não sabe o que pensar.

O sol penteia lento toda a cena. As sombras trançam. Ele olha com seus três olhos tudo aquela gente. O sol vai embora, leva o retratista. Nem o vento fica. Só elas, as mulheres. Paradas. Duras. Esperando o Tonho ele já deve estar chegando logo logo, só mais um pouquinho. Elas quietas. Empoeiradas. Plantadas no mesmo lugar. O sol vai embora, leva o retratista, ele tem medo de que sem a luz, sua única amiga, ele tem medo porque antes de desmontar a caixa preta bicho trípode, antes de guardar seu terceiro olho na sombra do sovaco, ele limpou a lente, uma duas três quatro vezes, insistente. Ele olhou com seus três olhos tudo aquela gente. Ele esperando guardou nos olhos cinco retratos. Ele foi embora com o sol, assustado com a descoberta imprevista.

Os retratos roubam a alma. Do retratista.

A senhora mais velha sorri. Os pés plantas carnívoras no chão. Bocas descalças. Os dentes dedos à mostra. O vestido branco, a renda gasta. Os olhos segurando o mundo pelas alças. E ela sorri. Contra tudo ela sorri. Não parece satisfeita, os peitos secos, os cabelos em maço. Quer um dia perdido, o batizado. Quer um tempo partido, um reencontro, uma volta. Mas sorri, sim, sorri. Sorri contra todos os calos. Sorri, sim, sorri, sorri, sorri. Ela sorri para mostrar os dentes.

É um sorriso como nenhum outro, ele constata, atravessando o seu terceiro olho. Um sorriso que contagia tudo. Não que nem quando uma moça não percebe que o bico do seu peito está rindo dela dizendo que não gosta. Assim não. Um sorriso que contagia tudo feito fruta podre, imediata. Feito pinga rala. Levam todos os olhos, aqueles dentes. O primeiro, o segundo e o terceiro. Guardam nossa angústia em seus buracos quentes. O sorriso não desata. Os dentes, leoninos, seguram o tempo com as patas.

- Quando eu estiver com o retrato, vou pôr em meu canto.
- Coloque na cozinha pra gente poder ver, vó Penha.
- Vou pôr do lado da cama pra ver de manhã todo dia.
- Oxe, voinha, não vai me deixar ver fotografia de minha filha?
- Você não disse que retrato é uma besteira, Fátima?
- Besteira, não, teimosia. Onde já se viu fazer retrato de outro dia?
- Vou pôr do lado da santa, pra proteger nossa pequena.
- O Tonho já deve estar chegando. A santa prefere família unida.
- Mas não deixo você ter com meu retrato, nem com mil ave-marias.
- Que isso, voinha? O retrato não é nosso? De família?
- Foi eu quem teve que vender minha imagem de Santa Cecília.

De longe o retratista olha a pele gasta da mulher. Papel esquecido na borra de café. Amassado. Rasgado. Tolhido. De longe o retratista vê na pele da mulher um céu de nuvens ásperas. Nuvens manchas. Nuvens gastas. Ele olha as nuvens as manchas ele vê parece um peixe ou uma sereia, ele vê um pé esquerdo, uma matraca. Ele olha, ele vê o bico da matraca, olha, perto do ombro, parece uma garrafa. Uma garrafa caída ou um cachorro com barba. E se você entortar um pouco só um pouquinho o rosto já vai dar pra ver, na dobra das costas, o que a garrafa deságua.

É só você olhar com calma e vai ver um mapa no colo. O final guardado pelo decote do vestido. Quem sabe um tesouro se perdendo no umbigo. No braço direito caem pequenas ilhas. Elas terminam nas costas da mão, país continental. É só você olhar sem pressa e vai aparecer a fila de passarinhos pousados na beira do pescoço. Um deles caído bem na dobra. O fio imenso um varal até quase a orelha. Se você olhar direitinho vai ver na pele de Fátima borra de café, se você olhar direitinho vai ver na pele dela o que o futuro guarda para você. No que o passado guardou para ela.

- Quando o Tonho...
- Sim, do meu lado.
- Mas a pequena...
- A senhora acha..?
- Que nem no batismo.
- Deixe que ele chega...
- Fica assim decidido.
- Mas e se ele...
- É lembrança, Fátima.
- Eu sei, voinha, por isso...
- Ele que não se meta comigo.

A criança pode ser que nem esteja lá. Tão quieta. Mansa. O retratista força os olhos para encontrar, na sobra de tecido ensebado, um braço, uma perna que pudesse ter nascido enquanto ele não via. Qualquer ganido ele encontra um choro. Desacredita. Vê a roupa mexer, mas é só a Fátima que respira. Quer encontrar a criança, tenta, tenta, mas em seus olhos ela não nasce. Ele a toma com seu olhar, ela nem se importa. Eles não servem, os olhos não servem. A criança fica choca.

De repente um medo. Nascido assim, de buscar o corpinho entre os braços, entre os tecidos e os bordados. De imaginar a pequena de novo a ser parida. A criança não chora, não pede arrego. Fica parada, feito só criança de retrato pode ficar. Mansa. Tão quieta. Feito criança que esqueceu de acordar de novo pra vida. O retratista viu a morte na pele de Fátima, estava perdida em sua pele cifrada, mas era a morte. Viu o próprio futuro, ele não quer nem pensar. Viu o futuro de Fátima.

A Fátima vinte anos em São Paulo e tem vez que ainda se irrita. O cão aqui late solto. Na Vila Marta mais ainda. E tem de todo tipo, a gente nem imagina. Pequenos e truncados vira-latas, vira-latas com as costelas largas, velhos vira-latas com mapas nas costas. Vagam pelas ruas, focinho baixo, narinas inquietas, cheirando tudo que é canto pra ver se encontram vai que encontram mais que pedra, caco, pouco, vai que encontram caça, fosso, o belo de um corpo. E quando alguém vem chegando é que encontram, o rabo pronto, as orelhas alertas. Os latidos ecoando de cão em cão.

E quando os cães latem desse jeito a Fátima tem certeza: é alguém que vem chegando, por isso ninguém aqui mata um cão. O cão vê longe, guarda os ossos, ladra, esconde. Não, não, ninguém aqui irrita um cão, muito pelo contrário. Tudo a gente com fome mas vai e deixa cumbuca de arroz na porta do barraco, e assim os cães ficam espertos, orelhas e rabo alertas, e assim tudo a gente sabe da gente que vem chegando pelos cães todos ecoando nessa vila do cão. Só Maria de Fátima, esfomeada, vinte anos e ainda se irrita. Não é o barulho, o arroz, nem o cheiro de marmita. É o cão que, latindo desse jeito, não deixa a Fátima de jeito nenhum esquecer Vilaboinha.

Do lado da mulher com criança de colo, Tonho ainda vai chegar. O retratista ajeita a máquina até encontrar, no enquadramento, as três mulheres, a criança e o Tonho ele deve estar chegando. Primeiro a velha, do seu lado a mulher com criança, depois o Tonho, deve ser ele lá longe. Por fim a outra neta. Não, não era o Tonho chegando. Só a gente que não se aquieta. O retratista ajeita a máquina até caberem os pés, o topo das cabeças, sem cortar os cotovelos nem os braços, de um e de outro lado. A casa ao fundo ela não vai aparecer, não quando o Tonho chegar, ele já está para chegar, logo logo ele está chegando, diacho, Tonho, por que está demorando tanto?

O retratista pensa em pedir para as mulheres irem um pouco mais para o lado, só mais um pouquinho, para a casa também caber no retrato mesmo quando o Tonho chegar, ele já vem vindo. O retratista pensa em pedir mas faz os cálculos. Antes de o sol ir embora ele vai tirar o retrato em silêncio, escondido, a casa cúmplice, vai tirar um retrato não da família, mas da espera, ele constata. Entre a mulher com criança e a menina, um espaço. Nada de pedir para elas irem um pouco mais para o lado. Entre a mulher com criança e a menina, o Tonho vai estar sempre quase chegando.

Vagando os cães costuram as ruas da Vila Marta. Ninguém sabe o que seria delas sem eles pisando o barro pra todo dia fazer o chão. Às vezes os olhos enganam a Fátima e fazem ver um homem entre os cachorros confundido, vai ver nem sabe que é homem, vai ver ele só aproveita a festa dos cachorros da Vila Marta, a festa quem não ia querer. Às vezes os olhos enganam a Fátima e fazem não ver homem nenhum, só as pedras rolando os cachorros, a ladeira uma matilha, poeira levantada, e toda gente, que já via pouco, de novo não vê mais nada.

A Fátima, numa fome do cão, aproveita pisa da terra uma parte, faz reza, pede perdão, encontra uma cumbuca mão a mão, e rouba do arroz um punhado, o que a mão alcançou, tomara que pelo menos dê pro gasto. Ela sabe, tem arroz que é pro santo, pro coitado do bêbado, tem arroz que é pro cão. E não quer birra, de jeito nenhum: eles descem todos juntos santos bêbados cães pedras quem dera elas e as cumbucas no caminho das ruas quebradas mijando pelos cantos latindo à beça, rindo e comendo todo arroz que couber.

Se for preciso, um homem late. Mas de repente eles todos latindo, o arroz roubado vira um nó na garganta de Fátima. Diacho de fome do cão, ou alguém vem chegando, ou eles viram Fátima com a cumbuca, meu Deus, tomara que não. Imagina esses cães todos latindo para os ossos de Fátima dentro, não, não, imagina esses cães todos devorando a Fátima faminta, buscando seus órgãos como peixes, fazendo cabo de guerra com lombriga, latindo, latindo, e a Fátima com os olhos lá em Vilaboinha. Diacho, bem que a avó dizia: quando a gente faz algo terrível, tenta, tenta, e nunca mais consegue ficar sozinha.

A menina outra neta da velha procura o cachorro com o rabo do olho. O retratista guarda tudo em suas próprias pálpebras. A menina abana abana balança o rabo do olho. Não encontra. Seus olhos são bichos, buscam o parceiro de troça. Seus olhos deixam para trás o corpo fincado na terra. As pálpebras batem batem batem como duas asas e os olhos voam voam veem. Impossível encontrar os dois juntos, o retratista constata. Impossível que eles caibam juntos dentro de um mesmo retrato. Se bem que talvez haja um jeito, observando o retratista encontra. É só a menina ouvir falar de Tonho que seus olhos caem maduros pelas pálpebras.

O retratista procura os olhos da menina com o olho da câmera. No brilho deles mora um homem curvo. Com um bicho tripode ao lado. No brilho deles a morte é uma linha gasta. Será que a menina também faz retratos? O retratista encontra a si mesmo no voo dela. Tem medo de morrer com os olhos quando o Tonho chegar. Ao mesmo tempo, quer ficar e ver os olhos estatelados no chão, a polpa bicada por passarinhos, quer ficar e ver os olhos ovos quebrados ao chão, fritando pelas beiras. Engraçado como enganam a gente. O primeiro, o segundo e o terceiro. Ele podia jurar ter visto, nos globos oculares da menina, uma multidão vindo pela terra.

O futuro, a pele de Fátima já dizia.

Olha um cão latindo sem nem ninguém vindo. Fátima engole seco e volta azedo, o arroz feito orgulho não chega ao peito, ficou pela garganta. Em pensar que lá em Vilaboinha dividia tudo com a cachorra, até a fome.

Da fresta do barraco procura os cães, quer ver os bichos pelo encalço, bem longe, mas em vez disso vê aquela gente de fora sovando o barro. Cravando suas pás como dentes na terra incrédula. Cravando, pisando, puxando. Os cães tão nervosos quanto ela. É tanta gente e tanto dente que logo logo essa máquina gente vai acabar é devorando a terra toda e Fátima junto e quem sabe o cão. Mas Fátima não vai lá fora nem com o diabo lhe batendo na porta.

Ela vê tudo da fresta do barraco. Os homens de bigode latindo pulmão pra ladeira. Subindo a viela com carrinho de mão, enxada, pá, colher de pau. Parando para descansar no meio do desenterro porque não aprenderam ainda a respirar terra. Com a pá enroscada no chão, o pó enroscado na garganta, a camisa que não é mais branca, eles maltratam maltratam a terra, meu Deus, será que dessa vez adianta?

Os cães vão todos em volta, ganindo, rosnando, latindo, e a Fátima numa raiva danada respira fundo, respira fundo, e não se aguenta: late junto. Agora é que a lembrança não larga.

Ela canina e os escavadores, tranquilos, mastigam a terra a duras dentadas, cospem como quem não deve nada, o bigode maior do que a cara. Diacho, São Paulo tão grande, o que eles querem com a Vila Marta? Vai ver é tudo deles, por isso sobem e descem as vielas com pernas largas, mijando pelos cantos e chutando os cães os homens as cumbucas e ela. Não sabem do que um cão é capaz, por isso continuam cavando, vai ver também não sabem que,

quando eles latem, é porque vem alguém chegando. Que não venham para o lado de Fátima. Olha, ela está até salivando.

Na Vila Marta sobe a ladeira de pedra um dois três postes passa por uma pitangueira barraco barraco barraco vira na viela depois do bar do Torto entorta no beco antes do sobrado amarelo placa de costureira geladinho escada esquerda outra escada atravessa o terreno cuidado com o prego na tábua do córrego entra na viela barraco barraco sobe a escada, olha que escorrega, vai de bota, chinelo serve, pra você galocha, atravessa o terreno segue reto vai pelos becos, vira sempre à esquerda, vai indo vai indo até o sobrado com antena, do lado tem uma viela segue segue segue nela até dar no descampado, vai ter um monte de varal daí lá na ponta, para o lado do mato, um pouco depois dos barracos, é lá, pode cavar que é lá.

E agora os cães todos latindo sem ninguém chegando. Vai ver vem de longe, de bem longe, por isso ninguém vê. Mas o cão late pra terra. Vai ver vem de dentro. De bem dentro, vai ver vem chegando entre os ossos enterrados. Esperando uma pá que encontra, escondido entre os pedaços. Entre os restos. E os cacos. Que bobagem, nada vem de dentro chegando, nada vem de sovar assim a terra, que bobagem, nada vem assim.

Mas o cão late, o cão não para de latir. Deve estar cuidando de seus ossos guardados. O cão não para de latir, vai ver não gosta de ter a terra assim revirada. O cão não para, meu Deus, ele não para. Late como um diabo, gastando os dentes, babando. Deve saber o que a terra guarda pra ele. Late para ninguém, deve saber o que a terra guarda. Não para nunca de latir. Vai ver ele sabe o que está prestes a acontecer na Vila Marta. Late como o cão, mas não tem ninguém chegando.

Cão desgraçado... Às vezes dá uma saudade do Tonho.

- Que cara é essa, Fátima? Desembucha.
- Ficou sabendo, voinha, do retratista?
- Não, o que tem ele infeliz?
- Desapareceu ninguém mais viu, voinha, acredita?
- Tem certeza que ele não foi embora, Fátima?
- Não, voinha, juro pra senhora.
- Tem certeza que ele não ficou sumido?
- Não, voinha, ele foi desaparecido.
- Vai ver ele cismou e foi para os lados do rio.
- Não foi, voinha, ficou pra terra.
- Ninguém mandou deixar a gente sem entregar retrato. Bem feito.

Engraçado como os olhos enganam a gente. Em Vilaboinha quase não tem cão nenhum, mas às vezes aparece entre os retirantes, entre os andarilhos descansando antes de ir adiante, às vezes eles aparecem com uma parte perdida, um naco faltando, arrancado à mordida. Às vezes eles aparecem com um pé faltando o calcanhar sangrando e ninguém viu nada, em plena praça e todo mundo não viu, mas também não é como se estivessem escondendo no bolso uma multidão.

Ninguém vê nem um cão em Vilaboinha, nas estradas tudo e nos casebres das famílias, mas às vezes a gente vê as mordidas, o sangue, às vezes a gente encontra as roupas que esquecem, coloca fogo, quando bate o vento às vezes desenterra um osso, um terceiro olho, não tem cão, mas o rastro às vezes desaparece, o rastro às vezes não apodrece antes de os urubus virem em revoada. Engraçado como em Vilaboinha ninguém nunca viu nem nada, mas todo mundo sabe bem onde encontrar a pá e a enxada.

TERRA É: um bicho que come gente.

PARTO É: o corpo fora de si.

Duas vezes nascida

Em Vilaboinha quase não tem criança pequena fora a bisneta da Penha. Não é difícil nascer em Vilaboinha, mas faz tempo que lá não tem parteira. Só nasce mesmo a criança que vai tateando até a beira, não cansa, o miúdo que vai tateando tateando até que alcança, na carne, a vida esse buraco imenso. As outras ficam perdidas, o cordão umbilical pelo pescoço, uma preguiça de sair da barriga, dormindo dentro mais um pouco. A bisneta da Penha arranjou jeito... a mãe dela Maria de Fátima que o diga. Olha, olha que beleza essa bichinha.

Dona Penha aproveita, gosta de ter a bisnetinha no colo pra rolar a carne entre os dedos, procurar os ossinhos, os pequenos dos braços e os pequeninhos dos dedinhos, parecem até pés de passarinho. Penha fala baixinho Maria, Maria, ela chama a netinha que nem chamava Maria Aparecida, quando tinha a filha ainda viva. Maria, Maria, Maria parece não ter nem um mês direito, mirrada, tadinha, a carne gasta deixa tudo à vista, veias, nervos, caminhos de formiga. Ela não chora por nada, uma beleza, mas a Fátima, mãe dela, coitada, desde que deu à luz qualquer coisa desaba.

A vó mostra para o pedacinho de gente o seu próprio braço que nem fosse um brinquedo, a vó encostada na pia mostra pra bisnetinha o seu próprio bracinho cheio de pele e de ossinhos, o tempo formigas dentro dela aprontando um e outro caminho. Já sofreu tanto essa bichinha, acredita que nasceu sem dar barriga? E que não venham dizer é costume de família. Não foi ruindade que nem de sua outra neta, a menina, a Penha não cansa de dizer, todos os dias, não foi ruindade nenhuma Maria nascer sem você ter barriga, a Penha diz pra Fátima, as duas pisando o chão da cozinha. Fazer o que se nossa Maria teve que vir escondida?

— O nome dela é Scarlett — a Fátima emburra, sem nem tirar os olhos lá de fora para não perder de vista sua irmã, a menina.

Maria, Maria... A mãe da Penha botou o nome da própria vó na terceira cria, imagina, do tamanho de um punho e já tinha rugas na testa, coloque na bicha um nome de velha, isso mesmo, bote Maria da Penha. A Penha para ter cria jurou, fez promessa, por isso quando nasceu a Cida ela botou foi logo o nome da santa. Maria, Maria Aparecida... Vê se isso lá é nome de criança. Quando nasceu a Fátima, a Cida mãe dela só de nomes tinha uma lista, mas a Penha não quis deixar para a sorte. Entregou a neta para Nossa Senhora cuidar, vai que a miúda nunca tem guarda boa. Penha tem para ela que criança com nome de santa a gente não amaldiçoa.

Maria, Maria... Foi só Maria de Fátima ouvir única vez o nome da filha e já sabia. Scarlett, Scarlett, Scarlett... Nome de estrela do cinema, distante, de artista. Nada de Maria, diacho, criança com esse nome já nasce sofrida, minguada, encardida. Imagina a Penha quando soube. Deixar a filha a esmo, sem proteção, só pode ser jumenta má-criação. A criança, coitadinha, o que tem a ver com essas bobearias todas de Fátima? Não carecia. Por isso a Penha sempre que pode dá jeito e chama a bisneta Maria, Maria, Maria... Já a outra neta de Penha, irmã de Fátima, tia de Scarlett, já ela ficou sem nome. Mas espera, essa é outra história.

Muito pouca coisa sobra ao sol de Vilaboinha, onde o meio-dia é tão terrível quanto a meia-noite, e a menina irmã de Fátima continua lá fora, esturricada, mas a terra não fica pronta nem nada. O vento dá jeito e faz outra vez revoada. Maria de Fátima olha a irmã comendo tudo com os olhos, a cachorra chegando quieta pertinho e, como quem não quer nada, pondo o focinho onde não devia pra cheirar a bunda da menina, bem no furo do vestido que deixa ver calcinha. Diacho, que que essa menina não para de fuxicar com os olhos?

A menina irmã de Fátima em tudo que pode enfia o focinho. Não é vergonha, não é por nada, mas a Fátima se treme toda, já pensou a filha ter nascido com olhos cabreiros que nem da menina? Fátima não quer nem pensar, diacho, já imaginou Scarlett, coitadinha, já imaginou a bichinha andando a ver a vida com olhos que nem dela são? Para o diabo! A filha é carne do silêncio, tão quieta, não dá nem um pio, coitadinha. A filha de Fátima é um anjo, só pode ser um anjo, uma santa, um milagre. A filha só pode ser um presente de Deus, uma graça, uma faca no bucho, uma faca.

Fátima engole seco, engole seco e sente a fome quieta, a fome mansa, a saudade da fome arrasadora que pariu com a criança. Scarlett não chora por nada, tadinha, é mesmo uma tadinha olhada assim bem de fora, no colo da vó, miúda, enquanto o sol faz a hora. De dentro era mais, muito mais, manada silenciosa, boiada, ventania, e uma fome danada de terra. Fúria quando, escondida em barriga que Fátima não tinha, ninguém nem sabia da presença dela.

Diacho! Nunca o sol veio tão perto de Vilaboinha quanto naqueles enfermos meses antes de a Fátima ter filha nascida. Toda gente árida a andar pela terra pra modo de ter certeza que ainda vivia e Fátima, com a doença de ter dois corações, tentando ver o que a irmã tanto via. Desde pequena a menina sua irmã enfrentava o mundo assim, comendo com as vistas.

A menina lá longe olhando o vento e Fátima bem perto da vó, fugindo da coça, dizendo que não é nada só está vendo a irmãzinha. A menina lá longe, mexendo a terra, e Fátima olhando as galinhas todas nervosas com o sol tão perto e tentando não ter a fome que tinha. Fátima olhando as galinhas, as pedras tudo e a terra mexida que a menina prepara para sua boca saliva.

Só podia mesmo ter algo terrível em querer devorar a terra que um dia vai devorar tudo a gente. Só podia mesmo ter algo terrível em querer comer esse bicho certo que espera toda morte, esse bicho certo a roer ossos, a trair a sorte. Só podia mesmo nascer algo terrível.

Nunca o sol veio tão perto da Vila Marta quanto na escavação, lá pelo terceiro dia. Toda aquela gente procurando na terra o que Fátima não sabia e ela certa de que não tinha febre: tinha o verão lá de Vilaboinha. A escavação não parava, Fátima via tudo pela fresta do barraco, diacho, a escavação não dormia, e muito já tinha saído da terra: o verão, o ar seco, a terra inquieta. E ainda assim essa gente não para de cercar tudo com fitas amarelas, eita diacho, sem nem ligar para os cães latindo nas orelhas dela. Virgem Maria!

Se Fátima pudesse enterrava Vilaboinha toda nas terras da Vila Marta, vixe, se enterrava. Esquecia. Mas com a febre e com o verão de Vilaboinha veio essa lembrança do que a vó dizia quando Fátima ainda era bem criança: a terra devora tudo. Até a fome da gente a terra devora, mas a terra não guarda tudo, não senhora. A terra não gosta de guardar segredo: ela remói tudo que é esquecimento, deixa para depois os ossos. Se é segredo ela vomita, leva na porta da gente os corpos.

Diacho, por que essa cisma em acordar terra em que nada fica? Se bem que na Vila Marta a terra é quieta, é calma, na Vila Marta a terra é secreta, e guarda. Por que essa cisma em acordar terra tão esquecida? Só pode ser terra o que eles procuram, e cavam, e cercam com fitas. E é só terra o que eles encontram até que a terra da Vila Marta fica cansada. E desenterra. Diacho. Tudo ela larga.

Que nem criança com tripa torcida. Aliás, já reparou os miúdos acabando de nascer são um monte de gente junta? Fátima olhando a menina sua irmã não consegue parar de pensar. Os ossos da vó, unhas curvas que nem de todas as primas, as roupas usadas, o nariz de família. O jeito de olhar o mundo como a tia. Já reparou as crianças nascem feito miúdos de carne juntando dos mortos as partes perdidas? Desenterrando os ossos de família? O pé virado que nem do avô, as pintas nas costas, as orelhas usadas, esquecidas, dobradas, o nariz para morar dois tatus-bola, os olhos...

A Fátima emburra, quase chora, fica mordida, a vó logo nota.

— Cara feia pra mim é fome, Fátima. Pensando de novo na vida? Não me venha com essa, sua mãe também teve filho assim, sem barriga. Não você. Você nasceu de bucho grande em terra farta. Barriga redonda, feito lombo de vaca, despontada, claro que não era homem. Mas sua irmã... sua irmã a menina nem avisou que vinha, só foi e chegou, a diaba. Até hoje não sei se Cida soube, vê se pode. Mas é Deus quem não me deixa saber, viu, bichinha, porque eu encontrei a menina no meio das tripas de sua mãe, e se eu desse por certo que Cidinha antes de morrer não conhecia a menina... Deus quem não me deixa saber, vê se pode, porque eu tinha era dado um fim no que já não existia. Onde já se viu? Uma escuridão danada em pleno dia, você se alembra, Fátima? Uma escuridão e eu perguntando cadê Fátima, Cida? E nem sua mãe nem você respondia. Uma escuridão, toda gente sem poder ver, você está lembrada? E a menina ficou nascida, gorda, nunca vi maior, junto ao corpo de minha bichinha. Ficou guardada nas cólicas dela, que de lá pra mais uns dias sempre tinha comido algo que não lhe fez bem, ela que quase nem comia, coitadinha. Depois escureceu tudo em Vilaboinha, diacho, escureceu tudo e nasceu a menina... Nem deu tempo de Aparecida lhe dar nome. Ficou

lá escondida buraco na barriga assim que nem bicho assustado. E você ainda veio de choradeira pro meu lado. Não é que nem Scarlett Maria...

— Vó — interrompe Fátima —, a senhora já me contou essa história.

— Eu sei, Fátima, e vou contar de novo, se Deus quiser. Só fico dizendo...

— Eu não sou que nem mainha, vó. Mainha está morta.

Dona Penha balança a criança no braço bom e deixa o outro doer junto ao corpo. Bota os olhos em Fátima, diaba, jumenta, mal-agradecida. Scarlett olha, pequena, miúda, os olhos menores ainda, duas santas verrugas. Dá que vai chorar. É um jeito de respirar, parece que vai desatar chorar, mas não, foi só impressão. Ou o cão passando aos suspiros embaixo da janela lá fora, lamentando o tempo, aprontando a hora, procurando o que fazer até encontrar caminho pela porta. Junto vem o olhar de Fátima.

— Sua mãe está morta? E você está o quê, viva?

Fátima faz que não ouve.

— Tem tanto jeito de morrer como tem jeito de viver, Fátima. Ninguém nem sabe que está morto até ver que vivo é que não estava. Às vezes a morte vem de barriga grande, anunciada, outras vezes ela só já veio, é bom que você saiba.

Falando na Cida, a Cida quando era viva, escuta isso, a Cida parou de lixar os pés porque sonhou com a vó ela nem conheceu a vó dela, mãe da Penha, mas parou de lixar os calos dos pés, juntar as pelinhas, enterrar, desenterrar muito depois só pra ver como fica, ela parou de tudo quando a vó dela veio de branco, roupa de casório, os pés flutuando, dois dedos do chão, quando a vó dela veio falando que nem trovão e disse Cida, minha filha, pare com essa nojeira de lixar os calos, Cida, os calos são herança de família. Toda vez que você lixa os calos meu espírito sofre, Cida.

A Cida sempre tinha recado de família. Quando era pequena, pequeninha, ela sonhava com a avó a bisavó a tataravó três carrancas emburradas, mostrando os dentes pra vida. Sonhava com as três fazendo marra, era só a Penha não arear as panelas e a Cida sonhava, era só a Penha não colocar em linha as panelas. Cida não queria de jeito nenhum queria contrariar as velhas. Mas quando às vezes embirrava, fingindo que não ouvia conselho, quando disfarçava, esquecia, então vinha um sonho esquisito, os dentes balançando, coloridos, feito bandeirinhas de São João, caindo, caindo. E no fundo um burburinho: são as avós de Cida, rindo.

A Cida sempre foi assim, vivia sonhando com domingos. Mas entendia o sonho de toda gente, com terra, com morte, com cabrito. Entendia o sonho da gente mais que tudo que era gente viva em Vilaboinha, eita diacho, de sonho a Cida entendia. Por isso se alguém acordava assustado, se alguém parava de dormir com medo de acordar do lado errado, se andava a sonhar com o que não devia, paixão de irmão escondida na briga, ódio de família, por isso toda gente dizia chama a Cida, que nem chamam a Zefa benzedeira quando criança adocece. Chama a Cida, anda, de sonho a Cida conhece.

Bem dizer a Cida quando era viva tinha essa mania: encontrar verdade por trás de tudo nos sonhos, nos dela e nos de toda gente. Essa mania e também outra: guardar os cabelos penteados, os que ficam no pente, enroscados. Ela continuava guardando os fios mesmo quando sonhava com os galhos desfiados na terra, montoeira de cabelos embaraçados, o mundo inteiro, e sua mãe gritando pra ela dar jeito. Mas o pior sonho de todos, o pior mesmo, se a gente conta ninguém acredita. Mas espera, ainda não é a hora de falar da menina.

Quando foi ao circo de Vilaboinha pela primeira vez, Maria de Fátima ainda não sonhava com gorilas. Foi grávida, não sabia. Vinha grávida, mas não criou barriga, já viu isso? Cruz-credo. Virgem Maria. Fátima vendeu tanta panela, tudo as roupas de sua irmã a menina, o porta-retratos que ganhou na rifa da capela e juntou com umas moedas quase nada que encontrava pela estrada da cidade quando ia com a vó trocar o que não ia mais ter pelo que ainda não tinha. Não teve jeito: Fátima tinha cismado ver a fantástica metamorfose da mulher-gorila.

Foi juntou tudo e comprou ingresso, pegou fila toda encolhida, um frio do diabo na barriga, feito tatu-bola se enrolando sobre as tripas, para não dar na vista a roupa pouco severa que vestia. O homem na porta, bigode maior que a cara, usando uma cartola para três quatro cinco coelhos, ficou besta de a Fátima não ser um daqueles figuras magricelas, sabe? Aqueles sujeitos sem-vergonha que fingiam ter esquecido o ingresso pra roubar as bananas-da-terra, talhadas em madeira, todas pintadinhas. Não tem cabimento, esse povo só pensa em comida! Já viu isso fome de comer enfeite? Se eu falo, ninguém acredita!

No palco a mulher vinha quase sem roupa, brilhando esquecida, uma lantejoula faltando na altura do mamilo, outra ao lado quase caindo, em sua volta um cacho imenso um cacho maior que tudo um fantástico cacho de bananas pintadinhas. Diacho, um cheiro de tinta. Toda a gente assustada e Fátima também, imagina? Roer até gastar os dentes na madeira amarela das bananas-da-terra, roer, roer, roer até ouvir o grito riscado da madeira. Toda a gente correndo do gorila correndo socorro socorro e Fátima quase é atropelada, diacho, por pouco ela não foi junto levada: ficou pensando no

gosto da tinta áspero amarga, socorro, nas dobras nos dentes nos fiapos da madeira, besteira das grandes, besteira.

Foi pra casa tratando de esquecer as bananas, dormiu para sonhar com gorilas, acredita? Besteira das grandes, mas depois que viu a gorila toda noite tinha esse sonho com a mulher vindo vestida, as lantejoulas querendo cair, algumas delas caídas, esse sonho com a mulher subindo no palco para virar gorila, vestindo as roupas vendidas da menina, imagina, logo os trapos da irmã de Fátima. Não carecia. E quando Fátima ia procurar bananas, só encontrava mesmo a da gorila, grande, peluda, erguida, fazendo os trapos de cortina. E a boca de Fátima ah a boca de Fátima salivando, as casquinhas de tinta fazendo um bigode em volta, e entre os dentes da frente um pelo enroscado um cachinho e ela nem percebia.

Todas as noites sonhava com a mulher vindo gorila e Fátima tão faminta, meu Deus, faminta, querendo a gorila feito cadela, querendo com sua fome gorila. Era tanta a fome de gorila, até banana servia: roubada, isso quando tinha, quando certo, uma por dia. Era tanta a fome gorila, até no sonho servia: bananas às pencas, verdinhas, todas brotando de Fátima feito espinhas. Bananas embaixo dos braços, na dobra dos peitos, diacho de penduricalho assanhado, quando foi ver elas já estavam por tudo que era lado. Ela que sabia apanhar sonhava em ter o doce membro do animal em tudo que era dia: besteira das grandes, descascadinha.

Esse sonho a banana entre as pernas, as pernas se lambendo entre elas, a banana quase não passando pela goela. Esse sonho uma banana toda sua, toda suada, a banana o seu membro animal, peluda, escorregando em tudo, querendo entrar fundo. Esse sonho com a banana escorregada era sua fome, era grande, amarela, erguida, era o membro que Fátima não tinha. Esse sonho entrando nas carnes de Tonho desacordado, esse sonho invadindo as carnes de Tonho mal dormindo, e aos poucos mais fundo ela ia indo, e aos poucos só mais um pouquinho... Olha, só dá pra ver os pelinhos... Esse sonho... Era sonho?

Fátima já não dormia. Não queria sonhar com a gorila. Não queria. Jurou que não queria. Mas a gorila ainda vinha. Ah, vinha. A gorila com as roupas da menina. A banana grande amarela erguida. Peluda, meu Deus, peluda. Fátima foi tentar recuperar as roupas. Não podia. Já tinham sido vendidas. Ficou sem saber o que fazia. Fez promessa. Rezou. Mais de mil ave-marias. E só aquietou os sonhos quando jurou, de pé junto, levar a irmã para ver a

metamorfose da mulher-gorila. Daí em diante Maria de Fátima sossegava a fome gorila sonhando comendo bananas e mais bananas-da-terra, amarelinhas.

- Sonhar com bicho depende...
- Depende do quê? Por Deus, Cidinha!
- Qual bicho era o bicho, Zefinha?
- Se eu lhe conto você guarda, Aparecida?
- Levo ao túmulo, pela Virgem Santíssima!
- Era um cabrito, Cidinha. Manchado. Forte feito gorila.
- O que tem demais nisso, Zefa?
- Se eu lhe conto, você guarda, não guarda, Cida?
- Guardo tudinho, Zefinha, tudinho.
- Você jura, Cidinha? Pela sua mãe mortinha da Silva?
- Pelo que há de mais sagrado, Zefa, confia!
- O cabrito era meu marido, Cida, eu juro que era ele.
- Era seu marido como, Zefinha?
- Eu vi nas costas do bicho, no jeito das pintas dele.
- Ele tinha pintas que nem as do Tônico?
- Mas não era meu marido... O que ele fez comigo, ah, Cida...
- Que que ele fez com você, Zefinha?
- Isso eu não conto de jeito nenhum.

Olha o cão. O que é que... estão tirando coisa da terra da Vila Marta. Mas é coisa pequena, é coisa... caneca. Toalha de crochê cheia de terra. Almofada de palha. Olha o cão. Panela. Tufo de cabelo. Perna de boneca. Osso de costela. Olha o cão latindo, o que mais vem chegando? Parece que estão tirando coisa da terra. Algo maior. É um... é um corpo. Mole assim não é corpo. Parece não ter nada dentro. Corpo desossado. É peludo, não tem cabeça. O que é que...? Parece que estão tirando algo da terra. Redondo. Enrugado. É uma cabeça. Não pode ser cabeça assim com tanto pelo. É sim, cabeça. Cabeça de... meu Deus, cabeça de gorila. O corpo todo, de gorila.

Antes de contar a história da menina, é bom dizer que Maria de Fátima não nasceu que nem a irmã, sem dar barriga pra Cida. Muito pelo contrário, a Cida ficou buchuda, redonda, teve até gente dizendo era lombriga, olha, olha o tamanho da barriga a Cida. Teve até gente arranjando jeito de fazer visita, anda, vem ver de perto senão você nem acredita. A Fátima na barriga da mãe se esticava dava voltas, batia as pernas batia os braços, indo embora pra onde, meu Deus? Cida qualquer coisa chora. Passou os meses todos decidindo o nome da filha, lembrando longe, fazendo lista. A Penha muito antes já sabia, claro que sabia.

Viu a barriga da Cida crescendo coçando feito caroço de saudade. Entregue sua filha pra santa, a Penha disse assim que nasceu a criança, não precisa ficar nem de escolha nem de lembrança, ouviu, Maria Aparecida? Nome de santa. Por todos os meses antes de ter a neta nascida Penha viu a filha olhando longe, esperando chegada. Quem demora tanto, meu Deus? Penha não fez pergunta, conhecia Cida. Não fez caso. Fez caldo. Fez todo feijão que podia. Fez companhia. Pediu misericórdia. Pediu saúde pra miúda que vinha. E nunca soube ao certo quem era o pai da pequena.

O que aconteceu antes ninguém acredita. A vó, a bisavó e a tataravó de Cida tinham feito a coitada cavar tudo em volta da casa procurando relíquia, quem disse que ela encontrava? Cavou tudo, a Penha reclamando a desgraça, mas as velhas estavam era achando graça da neta perdendo o tempo com a troça. Relíquia de família uma ova! Quando Cida percebeu ficou foi brava, saiu metendo os pés pelas estradas, amaldiçoando as avós, a mãe, mesmo quem ela não lembrava, diacho, amaldiçoou toda a família, até que percebeu que estava perdida. É sempre assim nas estradas de Vilaboinha: qualquer vento forte e elas embarçam feito linha. Daí só o diabo para pentear.

Só que a Cida dessa vez não estava sozinha. O sujeito estranho, bigode, corcunda, olhos diurnos como ela não conhecia, um formigueiro do diabo na pele clara, o sujeito não falava nossa língua. O sujeito de pele rasa, um cajado para as ovelhas que contava antes de dormir, os cabelos dormidos no chapéu de aviador, o sujeito tentou dizer para a Cida tentou tentou e não conseguiu dizer o que tanto queria. A Cida, mulher estranha, cabelos arbóreos, braços de ripa, ouvia tudo, entendia nada. Era uma reza, só podia ser, o sujeito punha os dentes no caminho, Cida não entendia nadinha, o sujeito trotava com os dentes, vê se pode, ciscava com a língua. Foi ciscar na nuca da Cida nos beijos nos peitos. O pai de Fátima.

Toda vez que a Cida pensava em fugir, grávida, toda vez que pensava em ir atrás do pai da filhinha, correndo, correndo, toda vez a vó voltava, com a bisavó e a tataravó, três carrancas, bravas. Quando a Cida, decidida, ia levantar juntar os trapos, sonhou com o avô, que ela nunca viu nem em retrato, encolhido, encolhidinho, coitado, tentando ter o ranço das mulheres da família. Quando já ia saindo, pronta, sem ter nem pra volta, a bisavó apareceu, vestido longo de chita, cabelos longos de santa, e sussurrou no ouvido da Cida. Ela não ouviu nada a bisavó falou tão baixinho, a Cida não ouviu nada, mas entendeu tudinho tudinho e voltou para dentro arrependida.

Se tivesse ouvido a bisavó dizer, se tivesse escutado o que ela sussurrou, Maria Aparecida ia saber o que a vida guardava para sua mãezinha. Mas a bisavó de Cida inteira diante dela não carecia recado. Cida se tremeu toda com medo de ter acordado do outro lado. A bisavó inteira, sem sombra, sem vento, só a bisavó diante dela, feito imagem perdida de santa, a vó da Penha. Achou que esse tinha sido o pior sonho de sua vida, era só olhar seus braços sua mão tremia, depois se benzia toda vez que lembrava. Quem dera tivesse sido o pior sonho da Cida. Coitada.

No dia de parir a criança, Fátima amanheceu comendo terra. Não era a primeira vez naqueles dias enfermos de sol beirando o chão, mas logo soube: seria a última. Comeu tanta terra e o calor era tanto que quase alcançou um poço. Comeu tanta terra que passou a sentir terra tossir terra e respirar assim que nem terra através de tudo que dela brota.

Na terra comeu os bichos, os ossos vencidos e as plantas vencendo. Na terra comeu a água esquecida, as pedras, as coisas perdidas, metais preciosos e até uma concha de mar antigo. Tudo o que tinha gosto do que não era terra ela enterrava mesmo dentro dela, lamacenta, como o que a terra há de comer. E comeu sempre pensando, contentada, que era nisso que os homens se convertiam diante de um verão que ela não conhecia tão quente.

Mas dentre todas as coisas, dentes, escorpiões, dolorosas nuvens áridas, dentre todas as coisas empoladas na goela seca, nada descia tanto como terra a garganta pedregosa de Fátima quanto o pressentimento pedregulho de que alguma coisa ia acabar brotando daquela terra toda.

- Todos eles, Carminha?
- Todos, Cida, de uma vez.
- Como sucedeu isso, Carmem de Deus?
- Não sei, Cida, era um do lado do outro, tentando...
- E conseguiram?
- De um jeito ou de outro, gente que eu nem conhecia...
- Carmem, você sabe o que isso quer dizer, não sabe?
- Oxe, não sei não, Cidinha.
- Sonhar com terra...
- É, era como se eu fosse feita de terra.
- E eles cavavam você, todos eles?
- De todo jeito que podiam.
- Diacho, mas tem quem não lhe queira bem?
- Todas aquelas pessoas em cima de mim...
- O que tem elas, Carminha?
- Todas elas queriam meu bem.
- Todos elas, Carmem de Deus?
- O que isso quer dizer, Cida? É coisa ruim?
- Você quem me diz, Carminha.
- Tenho pra mim que chamego nunca é demais.

O pior sonho da vida da Cida não foi aquele com as estrelas caindo, caindo, entrando por suas narinas, entupindo tudo, e a Cida espirrando que nem louca. Muito menos o das estrelas chovendo tomando o corpo da Cida, e a Cida feliz que nem o diabo, o corpo tomado, desse sonho ela até gostava, mesmo com as avós escondidas olhando tudo dando risada. Também não foi o da terra abrindo embaixo dos pés de Cida, ela sempre tinha esse sonho com a terra abrindo e ela caindo devagar devagarzinho até a Penha acordar a Cida gritando filha, filha, você está fazendo aquilo de novo, Maria Aparecida.

Teve também os sonhos da Cida tropeçando nas pedras não conseguindo andar, ela tentando falar com mainha e só conseguindo piar, piar, piar. A Cida vez ou outra sonhava com formigas, e que ela guardava uma lesma em vez da língua. Já sonhou com mosquitos morando em seu ouvido, contando baixinho uma história, e a Cida querendo saber o que acontecia, mas o mosquito trovador só zunia só zunia por horas e horas. Às vezes as formigas cismavam em morar embaixo das unhas de Cida, lugar quente protegido esquecido, e ela passava sonhos e mais sonhos estralando os túneis que sobravam para as unhas dos dedos dos pés.

Cida já sonhou com passarinhos bicando os pelos do seu sovaco, arrancando um a um, e com cabritos que percebiam que estavam pelados, e com a mãe chorando chovendo pendurada na árvore que ainda crescia, e com uma caravana que viajava para costurar as rachaduras da terra com linha, a Cida sonhou tão empenhada que pensou até em sair com a caravana pela estrada, e também sonhou com toda Vilaboinha num chamego lascado na escuridão, a cidade todinha, engraçado, ela não via nada, só ouvia a gente toda feliz com as carnes em festa, e ficava com vergonha das avós, quieta, fingindo não estar nem interessada. Nenhum desses foi o pior sonho dela.

Meses antes de morrer ela teve um sonho com cachorros um monte de cães vindo famintos cheirando o corpo de Cida, botando o focinho, para ver se ela estava viva. As avós atrás da porta, escondidas, e a Cida sem poder nem mexer, só vendo os cães cheirando, lambendo seus pés, os cães chegando, as orelhas erguidas, os cães eles têm o cheiro de seu marido, os cães nem ligando para as avós na sala, os cães trepando nas pernas de Cida, com os braços, os cães procurando no corpo dela um espaço, os cães trepando em Cida aos montes, e a Cida imóvel, como se estivesse dormindo. Foi terrível. Mas não foi o pior sonho de Cidinha.

— Sonhou com dentes de novo, mainha?
— Mais essa vez, Cida.
— Estavam moles?
— Pelo menos não caíram, os bichos.
— Tinha daqueles no céu da boca crescidos?
— Não, Cida, dessa vez eram todos caninos.
— Os dentes todos? Caninos?
— Sim, como estes, todos como estes dois.
— Algum deles quebrado?
— Não, Cida, todos inteiros e bem afiados.
— Tenho pra mim que os caninos...
— O que tem eles, Cida? Fala.
— Os caninos sabem o que querem.
— O que eu tenho com isso, minha filha?
— Eles brotando da boca, nascendo da gente...
— Quer me assustar, é, Cida? Oxe, menina!
— Já reparou os caninos são como pontas de costela?
— E o que quer dizer isso, Cida? Fala.
— Não precisa preocupar, mainha. Mas sonhar com dentes quer dizer morte.

O pior sonho da Cida se a gente contar ninguém acredita no pior sonho da Cida. Ela está grávida, buchuda, prenha, ela sente a própria barriga entre as mãos, passeia as pontas dos dedos, junta sujeira nas unhas, está tudo escuro então ela não vê nada, ela só sente a curva da pele, o umbigo, os pelos erguidos, ela sente a barriga crescendo, crescendo, ela sente a criança dentro. Flutuando. Se a gente contar ninguém acredita, mas a Cida acordava desse sonho todos os dias, ela acordava crente que estava mesmo grávida, o umbigo estufado na barriga redonda, ela certa de que logo logo ia ter criança, ela acorda e procura e procura a barriga e não encontra.

Era um sonho só um sonho.

Se a gente contar ninguém acredita, mas no pior sonho da Cida a barriga ia crescendo, nem a Cida acreditava, a criança ia crescendo no sonho, e sumia quando a Cida acordava. Ela podia jurar, antes de abrir os olhos ela podia jurar que a barriga estava lá, enorme, redonda, ela podia jurar pela mãe, por Fátima, por tudo que era dela. Mas os dedos iam procurando, ela não acreditava quando os dedos percorriam a barriga e não encontravam nada. A Cida quietinha para não acordar o marido roncando feito cão, a Cida miúda pra não espantar Maria de Fátima, chorava chorava escondida, diacho, que saudade do que ela nem tinha, diacho, onde foi parar sua barriga?

No pior sonho da Cida ela tinha medo, todos os dias, tinha medo de a filha nascer com a peste chegada em Vilaboinha, ter duas caras, tinha medo de a filha nascer repartida. Ela grávida no sonho acordava sem barriga e chorava e agradecia, com medo da peste tomar sua cria. Ela sem barriga nenhuma perguntava pra toda gente que história é essa peste do sertão, nascer com duas caras, meu Deus, isso não. Ninguém entendia a Cida tão preocupada, nem a Penha, essa não entendeu foi nada. Ninguém entendia, mas a Cida

quando tinha chance perguntava e toda gente respondia, diacho, Cida, você está ou não está grávida?

No dia do eclipse em Vilaboinha, quase na hora, Cida foi dormir pra sonhar a criança. Ela fechava os olhos, dormia e, lá fora, o dia escurecia. O eclipse parecia sonho, a Cida que o diga. A criança logo veio como em todos os dias: na barriga enorme, capaz de esconder o sol. O mesmo sonho, a Cida passeando os dedos pela barriga, sentindo os pelos, o umbigo acordado, o mesmo sonho até que a Cida, que foi tirar um cochilo como em todos os dias, o mesminho sonho até que a Cida, se a gente contar ninguém acredita, até que a Cida sonhou com o parto e acordou do outro lado. Ficou dormida. Quieta. Fria.

O sonho veio igualzinho igualzinho, a Cida sentiu a criança flutuando, o peso da barriga, a criança calma como em todos os dias, de repente querendo sair, a criança querendo sair da Cida, de repente o sol e a lua e a barriga, de rompante, eita diacho, um eclipse escureceu a mãe e clareou a filha. Dava até pra dizer que a bolsa era o sonho, dava até pra dizer a criança estourou o sonho, nasceu do sonho viveu pra esse lado, ninguém acredita se a gente diz, mas dava até pra dizer. Porque a Cida morreu sonhando o parto e lá estava a menina, quietinha entre as pernas da mãe frias, pequeninha pequeninha, carnes confusas feito tripas.

Maria, Maria, Maria Aparecida... morreu e nem pôde dar nome pra filha.

Na Vila Marta as pás finalmente descansam. Os escavadores, empoeirados, colocam as partes do gorila em sacos fechados. O corpo mole, com a cabeça ao lado. A terra vai junto, nos pelos do gorila, nas pálpebras dos olhos vazados. Vai nas rugas do rosto, nas unhas, em cada fosso. Os escavadores colocam o material recolhido de lado, e tiram as luvas de plástico. Com as mãos nos cabos das enxadas, preparam a terra para um novo parto.

Um dos escavadores guarda no bolso da jaqueta o achado: uma fotografia. No meio da terra levantada, as gentes fotografadas, descalças, dispersas no papel gasto. No meio do papel, uma criança de colo, corpos esvoaçados, olhares prontos, partidas, um medo danado, tudo quieto, guardado, tudo no papel, as pessoas mais para um lado, meu Deus, tudo enterrado.

É quando alguém bate na porta de Fátima.

A primeira vez que Fátima viu a criança, era ela inteira uma verruga. Ficou com medo do que pudesse não ter feito direito, do que pudesse ter deixado a pequena ser esse monte de dobras, costura errada de restos. Solto um riso nervoso, um medo de que a verruga fosse sua. A criança, uma surpresa. Mais uma dor, que era seu jeito diário de conhecer o corpo adentro, a criança mais uma dor e ela nem reparou essa dor era gente.

Pegou no colo a sua pequena verruga, tentando fazer de mãe. Pegou no colo e sorriu e foi mostrar pra vó, olha só o que eu encontrei no meio das minhas tripas. Não era doença, a dor era criança. Pegou no colo e tentou levantar, então gritou a vó, gritou a vó pra não ouvir mais a vontade que tinha de abrir a criança ali mesmo de abrir a criança bem no meio pra ver o que dentro dela vinha. Por fora, essa verruga.

— Vai se chamar Scarlett.

A primeira vez que Fátima viu a filha crescida, vinte anos mais velha, com sua trouxa de Vilaboinha, ela ainda era uma verruga, que agora na Vila Marta nascia. Toda suja de terra, os pés secos, raízes nos cantos das unhas, um lamaceiro de suor, Fátima ficou com medo, ficou com medo do que a porta abria. Soltou um riso nervoso, meu Deus, era mesmo a filha, só podia ser ela, sabia. A filha que deixou em Vilaboinha, com tralhas, panelas, um recorte de homem na revista, diacho, tudo o que não cabia. A filha que rebentou de si quando veio para São Paulo fugida.

Ficou com medo do que a cria trazia: encontrou nos olhos rasgados dela tudo o que deixou para Vilaboinha, as terras compridas, os restos da família, meu Deus, o calor do meio-dia. Podia arregaçar olho por olho, arrancar com os dedos o que vinha, cada coisa, os maços de cabelo que a vó guardava, tudo que o tempo não comia. Podia juntar tudo e guardar escondido em terra quietinha. Só podia estar outra, devia ser a febre o verão de Vilaboinha, só podia: porque a filha era quieta de tudo, Scarlett era a mais quieta de todas as terras. O melhor lugar para enterrar era ela.

E agora os cães pararam de latir: era ela quem vinha, ela. A filha vinte anos mais velha.

FILHA É: amor que come a gente por dentro.

PERIFERIA É: longe da cidade dentro dela.

Vinte e um dedos sem contar essa verruga

Na beira das casas, na noite de Vilaboinha, bom mesmo é fumar cigarro de palha vendo a fumaça o céu estrelado pensar na vida, diacho, pensar na vida. Engraçado não tirar Fátima da cabeça, logo agora o céu estrelado, a brisa quente botando os cabelos do peito um pouco mais para um lado, engraçado a Fátima não sair da cabeça logo dele que nunca foi homem de gostar tanto assim, logo dele que nunca foi nem de gostar. Mas agora a brisa a fumaça o céu estrelado e Tonho tem certeza. Ele tem certeza. Diacho, como ele ama essa mulher.

Pegou Fátima pra casar ela ainda era pequena quase uma criança. Não gostava nem dela, diacho, nem gostava dela menina. Mas ela sempre teve essa coisa, essa coisa que ele não sabe, esse jeito de não querer as coisas ela sempre teve. Pegou Maria de Fátima pra casar, não teve jeito depois do acontecido, diacho, não é nem bom ficar falando disso. Pegou a Fátima e desde então não fica sem ela de jeito nenhum fica sem lençol na cama de palha, sem seu jeito de servir a cuia, jeito calmo, sem cão nenhum, sem o silêncio de Fátima ele não fica.

Gosta dos peitos de Fátima, um menor que o outro. Gosta dos pelos de Fátima, floresta crespa tropical nas coxas úmidas. Gosta do pé seco de Fátima do pé rachado dela. Gosta de como suas olheiras sacos de areia carregam toda tristeza carregam toda tristeza desse mundo e de suas bochechas feito bolas cansadas de jegue, desmerecidas. Gosta de como Fátima sorri pequeno envergonhada quase não sorri. Mas o silêncio... Fátima fica em silêncio o céu estrelado, Tonho respira fundo dá o último trago: diacho, como ele ama essa mulher.

Ninguém segura faca com mão frouxa, menina, corte preciso não tem dó nem piedade, a Fátima fala. A macaxeira se corta com a faca perdendo o fio na macaxeira, as duas empunhadas, as duas firmes, desse jeito, olha, se não desgrça. Já pensou, menina, ter o braço vencido pela faca? Assim a Fátima tem que deixar a irmã, com braços firmes pra vencer nem que seja na marra, assim ela tem que deixar a menina sua irmã antes de ela mesma deixar Vilaboinha, diacho, ela não pode ir para São Paulo e a vó Penha ficar só ela.

Por isso ensina a irmã todo dia. Fátima fala pra vó que vai precisar de ajuda com a criança. A menina leva jeito, voinha, Fátima aproveita e conta. A vó não acredita, fica com pulga atrás da orelha, uma dúzia, mesmo assim deixa, vai, Maria de Fátima, só não abusa. Escondida da vó a Fátima bota a menina pra treinar com a faca, a Scarlett fica dormindo, tão quietinha, uma graça. Escondida, um calor do diabo e a Fátima deixa as janelas fechadas, ela mora com o Tonho ele nunca está em casa, escondida ela grita a menina, anda, anda, diaba, faz direito, anda, desgrçada, dê seu jeito.

Sem Fátima a Penha não fica, tem braço ruim falta de vontade, o diabo. Consegue matar galinha, isso é, mas não pode com a dureza da macaxeira. Se botasse força conseguia, mas a vó tem vez que fica de besteira. Quando a menina sua irmã for o braço da vó, Fátima vai embora tranquila sem medo sem culpa, tranquila, meu Deus, que nem o sono da filha. Quando a menina sua irmã souber ser melhor que o braço ruim da avó, Maria de Fátima vai pegar a filha, saco de roupa e cuia, vai pegar isso tudo o que tem e vai picar mula.

Quando a menina for o braço ruim da vó, Fátima vai comprar passagem pra São Paulo, já foi vendendo tudo que tinha guardado, conseguiu juntar um e outro cascalho. Fátima vai comprar passagem e vai contar pra vó sem

desviar olho sem inventar assunto, vai chegar na vó sem desculpa nenhuma sem dar com carroça na frente dos bois, vai chegar na vó com a passagem comprada e a trouxa com as coisas da filha, vai chegar na vó e dizer: ela e Scarlett estão indo pra São Paulo fazer a vida. Não tem jeito de ficar em Vilaboinha.

Mas não preocupa, a Fátima tenta: assim que a menina aprender a empunhar a faca, a vó sozinha não fica. Assim que a menina sua irmã aprender a não soltar a faca, a segurar com vontade a faca, com força, a botar as duas contra, a macaxeira pronta, assim que a menina aprender a deixar de ser tonta, Fátima vai embora sem ter que deixar a vó sozinha. A vó não vai mais preocupar Maria de Fátima, assim que a menina. Quero só ver a Penha quando souber disso. Imagina.

Na Vila Marta, lá por esses dias, a escavação encontrou uma viga de madeira. Era só o que faltava! Ninguém sabe o que aqueles homens, diacho, o que aqueles escavadores querem com a terra, mas tudo a gente sabe o que a terra não quer mais pra ela, canecas, viga de madeira, cabos de panela. Tudo a gente e a Fátima dão jeito de olhar pelas frestas, forçando as vistas, quem mora longe vem se espremer nas esquinas, os homens com cesto de roupa, as mulheres carregando marmita, e não é tudo que olham, não. Só olham mesmo o que chama atenção de um cão.

Os cães patas inquietas não têm paciência, querem logo, cheiram, cercam, querem cercam logo cheiram a viga de madeira desenterrada. Ela se ergue do chão feito árvore reta geométrica, feito árvore que Deus não fez ela se ergue do chão, pertence ao chão, continua o chão, cresce contra ele, coitado. Maria de Fátima tem para ela que só pode mesmo ser obra de tempo jumento. Diacho. Foi só os cães latirem e toda gente já ficou olhando, a Fátima com um medo sem tamanho, tentando esquecer Vilaboinha.

Ô gentinha enfezada! Os homens em volta cercam tudo com fitas e guardam no bolso as vigas fotografadas, junto das fotografias encontradas. Fotografam tudo, diacho, fotografam tudo e guardam. Separam partes em sacos e guardam, tudo eles guardam, eles arrancam da terra e enterram nos plásticos. Todo mundo sabe ninguém sabe, mas tudo a gente imagina o que eles vieram buscar ouro diamantes ossos. Tudo a gente imagina os tesouros e as minas e os restos de família, diacho, onde foi parar a imagem da Santa que a vó Penha tinha?

Os homens não param nunca de cavar, brotam lascas de bambu, traços de cipó, uma cabeça de boneca veias azuis feitas a caneta, toda rabiscada, mais uma viga, essa quebrada. Eles não param nunca de buscar: tiram a terra dos

pedaços desenterrados, tiram as garras da terra assim como quem tira o pó de um tempo pesado, passando o dedo dá até para riscar no casco. Fotografam. Juntam as coisas em famílias e tiram retratos. Tentam arrancar a terra das lascas, mas o barro não abre mão. Fotografam e sacodem a fotografia, assopram as lascas, mas não adianta, não adianta. Mesmo assim os escavadores continuam.

Diacho, onde eles vão parar?

- Diacho, todo dia esse barulho, todo dia.
- Assim não tem quem aguento.
- Eles querem é acabar com a paciência da gente.
- A minha foi embora faz tempo.
- E como não? Deixar a gente nesse desalento.
- Coitada daquela mulher, qual é mesmo o nome dela?
- Maria do Rosário? De Fátima? Da Penha?
- Coitada, olha, por pouco não tiram junto o barraco dela.
- Quem mandou construir na encosta?
- É verdade, tem gente parece que gosta.
- Deve estar surda, a coitada, mal sai de casa.
- Pelo menos esses dias recebeu visita.
- Mentira, danada, me conta?
- Contar o quê? Não sei de nada.
- Mente, lazarenta, mente que eu acredito.
- E isso agora, que diabo são essas fitas?
- Você que é a sabichona aqui, querida.

Para bem dizer Vilaboinha é mesmo terra boa de ir embora, com suas lufadas de vento suas terríveis lufadas de vento, é lugar de todo dia enterrar de novo um morto. O vento vem, a terra qualquer vento levanta e tudo que é vindo leva terra galho seco farinha café, leva todo santo dia corpo pra fora da terra, leva morto pra beira das portas fazer visita. Terra boa de ir embora é assim: nem morto fica. Imagina essa gente: ou bate um vento e vai, ou bate um vento e estica. Diacho de vento... Por isso é bom ter facão em dia.

Fátima tem pra ela que São Paulo é terra boa de chegar. Fátima e a criança vão chegar na chuva, vão tomar banho de chuva no banho de chuva nada fica, só a gente. A terra vai toda embora vão junto as lembranças de Vilaboinha. Ninguém nega feijão fubá farofa pra ela que vai assim na vida, criança pequena metida nos braços, tão pequeninha a bichinha. Ninguém nega prato de comida serviço estadia, olha que pequeninha é a criança, olha que tadinha.

Ela vai dizer que foi pra São Paulo embora para modo de não sofrer de lembrança, uma tristeza só, ela vai dizer, o marido homem bom morreu assim que nasceu a pequena. Moribundo disse vá, vá pra São Paulo, Fátima, vá, fique tranquila, ela vai dizer, felicidade não é pra todo coração, ela vai dizer, ela vai dizer, quem dera fosse acontecido e ela nem tivesse que dizer. Fátima vai para São Paulo contar sua história, mas em Vilaboinha a faca não corta. Ela quer ir contar sua história, mas a faca, diacho, não corta: a Fátima volta.

Nem isso a menina resolve, a faca está cega, nem isso a menina resolve: diacho, ela mal enxerga. Maria de Fátima levanta, o coração distante, estradas atravessadas em suas costelas magras, Maria de Fátima levanta, o banco deixou suas pernas lascadas, ela levanta, não reclama, e vai outra vez amolar a faca. Em São Paulo ela vai ser outra, sem a saia da vó, vixe, você nem

imagina. Fátima sacode a poeira: o sonho enfraquece a casca. Sacode a poeira, gasta o sonho na força, vence o gosto na raça: vamos, Maria de Fátima, vamos, mulher de Deus, o que é seu ninguém tasca.

— Segura direito...
— Mas Fátima..
— Anda, menina...
— Mas Fátima...
— Segura de jeito...
— Mas Fátima...
— Bota força, anda...
— Mas Fátima...
— Apoia assim...
— Mas Fátima...
— Dos dois lados...
— Mas Fátima...
— Põe mais raça...
— Mas Fátima...
— Que foi, diacho?
— Faca é capricho...
— Cala a boca e corta.

O barraco de Fátima é quarto e cozinha, bem no meio da Vila Marta, ela mora sozinha. As poucas coisas que a Fátima tem ficam guardadas em caixas de papelão de biscoito Costone, amontoadas atropeladas juntas todas aos pés da cama, um colchão. As poucas coisas que ela tem não chegam e encher duas três no máximo quatro caixas, uma delas fica aberta, as tampas braços para o alto pedindo o que falta. Quando se mexe dormindo, Fátima guarda os pés juntos entre as caixas, ela toda espichada, toda espichada os pés entre as caixas, ela toda entre as caixas, gostoso demais, gostoso que nem guardar língua quente no buraco osso do dente.

Toda vez que Fátima deita ela sente o chão batido, ondulado, duro, ela sente o cheiro sujo, o cheiro molhado e, se vai um pouco mais para o lado, as farpas da parede de ripa lhe dando um abraço. Ela, ondulado com a terra, as batatas da perna palitadas pelas farpas, ela olha a felicidade desbotada da garotinha sorrindo o maior sorriso do mundo, cheio de dentes, a garotinha Costone sorrindo pra sua bolacha Costone, contente, e só assim consegue dormir. Mas agora com toda essa gente revirando a terra com enxada pá colher de pau, toda essa gente acordando a terra secreta da Vila Marta, toda essa gente e só pode ser milagre, diacho, só pode ser milagre a garotinha Costone ainda estar contente.

— Scarlett?

Lembra a última vez que Fátima viu a filha? Ela era só um pedaço de gente, mirrada, coitadinha, miúda que só, mal cabia nas roupas de família, a vó tinha até que fazer nó. Nem chorar sabia. Mas agora Scarlett diante dela, crescida, a filha vinte anos mais longe, mais filha, diacho, bem que podia não ser. Deus que lhe perdoe, queria ver a filha, tadinha, queria, claro que queria, quem não ia querer? Se bem que agora tudo o que Fátima quer é deitar

espreguiçada, botar os pés bem juntos bem guardados e ver o sorriso da garotinha Costone, desinteressado. O que tem demais nisso?

Diacho. Scarlett diante dela é também Scarlett vinte anos bem longe, vinte anos que ela não conhece crescendo criando a filha trazendo de longe a mulher meu Deus vinte anos meu Deus olha, olha como ela é. Vinte anos e a filha decide vir ter com Fátima vinte anos o que será que ela quer com esses vinte anos separando suas carnes, meu Deus, o que será que ela quer?

Em Vilaboinha tudo a gente sabe, quase não tem cão fora a Magrela. A Magrela não morre nem de todo dia apanhar da dona Penha, a danada, e olha que a Penha ô mulher pra ter mão pesada. Uma vez o Tonho tentou matar a Magrela tadinha da Magrela, o Tonho acertou a ripa nas costas dela, bem no meio, um barulho do diabo, o Tonho acertou com gosto de um e depois de outro lado e sabe o que que a Magrela fez? Nada, coitada. Não fez nada. Arrumou as patas e voltou a dormir, que nem a gente quando se mexe de um incômodo.

A menina neta da Penha ficou até pensando, diacho, esse talvez fosse o jeito da Magrela de morrer, mas não: a bicha acordou dali a pouco, quando o vento trouxe cheiro novo. Que jeito mais estranho de morrer, é verdade, mas quem ia dizer que a Magrela era assim tão tinhosa nesse corpo rabo pelado costelas à mostra? Fora a dona Penha, quem ia dizer? O Tonho nem se fala, mata todo cão que encontra quieto ganindo latindo, mata os cães latem até a morte eles latem e mesmo mortos eles não param nunca de latir, bem feito.

Quando o Tonho ouve a respiração sofrida de um cão ele acha que matando os cães ali fora vai matar também os seus. Não sabe pra que latem, só não aguenta mais ouvir o tempo inteiro latidos o mundo inteiro latindo não aguenta mais, então tudo que é cão ele vai e mata na paulada. Menos a Magrela, a Magrela vocês vão logo ver, ela dá sempre um jeito de arrumar as dores e voltar a dormir.

— Scarlett, você quer polvilho?

A filha pega, bicando com os dedos. Ela não sorri como a garotinha na caixa segurando o biscoito Costone, quem dera. Scarlett não sabe sorrir, ela bica, bica, engole. Não é bonita como a garotinha Costone, não tem a felicidade que a garotinha tem em nunca comer seu biscoito. Ela bica o polvilho com os dedos. Não é bonita como a filha da gente deve ser. Bichinha esquisita, cabreira, ela bica o polvilho com os dedos. Ela não é desbotada, ela é cheia de terra, de fome, de fome. Ela não é como a filha da gente deve ser: sorridente, e segurando um biscoito Costone.

Mas filha é assim mesmo, a Fátima sabe, meu Deus, a Fátima não sabe a Fátima só imagina como é ser mãe. Mas, diacho, quem é que sabe? Scarlett diante dela e ela tenta, a filha não diz, fica pouca, a filha diante dela e Fátima vai falando eu não sabia que você vinha, Fátima vai falando achei que você nunca ia vir, as cartas que mandei as cartas muitas vezes se perdem. Ela vai falando achei que você não soubesse dos ônibus para Vilaboinha, ônibus é caminho partido, ela vai falando, ela vai falando, diacho, ela não para de falar, mas a filha não responde, Fátima vai falando mas a filha

Não dá pé dizer, mas se a gente olha direitinho Scarlett mais parece um urubu. Bica a comida com a calma de quem conta com a sanha da morte para comer. Aprendeu a esperar, só pode ser.

Fátima vai falando você lembra esse alguém que eu conheço, eu não sei quem, diacho, esse alguém, está na ponta da lembrança. Eu não sabia eu só pensava como você ficou sendo, ela vai falando, você estava longe eu estava longe mas. Ela vai falando, mas a filha, sabe esses urubus manchados, desses que se escondem no meio das galinhas? A filha cabeça adiantada de urubu,

erguida, a filha olhos escuros mirando a morte. Fátima vai falando, mas a filha

Diacho. Esse tempo todo e Scarlett é sua filha, isso o tempo não tira, nem a espera, isso as cartas não chegam, nem os ônibus levam. Fátima vai falando está na ponta da lembrança, calma, calma, a gente logo alcança, a lembrança é manca, ela vai falando ela não para de falar. Eu não lembro muito da vó, a vó não me deixa lembrar, eu tento fechar os olhos procurar longe, eu tento, mas a lembrança da vó é pesada, diacho, a lembrança da vó

Ela vai falando o rosto da vó eu não lembro a vó eu nunca esqueço. Ela vai falando, a Fátima vai falando. Mas a filha imóvel a filha imóvel que nem urubu. A filha insistente a filha crente que nenhum cadáver se adia pra sempre. Urubu querendo a morte da gente. Fátima percebe, tenta falar é comigo que você parece, Scarlett, é comigo, ela tenta falar, mas a filha não responde. A filha espera. Scarlett só espera. Fátima devia dar um jeito e arrumar benzedeira.

Em Vilaboinha quase não tem cão, a gente está cansada de saber. Cão nenhum fora o Tonho. Dentro dele os cães latem dentro dele querendo sair. Latem, querem que ele saia. Latem. Querem que ele deixe o corpo. Latem que ele saia de si dê o fora zarpe vá bem longe e só quando não voltar eles ficarão quietos, ganindo baixinho, remoendo um osso quietinhos, bem quietinhos. Ele é o osso, ele sabe que é o osso, eita osso ruim do diabo.

Enquanto Tonho resiste, enquanto quer ser Tonho, os cães latem. Latem latem latem e o som do latido vem dentro e reverbera todo Tonho, todo líquido de Tonho todo. Bumba as paredes de Tonho. Tonho treme. Os cães latem. Tonho treme, treme, treme, não quer mais ser Tonho, faz tempo não é Antônio. Os cães latem latem cavam em Tonho esse desejo latido tremido crescido até tomar conta de Tonho, até ser Tonho, até Tonho não dar conta de atender por Tonho.

Dentro dos cães o Tonho está preso. Bate. Chuta pedra, puxa cabelo. Bate bate bate com a ripa nas costas com as costas na parede com a parede no pé. Bate, é o único jeito de os cães saírem, largarem seu corpo a manada que é, bate, bate, bate, é o cão que se bate, não pode ser Antônio, não pode ser Tonho. É o cão. Mas ele não para por aí, é claro que não. Coitada da Fátima, já não bastava ter o marido um doido zanzando pelas estradas?

A Fátima sente o cheiro de sua própria morte. Scarlett, mulher pronta, bica a quietude, as tripas de Fátima, rodeia suas palavras com palavra nenhuma. Scarlett que tem vinte anos Fátima não via, Scarlett espera sua morte, espera a carne que sobra de todo silêncio. Fátima não sabe o que é filha o que é urubu. Devia saber. Passou tanto tempo imaginando a fantástica metamorfose, cada detalhe, mas a mulher-gorila nunca se desfaz assim diante da gente, lentamente em urubu.

A mulher-gorila sabe o caminho de ser gorila, ela quebra os ossos converte pele em pelos, feito quem dobra a língua e pisca os olhos e alcança a língua no nariz. A mulher-gorila volta, ela volta a ser mulher para o próximo espetáculo, inteira, a mulher-gorila volta, ela sabe virar gorila num minuto ela sabe voltar. Diacho, Scarlett algum dia foi criança? Não parecia. A filha, bem no meio do caminho urubu-mulher, a filha um monstro, não sua garotinha Costone. O jeito de Penha, todinha.

Só podia mesmo ser filha de Tonho.

Tonho derruba a porta, bem que eu disse coitada da Fátima. Tonho não vê nem nada, vai direto na mulher. Por que diacho essa porta fechada? Ele bate na mesa, vira a cabeça. Ele bate na mesa bate na mesa perdeu a cabeça. Então ele bate: pra se livrar do cão. De novo ele bate: pra sofrer nos outros. Ele bate tudo que é dia ele bate. Ele bate ele não vê corpo, ele bate, bate, bate ele não vê corpo, ele bate bate bate em cão nenhum ele bate. Ele não vê corpo nenhum ele nem vê nada até topar Fátima pouca ele não vê Fátima nenhuma no meio de tanto Tonho até topar com Fátima quase morta.

Naquele momento diante de Fátima moída de apanhar, naquele momento antes dele tentar esquecer depois de ela todo tempo querer morrer naquele momento, como ele ama essa mulher, naquele momento Tonho pensa quem é o filho de uma égua que ele é. Ele vai sair dali vomitando o que lembra esquecendo pelo chão, ele vai sair dali vomitando o olhar de Fátima não lhe cai bem o rosto comido de Fátima não desce o latido dos cães em Fátima só cresce. Ele volta ele volta pela garganta ele volta essa ânsia Tonho volta com o olhar de Fátima.

Fátima sobrevive, ela sempre sobrevive. Ela arruma os incômodos e volta a dormir. Diacho, como ele ama essa mulher.

- Que isso, Maria de Fátima?
- Bati na quina da pia, voinha...
- E essas manchas tudo na perna?
- Deve ser coceira, vó Penha...
- Toma jeito, Fátima, corte as unhas.
- Pode deixar, voinha, vou cortar...
- Isso é sangue no seu pescoço?
- Estava tirando a galinha do osso...
- E essa bochecha depenada?
- Deve ter ficado com raspa...
- Lascou o dente de novo, não toma jeito?
- Estava distraída, voinha, entende.
- Diacho, Fátima, foi isso mesmo?
- Acredita em mim, voinha. Pelo menos tente.

Tonho tantas vezes batendo em Fátima ela nem se importa, mulher nenhuma morreu de apanhar de marido, exceto as que estão mortas. Olha, quase não tem marca. Maria de Fátima vai enterrar o medo na terra, as surras embaixo da pele. Isso ela não vai levar, as surras, a vontade de surrar o marido, isso ela não carrega, a vontade de fazer farinha macetando Tonho com pedra, pra São Paulo ela não leva as velas de acalmar seu espírito, muito menos as rezas.

Mas desde que teve a criança entre os braços parida, desde que a criança se deu à terra, Fátima tem esse medo do que ela pode ter aprendido comendo quietinha em sua barriga. Esse medo da criança guardada como Fátima dentro de casa ouvindo Tonho chegando, o medo quieto, Fátima apanhando, esse medo da criança bem dentro escondida, arrancando com as mãozinhas tudo que podia, comendo os sonhos da mãe na carne batida. Esse medo.

Será que Scarlett aprendeu a apanhar que nem aprendeu a se esconder na carne da mãe? Porque de outro jeito não nascia: veio vencendo o corpo de Fátima, veio um silêncio do corpo, quieta, veio faminta, mansa, veio de tudo que é jeito, mas foi e chegou criança. Um bicho medroso, sua filha, bicho medroso perdido no umbigo e todo esse tempo sozinha Fátima não apanhava só ela. Esse medo do que a carne criança pode lembrar, esse medo não tem jeito de enterrar. Diacho. Então vai com elas.

Os escavadores lá fora cavoucam cavoucam mas é Scarlett quem desenterra Fátima, diacho, esse silêncio da filha só pode ser maldição, desgraça. Onde já se viu não dizer uma palavra? Chegar doida, quieta, com trouxa de roupa, mais nada. Só pra encher a paciência de Fátima. Se não tivesse certeza de que é a filha, vixe maria, nem confiava. Esse mundo hoje em dia de repente é o diabo fazendo graça. A Fátima contra o silêncio faz tudo o que pode: fala.

Ela tenta falar Fátima fica falando fica desenterrando, mas a filha não fala nada, nadinha, Scarlett não fala. Fátima fica desenterrada fica desenterrando até não poder tirar com enxada pá colher de pau, com vontade, com medo, até não conseguir tirar da sua fala toda mais um jeito de não ter que olhar nos olhos tardios da filha, mais um jeito de não ter que desenterrar um pedido de desculpas por tudo o que fez pra conseguir fugir de Vilaboinha.

— O que a vó contou pra você?

— O que a vó contou pra você?

Scarlett, Fátima fica falando, eu mandei mesmo as cartas, Scarlett, eu mandei todas as vezes eu mandei, as cartas são bichos soltos da gente, Scarlett, as cartas eu nunca soube escrever. E os ônibus, eu perdi os ônibus, Scarlett, vinte anos eu juro, Scarlett, eu não tive como. Ela fica falando eu tive que ir embora eu não pude ficar, ela fica falando eu tive que, falando eu não pude, falando falando pra não falar desculpa, filha, desculpa, vinte anos desculpa. Tudo o mais sairia da terra, lascas de bambu, traços de cipó, tudo o mais, menos essa coragem de dizer tudo pra Scarlett.

Tudo o mais sairia da terra, até a Magrela, tadinha, a Magrela vindo buscar o que é dela, osso, arroz frio, até a Magrela sairia da terra vindo buscar vingança. Mas isso a gente vai ver depois.

— Vamos dizer que eu tive que fazer uma coisa. A coisa mesmo nem se importe. A senhora minha tia entende, um homem tem que fazer suas coisas, nem toda mulher é boa mulher, diacho, a senhora entende. Já viu a neta da Penha? Ela ficava na terra com as pernas arreganhadas, ela pequena e me fazendo querer arreganhar de vez aquelas pernas. Eu falei pra ela, conheço esse jogo de rapariga, esse jogo de quer não quer, eu sei bem o que você quer. Eu falei pra ela, eu sou boa pessoa, diacho, você sabe que já tinha era morrido de fome se eu não tomo conta de você, de sua mãe Aparecida. Eu ia falando com ela mas sabe a escuridão que deu esses dias? Eu ia falando de repente a escuridão de repente eu não via mais nada, minha tia, veio a escuridão e eu nem sabia mais onde ela estava, diacho, quanto menos a mãe dela. Agora você me agradece, eu aproveitei e falei pra ela. Ela ficou meio raivosa, acredita, minha tia? Ela ficou nervosa saiu tropeçando nas coisas e a cachorra junto dela, deve ser da louca da Penha, diacho, a cachorra não parava de latir. Desde pequena sentada na terra com aquelas pernas, e agora que eu ia ter o que é meu isso é jeito? Eu fui um pai pra ela, minha tia, não quero que ela ache que sou má pessoa, então expliquei volte aqui eu gritei, mesmo na escuridão eu expliquei, ela é minha por direito, eu procurei a danada com as mãos eu achei ela se encontrando nas coisas, não via nada mas enxerguei Fátima na marra, mesmo com a cadelinha latindo desgraçada. Eu entendo esses jeitos de mulher dizer quer não quer, minha tia, mas a vida não é só o que você quer, eu falei pra ela, eu falei quando ela começou a se debater, a cadelinha pregada na minha canela. A vida é dura, Maria de Fátima, você está achando o quê? Eu sei que isso é jogo de mulher quer não quer, eu sei que você quer ou não tinha as pernas assim meio abertas, diacho, os peitos desse jeito embaixo dos panos, anda, aproveita que sua mãe não está

olhando, eu sei bem o que você quer. É normal ter medo, eu falei pra ela enquanto ela se debatia, a cadela na minha canela, é normal sentir dor, eu falei enquanto ela se debatia comigo nela, diacho, gostoso demais. No começo eu achei ela tinha entendido, mas a rapariga falou pra eu parar, minha tia, a Cida ia logo chegar e ela pedindo pra eu parar, acredita? Diacho, você não pode mudar de ideia no meio em caminho, eu bem que falei sem nem parar claro que não, você foi deixando as pernas soltas esse peito perto de fora da roupa diacho esses peitinhos perto de mim que sou louco em mulher, queria o quê? Isso não é jeito, depois desse tempo todo com as carnes por perto esse tempo todo botando saia mais comprida e eu faminto, acredita, minha tia? Eu decidi que ia continuar, ela não podia mudar de ideia no meio do caminho, o diacho da cadela na minha canela, devia era ser jogo de mulher quer não quer, essa maldita cadela. É verdade eu quis continuar ainda mais, diacho, tem coisas que um homem não tem que não fazer, eu nem sabia onde estava a mãe dela. Ela começou se debateu feito cadela, e eu queria ainda mais, diacho, quanto mais ela se debatia, a cadela, mais fundo eu ia nela. A outra cadela não largava minha canela. Daí eu tinha era mais sanha, porque ela bem que ficou merecendo, cadela, esse é bem o jeito de uma cadela querer. No começo eu falei pra ela não se incomodar, eu ia ser rápido, ela ia acabar era gostando, mas a rapariga se debatia, então ficou tendo o que mereceu. Só podia mesmo ser seu jeito cadela de me querer ainda mais. Diacho, queria ter visto a cara dela, mas foi na escuridão, minha tia, na escuridão que deu esses dias. Começou a chorar, a desgraçada, como se eu estivesse fazendo mal pra ela. Eu aguentando esse tempo todo os dentes da cadelinha dela pregados na minha perna, eu aguentando sem nem fazer nada, diacho, e ela me tendo por diabo. Eu não sou má pessoa, não tem condição de eu fazer mal pra ela. Do jeito que ela chorava até parecia do jeito que ela chorava eu até fui gostando. Chutei a cadela. Sossega, eu martelei bem fundo nela, para de fingir que não gosta, eu sentia nas pernas putas dela que é disso que ela gosta, sentia nas mãos a cara rapariga dela, e ela resolvia mudar de ideia? Jogo de mulher quer não quer, diacho, igualzinho à mãe dela. Eu disse pra ela, eu não vou machucar você, para de fingir que não gosta ou eu vou machucar você, eu sei que você gosta, diacho, eu falei pra ela. A cadela voltou na minha perna e eu dei outro chute nela. Ela ficou chorando, esperneada, feito sonsa, assim é que eu gosto. A rapariga sabe o que faz, cale essa boca, eu falei, assim que eu gosto você se debatendo louca, eu falei pra

ela. Diacho, a senhora entende, eu sei ela não é boa mulher, mas se debate que nem bicho no abate, raivosa, cravando as unhas, tentando sair pelas beiradas, diacho, gostoso demais. Eu fiquei esse tempo todo esperando vendo a rapariguinha lá na terra sentada com as pernas abertas enquanto pegava chupava engolia a mãe dela na beira da pia, eu fiquei esse tempo todo esperando porque achei que ela não entendia. Mas a rapariga se debate como ninguém, minha tia, eu acabei foi gostando desse jeito dela se mexendo toda comigo dentro, raivosa, isso é o que um homem quer, devorar a puta enterrada nela, não uma cadelinha chorona, perninhas abertas na terra lá fora. Eu falei pra ela que a mãe dela ia ficar era brava com ela se descobrisse a putinha que ela é. Eu por mim fiquei foi louco, minha tia. Diacho. Achei que ela fosse outra, quieta, mas não, ela se debateu todinha em mim, diacho, gostoso demais. Bem o sol voltou e eu vi a cara dela os olhos dela me encarando, eu vi a Fátima naqueles olhos, ela não parava de me encarar, acredita? Foi quando bateram na porta pra avisar que morreu a Cida. Fiquei doido só de pensar, fiquei doido, minha tia. Com a mãe de Fátima morta, ela não era mais minha filha. Fiquei doido só de pensar em outro homem indo lá devorando minha cadelinha, e de pensar nela se debatendo em vara que não é nem minha. Rapariga não quer saber de homem bom, minha tia, eu tive que dar jeito essa danada eu tive que dar um jeito dela ser minha. Eu saí de lá deixei ela e a outra cadela caída no chão fingindo de morta a putinha e fui ter com a vó dela. Fui bem direto: ela não dá mais pra homem certo, comi até o cu dela. A Penha dizem que é louca, mas é mulher boa, disse pra mim, Tonho, faça o que for preciso, só deixe a menina da Cida comigo. Parece que a Cida morreu tendo filha. Acredita? Vou casar, minha tia.

A viga atravessando a terra suas farpas deflorando os dedos, lascas de bambu, traços de cipó brotados na terra lamacenta, ela gosta, é disso que a terra gosta. As enxadas máquinas gente cravando na terra, atingindo a terra feito dentes, futucando a terra buraco quente. As pás sem dó nem piedade, encaixa pisa arranca encaixa pisa arranca isso encaixa vai pisa pronto arranca arranca, vai, vai, vai, rasga até a gente encontrar. Ela gosta, a terra gosta.

Vamos com tudo, vamos desenterrar, mete a pá, anda, mete a pá, mete a pá até a terra cansar. Sem nada a gente não volta, anda, arromba a terra até ela largar. Olha lá, olha lá, uma estrutura na terra deflorada, olha, olha lá, eu falei era só deixar a terra cansada. Fotografa, anda, o que mais a terra tem pra dar? Que droga, não tem corpo nenhum, não tem crime sem corpo, ainda não é o corpo, que droga, ainda não é nada, parem de fotografar, não é nada é só uma casa.

Desenterrada no meio da Vila Marta.

RONCAR É: pôr palavra na boca do estômago.

URUBU É: animal que rebenta da morte dos outros.

Na boca tinha unhas

— Venha cá, menina, anda. Já não falei pra não ficar com os braços soltos do corpo, que isso não é jeito? E não separa assim os pés, parece jagunço, depois não senta direita e a gente ainda pergunta por quê. E feche essa boca, não sabe que se leva um susto morde a língua e pronto? Você fica fazendo pouquinho descaso porque é recente, não me ouve não para você ver. Eu não fico estando aqui pra sempre, tire a mão da boca, animal, eu não fico aqui pra sempre e você acha que o mundo vai tratar você assim lição todo dia? Aprende, menina, aprende ou o mundo vai lhe comer com farinha. Sorte sua que ainda tem Fátima que lhe cuide. Junte esses joelhos, anda, já não falei pra desentortar os pés? Que cara é essa, agora? Olha que se for preciso endireito seu jeito na ripa, onde já se viu? Apruma esse corpo, diacho. Aonde é que você pensa que vai? O vento vem chegando, entra, fecha as janelas, anda, aproveita e fecha também a boca, o que foi que eu falei? Não responde que sou sua vó, malcriada! E para de falar assim palavra, já não falei as coisas têm nome, desgraçada? Não olha com essa cara, diacho, e não cria juízo, não, pra você ver. Pare de assobiar, vá fechar a janela, anda, animal. A cachorra se estiver solta deixe o vento dar jeito.

A menina neta da Penha agachada olha a farra do vento lá fora pela fresta debaixo da porta, o vestido sobe suas pernas ficam todas de fora. O vento levanta levanta levanta, meu Deus, não deixa nada deitado. Bate nas janelas da casa nas paredes bate um medo na gente, meu Deus, o que foi isso batendo na porta? A Magrela late pra parede, não contente com o vento ela late, fique quieta, danada, a Penha diz, mas o vento ventando o vento terrível faz dona Penha sentar seu peso todo na cadeira pra descansar de vez, diacho, pra descansar de uma vida inteira.

A neta mais nova da Penha, danada, aproveita a chance que tem a única chance que tem de fazer o que quer. A vó bem quieta, meu Deus, a vó sentada quieta é coisa que só o vento faz. E a menina inquieta, meu Deus, a menina todos os dias inquieta pode finalmente fazer sua troça, a Magrela entre suas pernas que nem folha dançando no rabo do vento, as duas uma felicidade só, batendo nas janelas na porta nas panelas e o vento respondendo terra, folha seca, osso, cadáver.

A vó quieta, a vó nem se mexe, e a menina rodopia o vento dentro dela. A vó sentada nem se mexe, e a menina procura o rabo do vento e encontra o da Magrela. A vó quase nem respira e a menina ofegante cadáver osso folha seca suor terra. A Magrela também não se aguenta, corre, late, rosna, puxa o rabo da saia da Penha, morde a canela da Penha, lambe o resto de tudo na unha da Penha e a Penha, coitada, nem se mexe. Continua sentada, as mãos segurando o terço, o corpo fazendo prece.

A menina neta da Penha chega na vó diz bobagem. A menina com as pernas abertas a mão na boca o jeito jagunço. A vó não se mexe nem quando a menina lhe chuta a canela, nem quando os dentes da Magrela puxam suas pelancas da perna, ela não se mexe nem quando a neta mais nova lhe devolve

cuspe, nem quando a cadelinha lhe mijava nos dedos dos pés, muito menos quando a neta que boa ideia Magrela quando a neta vai e mijava nela.

A vó, ela não respira.

A terra de Vilaboinha qualquer vento levanta tudo que a terra guarda, então a Penha estava era acostumada a empurrar cadáver pra abrir a porta, vê se pode, esse vento não respeita nem a morte. A terra ali mastiga vagarosa os corpos, vaca ruminando a carne da gente, a carne santa da gente, vê se pode, esse vento só pode estar de comboio com a morte. Diacho de terra que não guarda, presta atenção, Maria de Fátima, quando morrer quero ser pendurada.

Os urubus vêm no rabo do vento, os urubus vêm e encontram pose no jardim de cadáveres. Arrancam parte, esperam, esperam. Bicho bom de esperar é urubu, tem os olhos depois da morte. Penha podia passar o dia inteiro olhando os danados, o dia inteiro, diacho. Eles são a mão de Deus devorando o que os olhos não querem comer, a mão de Deus, só podem ser, eles têm que ser, levaram a Cida. Olha como bicam, os santos. Olha como levam primeiro as lombrigas.

No começo Penha tinha medo, é verdade. Ficava escondida nas frestas da casa, vendo graça nos comedores de ferida. Olha como bicam, diacho, olha como encontram, na carne podre, interesse. No começo ficava guardada em casa, vê se pode, olhando os bichos lá fora bicando a morte. Olha como mastigam. Joga pra eles um braço perdido do corpo, osso fora, sangue, fibra. Olha como eles voam pra buscar, olha como eles voam.

Penha soube que dessa vez morria direito quando foi fechar janela pra não ver a menina e ouviu pigarro em seu cangote, sem ter ninguém por perto, vê se pode. Ela desatou a andar pelo quarto chiando os pés, diacho, onde já se viu ouvir no silêncio de tudo o pigarro, diacho, o pigarro de quem nem lá está. Penha desatou a chiar os pés, vê se pode, esforçando os calcanhares pra ocupar ouvido avesso. Diacho, onde já se viu desenterrar tanta coisa assim do silêncio?

Não era a Cida, a Penha sabia, a Cida nem em sonho voltava, a Cida não pigarreava nem cuspiu, a Cida morreu e nunca mais voltou em Vilaboinha. Ainda bem que a filha da Penha ficou na árvore que deixou plantada, a única a vingar por todas aquelas estradas. A Cida ficou nos galhos, ficou nas folhas, a Penha quando o dia está quieto calmo a Penha ouve no farfalhar da árvore a respiração da filha. Mas o pigarro, ela sabia, o pigarro não era a Cida.

Mal Penha começou a andar e o cão apareceu na porta, o rabo atrás, a Magrela. Chispa. O cão apareceu latindo pro barulho das chinelas. Chispa, Magrela, chispa. O cão não parava de rosnar não parava. Diacho, não se pode livrar alguém de seus próprios pés. Sai, Magrela, sai. O cão rosnava a Penha arrastava o cão rosnava a Penha arrastava o cão avançou, avançou e levou chute na costela, diacho, quem mandou não ficar quieta?

Penha vai de novo arrastar os pés, o silêncio enterrado nela. Ela vai arrastar os pés, acalmar a terra. A menina lá fora e dentro dela. Penha arrasta os pés, mas o silêncio corre arrastado, feito terra pelo vento é levado, o vento que do silêncio levanta suspiro. Cresce pigarro. Corre sussurro. O vento dentro dela conta tudo. Ela não entende o que ele diz ela não deixa ele dizer, ela arrasta os pés é para não conseguir entender.

A menina sua neta olha para ela lá de fora, a menina pernas jagunças, olho mais aberto que o outro, pés quietos na terra, pés finalmente quietos. O cão ao lado dela latindo, ganindo, rosna, diacho, não para de rosnar, onde já se viu? A menina olha pra vó, Penha não disfarça: enquanto puder, ela se arrasta. Tem alguém bem perto, onde não tem nada. Foi quando soube dessa vez se ia direito: deve ser a morte, essa danada. Vocês já bem sabem o que era.

Era assim desde sempre: tudo a gente morria, menos a louca da Penha. O vento batia na porta fechada, deixava um braço um tronco uma parte na entrada. Da Penha não vinha nada. Tudo tem sua hora, a gente toda dizia, tudo tem sua hora, a gente repetia sempre que podia, tudo tem sua hora, diacho. Só a Penha não tinha. Mas agora esse pigarro, agora esse silêncio todo revirado, só pode ser ela a morte, só pode ser ela a hora da Penha, tem que ser ela.

Mas tudo tem sua hora, até o vento. Ele todo dia trazia morto à porta, ele todo santo dia testava a paciência de Penha, testou foi mais uma vez: não veio. Tudo tem sua hora e ainda a menina, diaba, pisando a terra lá fora, arrumando o estrago do vento. E quando Penha pensava deve ser ele o respiro da terra, e quando futucava caneco vai que tem vento, só mais um, não vinha é vento nenhum buscar seu corpo pra terra, diacho, não era hora dela?

Tudo tem seu tempo. Até essa merda de vento.

Uma vez Maria da Penha engasgou numa de comer coquinho casca e tudo e não parava era nunca de tossir tudo casca e coquinho, e não parava nunca de latir casca e coquinho e tudo, os pulmões que nem cocos dois coquinhos. Toda gente batendo nas costas dela, aproveitando mesmo pra dar surra nela só costelas, toda gente gritando desembucha mulher, não sabe nem desembuchar essa miúda, e ela pensando será que isso casca e coquinho comichão na garganta será que isso casca e coquinho boiada dentro será que isso terra casca emperrada será que isso é a morte? Não era.

Penha olha, o vento não chega, vai acabar dando com os joelhos na menina embaixo da pia, diacho de cisma. Sai daí, animal, ela pensa em dizer, sai daí antes que eu lhe caia um balde nessa fuça desencontrada. Em vez disso, bufa, olha feio e diz nada. A Fátima, matraca, a Fátima não para de falar. Só pode estar de comboio com o vento, diacho de neta ingrata, só pode estar com vento no corpo empurrando tanta fala. Cala essa boca antes que eu lhe dê jeito, Fátima, ela pensa em dizer.

A Fátima não para:

— A Cátia não fugiu nem nada, vó, isso é história. Pra que é que ela ia fugir, voinha? Ela foi ajudar longe... tem a mãe e a irmã cuidadas. A Vera diz que não tem dinheiro pra modo de a gente ter pena dela, faz de sonsa. A Cátia não fugiu, voinha, ela manda tudo que ganha pra família. A Cátia é boa mulher, não é que nem essas outras que saem daqui fugidas, não é que nem tanta mulher que anda deixando pra trás Vilaboinha.

Dona Penha bufa, olha feio, diz nada. Seca a mão no pano, quase rasga. Lá vem a matraca, de novo essa ideia desculpa esfarrapada. Gente boa tem coração na terra. Tem também gente que nasce com o diabo da estrada já no peito, guardada, tipo arredio, pelo menos volta. Bicho ruim que nem essa Cátia tem coração fora do peito e ainda sai dizendo, onde já se viu, ainda sai dizendo foi buscar, foi fazer o quê?, o coração pediu.

— A senhora não sabe? Tem gente com gosto em nascer história — a Fátima não para de falar. — Mas Deus está vendo tudo...

— Para de dizer nome de Deus em vão, malcriada.

— Calma, voinha, é jeito de ir dizendo.

— Arruma jeito de ficar não dizendo, oxe, onde já se viu? E deixe que cuido de Maria. Tome seu café, vá, antes que esfrie tome seu café. E não

fique com essas histórias, matraca, parece mesmo matraca essa língua solta, meu Deus. Presta atenção em sua filha, ela cresce e você nem vê porque foi cuidar dos outros, sonhar vida distante. Não vou estar aqui pra sempre, Fátima, então você toma jeito, ouça bem se lhe digo. Você é muito curta, não vem morrer logo, mas já devia saber. Nem toda terra é casa e nem todo homem é marido, acha que qualquer homem para de bater antes da mulher começar a rezar? Você fica vendo coisa bonita longe é porque não enxerga direito, lazarenta, toma jeito não pra você ver, Maria de Fátima.

A vó Penha, ancas na pia, toma a Scarlett no colo, deixa a Fátima de lado, quieta, finalmente calada. Vai cuidar da cria da neta, pequena que só ela, pelinhos claros brotando na testa, vai cuidar da Scarlett, tadinha, tão mirrada, tão bichinha. Penha sente o olhar de sua neta mais nova Penha sente o olhar da menina encolhida feito bicho embaixo da pia. Se não conhecesse a neta, menina esquisita, não ia nem perceber. Penha olha Scarlett, toda feita de carne de cotovelo, tão pequeninha. Penha olha Scarlett Maria em seu colo, olha o vento, olha o vento e, de novo, não vê nada. Nadinha.

Teve também a vez que a Maria da Penha cortou ponta lasca dedo, vá se entender com faca Maria da Penha, anda, vá, Maria, chega de preguiça, ela miúda descascando macaxeira com fome, Maria da Penha descascando macaxeira comeu os dedos com a faca, cortou dedo ponta lasca e foi perdendo sangue, foi perdendo força, foi perdendo marra, o que é isso que se perde com corte o que é isso que do corte fica o que é isso balde de sangue, é a morte? Claro que não, Maria da Penha, deixe de besteira. Ande, volte a cuidar da macaxeira. Vai que ainda tem uma penca.

— Larga essas pernas, menina. Pare de cutucar as unhas, diacho de mania, misericórdia. Tira essa mão da boca, diaba, não tem nada gostoso na própria carne. Depois arranca a unha inteira e reclama se caio sal nela. E não faça essa cara, anda. Não pense que se livra de mim, animal, eu volto puxar seus pés. Acha que Fátima arranca seus piolhos um por um essa nojeira? Deixa o machucado quieto, anda, para de porquice, nem parece filha de Deus. E para de meter o pé nas terras, só Deus pra ter misericórdia, onde já se viu? Eu não fico aqui pra sempre, tudo tem sua hora. Venha cá, animal. Venha cá, levante dessa pia, encoste sua testa aqui em meu braço, anda, não faça essa cara. Encosta aqui, limpe o focinho primeiro. Depois reclama se não lhe chego perto, vê se pode. Anda, menina endiabrada, encoste. Fátima, minha filha, tudo tem sua hora. Pegue aqui Scarlett, o almoço já vem e a galinha não morre sozinha. O que foi que eu disse? Eu sei é a última galinha, mal-agradecida, depois reclama se não tem comida. O que é isso em seu cabelo, Fátima, minha filha? Deixa, eu arrumo. Agora deu pra repetir o que eu digo, que é isso, Fátima? Tome aqui Scarlett, anda, e pare com essas graças. Vovó já pega você de volta, minha linda. E você, menina endiabrada? Não fica mexendo a cabeça, quer me fazer coceira? Depois vai rezar e pedir misericórdia, já não falei pra parar de falar que nem bicho? Deixa eu endireitar suas pernas, não reclama, ingrata, agora vá ter com a terra, anda, vá cuidar da ventania, anda, menina, não quero saber de você aqui quando for matar galinha. Anda, corre, menina malcriada. Até galinha sofre nos olhos dessa diaba. Já viu isso, Fátima? Nessa idade os pelos nascendo e ainda ficar agourando morte de galinha, já viu isso? Sua irmã não respeita nada, Fátima. Matou minha paz pra nascer. E agora não me larga.

E quando Penha virou moça? Perdeu tanto sangue, meu Deus, perdeu tanto sangue que as irmãs todas, certas de que a bichinha ia morrer, queimaram tudo que ela tinha. Botaram o corpo magrelo da Penha de ponta-cabeça, bananeira, botaram o avesso do corpo da Penha, guarde seu sangue, anda, menina relaxada. Quase quebrou de ponta o sangue na cabeça, mal sentia as pernas, quase morreu que nem galinha, tonta e perdendo sangue pra terra, olha, mãe, se cortar cabe na panela. O rosto pálido, e a gente dizendo em tudo que era quieto: blasfêmia morrer em Sexta-Feira Santa. Vai ver por isso Penha não morreu.

Com a barriga escorada na pia da cozinha, Penha vê a menina correr longe longe longe, Penha vê a menina correr tudo que pode, levantar a terra, e de repente parar topada, sem ter como continuar. Perto ela endireita as pernas ela ainda está perto tentando endireitar ela ainda está pernas, sem saber como continuar. Esconjuro! O que essa menina não para de olhar?

Toda vez que encontra a neta mais nova olhando longe Penha não sabe o que faz. Já cansou de mandar a diaba não dar nas vistas. Penha não sabe o que faz com a menina: olha junto, olha junto e enxerga até o que não vê. Diacho, Penha olha junto e até pensa: essa gente toda nos olhos da menina é circo pra fugir todo mundo, vê se pode, um circo conduzido pela morte. A Penha olha junto, diacho, a Penha disfarça: continue correndo, ande, menina endiabrada!

Pior foi o baile. Tudo a gente correndo, atropelada, urgente, a Maria da Penha respirando fundo. A gente tudo correndo e ela crente que ia morrer queimada. Não conseguia simplesmente levantar e sair e viver, não agora, grávida, não agora, abandonada por Toninho, não agora, expulsa da casa da tia. Ela crente só tinha que esperar e a gente tudo desesperado, um cheiro de carne queimada, ela crente que só tinha que esperar e a gente tudo queimando, meu Deus, isso é gente meu Deus cadê fogo meu Deus perdeu filho meu Deus, nem Toninho veio. Quanto mais a morte.

Penha coloca a galinha no balde, diacho, se a gente não matar direito a bicha não morre. Maria da Penha que o diga. Se a gente não matar direito a carne fica debatida, se a gente não quiser direito gora o sangue, não vinga. A Penha enfia a galinha a última galinha a galinha de festa ela enfia bem fundo no balde, o ferro do balde estala, o bicho reclama, mas a menina, estatelada lá fora, finge que a vó não chama.

— Ela está longe, voinha — a Fátima diz. — Não preocupa, a menina está longe.

— O que deu em você agora? Deu pra me ver contra, foi? Essa menina tem vista comprida, Fátima, não vê que o olhar dela salta?

— Não preocupa, voinha, a menina está crescida.

— Já não disse ela gora o sangue da bicha?

— Mas voinha, a menina...

— Pare de ser tonta, Fátima, que história é essa agora? Pena nenhuma serve pra matar, sua irmã bem sabe, a danada, mas finge que não ouve, essa desgraça. Se eu tivesse as pernas boas a bacia no lugar, se tivesse jeito, eu ia atrás dessa menina com ripa, eu ia fazer essa diaba correr bem longe mas bem longe de minha galinha. Depois ela voltava pra comer.

— Vai, voinha, mata a bicha. A menina está crescida. Não tem jeito seu olhar gorar sangue de galinha. Isso é feitiçaria que só criança pratica.

— Fique quieta, Fátima. Não pense que conhece melhor que eu essa menina.

— Deixa disso, voinha. Ela também é filha de minha mãe. Ela é filha também de sua Cida.

O que aconteceu em seguida, diacho, se a gente fala ninguém acredita.

O sangue da primeira menstruação foi nada perto de quando perdeu outro filho. A criança vem inteira nas tripas, só pode ser, o sangue vertido foi pessoa inteira feito trigêmeos: o caçula poço, o do meio rio, o mais velho mágoa. A criança veio vertida, feito dor nas tripas. Ela pensou vem nascendo, é assim que nasce criança, é assim que murcha barriga, que avessa umbigo, é assim carne contrária gente dentro fome encontrada, mas não era isso nada. Só outro jeito de a morte esquecer Penha. Eita bicho pra ter senso de humor esquisito.

Pronto. Penha lasca o pescoço deixa o sangue lascado eita lasqueira. A menina assusta lá longe a morte da galinha, entorta as pernas, parada não fica. Muito menos a terra. A vó assusta, pensa que vem gente, perde a galinha do balde, morde a língua com seus poucos dentes. Vai correr atrás da galinha, a bacia não deixa, cacareja, a bacia cacareja e a Penha fica, diacho, vendo de longe o voo final da bicha. O balde rolando não chega.

Ela corre sem cabeça a galinha ela não morre. A galinha corre corre corre longe longe longe levanta as estradas a terra, escorre nela, a galinha passa pela menina topada, pela cadela, passa por todas elas e vai se perder lá longe na montoeira de terra. Ela não morre, a galinha não morre. Diacho, esse olhar da neta. E agora a cabecinha da galinha, do lado uma poça de sangue, esquecida na pia, perto da mão de Penha, agora ela insiste em olhar bem pra Penha.

Era só o que faltava! Um desespero só, imagina, ter olhos de menina na cabecinha de galinha? Diacho de neta essa menina, se não fosse filha da Cida tinha era dado jeito nela. O cão ganindo diacho de cadela, não serve nem pra roer osso quanto mais pra caldo de panela. A menina sua neta corre dentro da casa as pernas cheias de terra, diacho de terra não serve nem pra guardar o que é dela.

Dona Penha bufa. Olha feio. Diz nada.

— Voinha.

A Fátima nem pra calar a boca, essa ingrata.

— Voinha, vou-me embora pra São Paulo.

Vai dizer que você não tinha percebido o que vinha?

Quando ficava nervosa Penha comia unhas das mãos dos pés raiz de cabelo cutículas fio inteiro cílios linha solta pestana costura da roupa arroz cru cabelo de milho, comeu tudo isso, tomou banho depois de passar roupa depois de comer andou de costas vestiu trapo do avesso mostrou língua com galo cantando e a coruja piou três vezes e ela sonhou com dentes e a Cida deixou a chinela virada, mas a Penha não morreu de nada disso.

— Voinha, eu sei que a senhora acha é fácil ir longe, largar tudo. Mas Scarlett é tão pequena, tadinha, em São Paulo a gente faz a vida.

— Que foi que eu falei, jumenta? É tinhosa que nem jumenta. Que foi que eu falei? O sangue da galinha gora de frente com a dó da gente. Sem sanha a galinha fica viva, diacho, minha última galinha. O que você tem na cabeça, Maria de Fátima? Titica?

— É pela Scarlett, voinha, é por ela.

Penha pega a faca e a cabeça da galinha.

— Pare com isso, voinha — a Fátima grita, os braços segurando Scarlett com medo do que a faca tira. — Não dá pra morrer duas vezes essa galinha.

O cão uiva desgraçado com a gritaria. Penha lança a ponta da faca com cuidado, vai acertar os olhos da bicha, um por um ela pica, essa galinha olhando não fica. Diacho de cisma. A galinha cega encara Penha e a neta mais velha, um olho na Fátima e outro na Penha, enquanto a menina escondida fica só ela, embaixo da mesa, com dó da galinha. A menina encolhida, dois baldes estalando ao seu lado, a menina está certa de que não tem destino mais torto do que nascer ovo e morrer galinha. A Fátima do seu jeito encolhida não olha pra vó mas faz despedida:

— Voinha, acho melhor ir embora, ficou tarde, Tonho logo chega, a senhora sabe.

— Não dá nem pra ir embora duas vezes, Fátima, misericórdia. Mas vá mesmo, Fátima, vá embora, anda. Vá embora eu também me vou, a morte não espera, Fátima. É só ela passar e eu vou ter com ela.

A família de Penha ficou morta esperando fome passar, que nem retirante que chega na morte andando, eles parados pela fome na morte foram chegando. A Penha esperando em casa como toda gente ficou achada viva entre os corpos da família, o pai ressecado bíblia na mão, a mãe ressecada segurando facão, ela rechonchuda entre as irmãs secas segurando petecas sujas de terra. Ficaram até dizendo a Penha se alimentou das partes secretas de sua gente, vê se pode, não viu que ela se entende com bicho de morte?

Quando em Vilaboinha o vento finalmente chega, Penha reclama a menina pra dentro, anda, diaba, anda, a cachorra se estiver solta deixe o vento dar jeito. Maria da Penha pesa na cadeira de palha para descansar sua vida inteira, deixa as pernas soltas, os braços, deixa o corpo todo para a morte, um abraço, dessa vez vai morrer, diacho. Sua alma é pesada, ela sabe, ainda mais quando enrosca na palha da cadeira, sua alma é pesada, não tem jeito ficar, mas o vento terminou, diacho, o vento terminou e Penha ainda está lá, ouvindo sua neta mais nova gritar voinha voinha, cale a boca diacho, vê se me deixa morrer sozinha.

Pesada na cadeira, Penha toma seu corpo de volta, a alma breve, Penha desenrosca seu corpo, a cadeira cede, ela toma seu corpo tomara que ele escorregue. Era a morte, devia ser a morte, só podia ser ela: na Fátima indo embora, no olhar da menina, em tudo que ela ouvia sozinha. Devia ser a morte, só podia ser ela, mas, diacho, não era a morte essa tratante, de novo não era. Era só outro jeito de a morte deixar Penha morta-viva, deixar Penha meio-noite meio-dia, era só outro jeito de Maria da Penha de novo ficar sozinha. Já não bastava tanta desgraça na vida, diacho, e ainda tinha perdido a Cida. Não era a morte, era Maria de Fátima indo fazer vida longe.

Era a morte.

Não respeite seus pais não pra você ver, malcriada, fica que nem a Penha, louca. Não me obedeça não, sua danada, se ficar de namorico fica que nem a Penha, sem nada. Vê se agradece ainda ter família, não viu a louca da Penha? Perdeu tudo na vida. Não sabe que está morta, a coitada, isso que tudo a gente sabia: ela não saiu viva daquela casa, da casa em que vivia com a família. Tudo a gente tinha certeza: a louca da Penha está morta. Só que a morte não lembrava disso.

Só pode ser culpa de sua neta mais nova, a diaba, só podia ser mesmo essa desgraça, animal, aborto, cruz-credo, lazarenta, demônia, isso que ela é, uma demônia. A Penha devia era ter dado um jeito na bicha bem quando ela acabou nascida, devia era ter dado aos urubus ela toda repartida, fervido na panela, devia era ter plantado essa menina bem dentro na terra, posto mais sabão no feijão, e ter apertado com força as cordas nela, devia era ter enterrado a desgraçada mais dentro na terra, diacho, ela não voltava. Devia era ter dado jeito nela ah devia, se arrependimento matasse será que de arrependimento a Penha morria?

Se pelo menos Cida estivesse viva

— Sua mãe estava com medo de embuchar de novo, Fátima já vinha crescida, sua mãe estava com medo de ter outra filha. Ela ouviu nem sei onde aquela história de praga do sertão, não falava de outra coisa a minha bichinha. Gente nascendo com duas caras, uma na frente outra atrás, duas caras que nem moeda, ela falava, toda tremida. A da frente até que era obediente, mas a de trás botava boca na fome de palavra, falava que nem bicho não parava não parava. Aparecida se assustou tanto com isso de a pessoa não se aquietar nela mesma, até ficou besta, tadinha, sem entender o sonho da gente. Tenho comigo que ela estava pronta pra comer erva perder barriga, mas você se escondeu em barriga nenhuma, nem mostrou que vinha. Chegou que nem diabo, sem dar a cara, nem seu pai não via, nem a Cida. Só nasceu, coitada de minha bichinha. Nasceu da morte dela, vê se isso é coisa de gente. Uma escuridão danada em pleno dia, tudo a gente cego enquanto você nascia. Não nasceu com duas caras, é bem verdade. Pelo menos minha Cida morreu tranquila. Não nasceu com duas caras, mas tem hora que eu juro que o coisa ruim encontrou foi jeito de você não se aquietar numa pessoa só. Um jeito que não deu tanto na vista, mas a gente não pode nem deixar de ver.

A menina nunca quis matar a vó

Será que se a gente bater na louca e disser loucura sua, ninguém encostou mão nem nada, a louca acredita e fica da surra curada? Vai ver a louca nem lembra de nada, diacho, muito menos da gente dando risada, vai ver a louca nem sabe lembrar. Será que ela lembra da gente batendo nela fazendo o que quiser? Será que ela vai lembrar da gente da surra? Será que ela vai gritar? Será que a gente vai gostar? Mas se a louca lembrar é loucura, ninguém acredita, ela não diz nada com nada desde que perdeu família, ficou louca sem volta porque não consegue ter filha, nem fica ouvindo o que ela diz, nem fica.

Mas será que ela nem lembra da gente batendo nela rasgando vestido a mão nas costas, anda, cachorra, é assim que Tonico gosta? Será que ela nem lembra da gente toda dançando em volta? Será que ela nem lembra da gente fazendo o que quer, as pernas duas varas estrebuchadas, as mãos nas costas secas, o peito apertado, o coração no chão? Será que ela nem lembra da gente fazendo seu bem, é assim que cura loucura, carne batida, farra dos bichos, vai, não precisa ter dó, anda, ela nem tem mais família, rasga, é só a louca de Vilaboinha.

Será que ela lembra da gente fazendo quermesse? Contando os pontos para ver quem ganha? A louca no meio, esparrachada, e a gente toda gritando apressada, vai, vai, vai, eles estão na frente, vai, eles botaram mais, vai, cabe bem mais cabelo na boca da louca. A gente toda tirando as unhas da louca, fazendo colares, será que ela lembra? As crianças contando seus pentelhos um a um para ganhar prenda, diacho, será que a louca lembra? A gente toda fazendo bandeirinhas com sua roupa, colocando bicho pra viver no umbigo da louca, diacho, já não tem mais volta, será que ela vai conseguir esquecer?

Se a louca lembrar da gente olhando tudo, rindo, cantando, a gente diz é loucura sua, Maria da Penha, você está inventando. Se a louca lembrar a gente não acredita, imagina, todo mundo fazendo fila pra botar dentro dela o que não coubesse, bicho, chicote de pesca, um braço. Se a louca lembrar a gente diz é loucura e ela mesma acredita, imagina se a gente ia fazer isso fila pra botar dentro dela tudo o que não podia, enxada, palma vale mais pontos, ovo de galinha. E se a gente esquecer não fez nada, é assim que se cura loucura rasgando tudo de cabo a rabo, surra pra louca da Penha deixar de ser retardada.

Olha, ficou inchada.

Penha era jovem não entendia nada da vida e tentou se matar três vezes, uma comendo pedra, duas tentando voar, e também quando fingiu não ver as saídas da tenda no incêndio do baile, e quando colocou sabão no feijão. Mais tarde os urubus vêm levar mais um pedaço da sua carne, ela deixa, ela o coração dentro da terra. Ela carne puxada no bico da ave faminta. Ela o que restou disso tudo, cansada, meu Deus, morta desde que perdeu a Cida. Ela que só implorou para morrer essa única vez, com a cidade contra, ela que perguntou para a morte: Diacho, a vontade conta?

Não a sua, Maria da Penha.

CORPO É: floresta tímida.

LOUCURA É: a cidade contra.

Um toco mais a parte que falta

Em Vilaboinha, calor do diabo, fácil era ver cisma da própria cabeça. A vó sempre dizia que parasse e as cismas nada, as cismas nem ouviam a vó. Não tem jeito, a vó dizia, gente cisma e galinha cisca. Mais fácil ainda era cismar não ver nada, era não ver atrás das coisas surgidas nascidas expulsas paridas é não ver a terra que sobra, quieta, raivosa, a terra exausta que sobra da Vila Marta, a terra desmoronando os olhos de Fátima.

A Fátima agora vê. Pela fresta do seu barraco nada escapa. É verdade que tem coisa fácil de não ver, é só olhar pro outro lado, tem coisa que é fácil fingir que não viu mas tem coisa, diacho, tem coisa que não tem jeito, não volta, tem coisa que fica diante dos nossos olhos, afronta. A filha crescida diante de Fátima, o tempo pisando nas coisas, eita lasqueira, os escavadores desenterraram uma cidade inteira! E ela sabe, diacho, Fátima tem certeza: o pior ainda está para chegar.

Diacho! É verdade que deve doer brotar tanto da própria pele, a Fátima olha pela fresta do barraco brotada. Deve doer se livrar sem nem dizer adeus sem dizer tchau de coisa abraçada por tanto tempo. Tantas casas, uma pele vazia de gorila, lascas de bambu, e agora esse trilho de trem atravessando que nem faca o chão. Olha, Scarlett, tem mesmo um trem vindo do barro. Levantando poeira. Olha, Scarlett! O trem trazendo uma multidão.

Já a filha de Fátima brotou feito verruga. Coisa assim tão pequena não devia doer para sair, Fátima teve verrugas, elas doem já nascidas, saltando da pele, feridas. Não devia doer a pele nascer só essa verruga, essa verruguinha, mirrada, mirradinha, não devia doer, diacho, Fátima sabe apanhar. Era outra coisa que doía, maior que verruga, maior muito maior.

Doía a surpresa, a verruga lhe fazendo de besta e brotando erva daninha na terra cúmplice. Que diacho sua filha, se rasgassem o pé de Fátima de lá ela dava jeito e nascia. Mas não era a verruga que doía. Doía a surpresa a vontade de abrir a danada bem no meio quem não quer abrir verruga cutucar olho de peixe estourar espinha, arrancar do machucado casquinha, quem não quer?

Doía o que junto da menina ela paria: esse desejo sanha vontade, essa mania loucura coragem, esse desespero de abrir cutucar estourar arrancar tudo que é inteiro, simples ou duvidoso, tudo que é familiar, estranho ou infeliz. Quem não quer abrir brotoeja quem não quer cutucar úlcera quem não quer estourar mágoa que nem espinha e ver o líquido escorrer, o corpo essa máquina seca de líquidos, quem não quer?

Foi o cão, Tonho sempre diz. Não foi Tonho chegando arrancando a roupa de Fátima, claro que não, Tonho é homem bom. Fátima até quis perguntar pra Tonho o que é isso de um cão latir dentro da gente, ela não sabe, de repente se Tonho explica o cão de Fátima late. Perguntar ela até quis, mas não perguntou foi nada, ficou é quieta bem quietinha, coitada: o Tonho com seu cão beirando os olhos faz a gente ficar assim diante dele, sem palavra.

A Fátima voltando de novo da rodoviária dessa vez correndo que nem louca, desembestada, ver preço de passagem que nada, diacho, tomara que ninguém tenha visto a Fátima. Voltou levantando a terra das estradas, voltou cavando um cão quieto dentro dela, eita diacho, o que o cão tem pra comer dentro de Fátima? Pelos contrários? Carne batida? Sujeira no umbigo? Lombrigas?

Mas cão quieto não faz perdão. Arranja jeito de me perdoar, o Tonho diz, a Fátima não. Imagina um cão dentro de Fátima perdoando Fátima por tudo que ela fez na rodoviária? Imagina um cão dentro perdoando Fátima por tudo que ela vai fazer? Um cão comendo tudo que é culpa, um cão latindo em Fátima e Fátima dizendo que foi o cão? Diacho, ia ser tão bom.

Se tem um cão dentro de Fátima, nascido com ela e guardado, talvez, no seu calombo das costas, se Fátima tem um cão dentro dela esse cão está morto, bem do jeito que Tonho gosta. Mesmo assim Fátima, ardendo essa vontade de não ser só ela com seu calombo morada de cão, Fátima pensando será que é bom, Fátima foi tentar com paulada reviver seu cão por pauladas posto. Devia ser o cheiro de sangue, Fátima lambia os beiços e sentia o gosto, tinha acabado de voltar da rodoviária, devia ser o sangue do louco.

Não é que ela estivesse nervosa ela estava calma, bem calma. Quem às vezes não procura encontra um cão pra bater com ripa? Ela não estava nervosa, ela estava calma. Mas é que a menina, danada, a menina de jeito maneira esforça a inteligência, de jeito maneira entende o braço a fazer coisa simples tão simples feito tirar casca de macaxeira. Fátima não chegou em casa nervosa ela não estava nervosa ela estava calma bem calma, mas essa menina acaba com a vontade da gente de não estar nervosa de estar calma.

Diacho, por que tem que ser irmã de Fátima essa desgraça? Vem aqui, cadela, a Fátima chama, vem cá, diacho, anda. A menina vacila, acaba que vai. Quer saber por que chama. Fátima acerta nas costas da bicha e fica ganindo baixinho. A menina, não a Fátima. Diacho de menina, quer matar a vó de fome sem macaxeira descascada, quer deixar a vó sozinha, a Fátima culpada, por que tem que ser irmã de Fátima essa desgraça? Scarlett está dormindo no quarto, tadinha, toda calma.

Fátima bate na mesa chuta a macaxeira não alcança a menina sua irmã se achega, a menina esconde, o tanto que pode ela vai longe. Quase alcança a pia. A Fátima busca, vai junto não larga tropeça o balde rola a macaxeira em partes no chão as cascas quase lasca a perna com facão. Diacho de menina, já não falou pra ela dar jeito de se entender com a faca? Fátima bate na mesa

bate na mesa bate na mesa é disso que a mão gosta, bater, gostoso demais pelo menos dessa vez dessa única vez gostoso demais não ter que apanhar.

Então Fátima encontra bate a mão estala na carne, ela cresce, ela enfurece e de novo bate na menina joga a menina longe, o chão cheio de casca de macaxeira, não é que ela estivesse nervosa. Essa menina nem parada fica, não vê que derruba tudo bagunça a casa de Fátima? Essa menina nem apanhar sabe, muito menos descascar macaxeira, muito menos não chorar, desgraçada, essa menina é uma desgraça, vai ter logo é que parar de apanhar, uma pena a Fátima ter que parar de bater. Mas vai que a menina não sabe sobreviver.

Cara feia pra mim é fome, a vó sempre dizia. Você devia ter vergonha de falar logo pra mim que a vida não serve, Maria de Fátima, logo pra mim que aguento você todo dia e sua irmã cria do demônio, logo pra mim? A Fátima olhos no chão dizia miúda as palavras saindo da boca quase mudas, desculpa, voinha, desculpa minha vida, desculpa não ter sofrido como a senhora desculpa, voinha, desculpa desculpa desculpa, pedir desculpa é fácil, Maria de Fátima.

Fora quando Fátima tantas vezes querendo dizer ficou só procurando palavra. Tristeza de verdade é a da vó, perder a filha querida e a família e o marido e criar sozinha as duas netas ingratas infelizes malcriadas. Fátima quieta envergonhada quando era pequena sonhava em ser que nem a vó, igualzinha, igualzinha. Já pensou ter a vida uma desgraça e poder dizer pra gente toda calma, o meu sofrimento é maior, o seu passa?

— Você não serve pra nada mesmo, menina. Desgraçada, já não falei pra não me chamar de Maria? Meu nome é Maria de Fátima. Eu nunca que lhe peço quando foi a última vez que lhe pedi algo? Mas a vó vai estando é bem certa, você não serve pra nada, nem pra cortar macaxeira não serve. A Scarlett não tem culpa de você ser assim jagunço peitos brotando caídos a Scarlett não tem culpa de lhe chamarem de retardada, de você ficar vendo coisa onde nem tem nada. Fica olhando pra gente com essa cara de quem está vendo demais, o que é que você está olhando, desgraça? Está querendo levar pancada? Maldição em nossa família você matar minha mãe pra nascer. Você não tem mãe não sabe como é nunca vai saber como é ter nome. Está olhando o quê, piolhenta? Você fica pela vida vendo verdade onde não tem nada, vendo a gente vendo mais que a gente. Acha que cuido de você quando a vó bater as botas? Acha que cuido de você, gente encravada encosto saco de pancada? Vou é me embora, eu e Scarlett vamos fazer a vida e você fica sozinha pra morrer comida pelos bichos morta de fome sem dentes sem homem nenhum vai lhe querer olhando cara de quem sabe demais não sabe nada. Que é que você está olhando agora, retardada? Ah, se eu fosse a vó lhe dava jeito. Por que ainda está me olhando, malcriada? Não tem nada aqui pra você poder ver, guarde esses olhos, desgraça, fecha esses olhos ou eu lhe arrasto no chão e pare de me olhar assim, eu não fiz nada. Não faz de surda, pare com esse olhar pare com esse diacho, o que está olhando? Deixe disso, desgraça, pare com isso pare de me comer com os olhos, diaba, vem cá, vem cá, agora eu quero ver! Pare de se debater agora eu quero ver quando você começa a rezar pra sobreviver!

A Vila Marta vira outra na terra toda revirada. Do meio das casas descendo as ruas quebradas surgiram outras casas. Desenterradas: roídas pelo tempo, partidas, maltratadas. Os homens cansados, estressados como o diabo, os mais velhos preocupados, limpam tudo a pinceladas, fotografam, cercam tudo, guardam, mas não encontram o cadáver que vieram buscar, por Deus, não encontram nada.

Um desespero continuar a cavar a Vila Marta, o suor caindo na testa, a pá enrugando a terra. Um desespero ter que continuar a cavar de um jeito ou de outro, ter que continuar, com essa gente estranha olhando como quem não quer nada, olhando como se soubesse mais do que fala. Um desespero ter que vir todos os dias, subir ladeira, botar luvas, um desespero não encontrar nada.

Não foi casa o que denunciaram, não foi barro, ripa, telha, palha, não foi nada disso, nada. Não foi resto o que vieram buscar, tetos caídos, portas quebradas, toda essa terra levantada. Não vieram buscar nada disso trilho de trem multidão, só um corpo, a denúncia, outro crime que viesse, não essa montoeira de tempo e terra carcomida e barro carcomendo e de onde veio esse monte de gente chegando? Isso não.

Por isso eles não param a escavação.

É tanta gente chegando dentro da poeira levantada na Vila Marta que Fátima pensa ter visto o rosto da mãe entre as gentes arrastando. Logo a mãe, mas não pode ser a mãe que desde tanto tempo não via, a mãe que conhecia mesmo de ouvir a vó lamentar morte feita pra nascer a menina, de ouvir a vó dizer é normal quando nasce criança morrer uma parte da gente, não tanta.

Devia ser só a lembrança que nem tinha, a vontade de que fosse a mãe vindo sozinha, tantas estradas desde Vilaboinha, tanto tempo depois de ela parir a menina. Engraçado estava pensando na mãe, ela queria tanto ter um retrato da mãe devia ser isso, não era a mãe não era nada, só essa vontade a mãe chegando desde longe mainha, a mãe entendendo e perdoando, a mãe mãe para ela sendo. A mãe? Imagina.

Tonho nunca via a menina ou a criança. Ele chegava em casa o diabo no corpo ele chegava em Fátima e a menina se escondia, a menina pegava Scarlett e as duas ficavam embaixo da pia. Fátima deitada na mesa, empurrada, Fátima levando pancada, rendida, a toalha de crochê desenhando em sua cara, olhava a menina e a filha, olhava as duas e se perguntava que carne é essa o olho, que apanhando de longe doía.

Fátima levando pancada às vezes olhava a criança e pensava se a carne dura dela servia, se ela aprendia assim olhando a surra na mãe, se ela olhando com quem aprendia. Fátima às vezes olhava Scarlett tão quietinha no colo da menina e pensava em si mesma pelas dores parida, estranha, pequena, doída, o corpo todo cheio de verrugas que não nasceram sozinhas.

Ela olhava a criança e apanhava, quieta ela apanhava quietinha, mais uma vez não implorava pra viver, mais uma vez não dizia nada. Era o corpo quem sofria, não ela, o corpo dela era de Tonho, não dela. Ela só olhava a criança torcendo para que os gritos do pai a surra toda para que nada disso acordasse, na filha, a vontade de ser que nem a mãe. O pai pelo menos batia.

É tanta gente chegando dentro da poeira levantada na Vila Marta que Fátima pensa ter visto o rosto de Tonho, mas não, é só a poeira fazendo pose engraçada, não, não, nem deve ser nada. Imagina o Tonho vir por todas essas estradas pra quê?, imagina o Tonho perdido na Vila Marta mato com cachorro, imagina o Tonho é melhor nem imaginar o Tonho, imagina, ficar imaginando o Tonho e ele de repente chegar.

Tonho nem ligava pras filhas, nem pra Scarlett muito menos pra menina. Tonho não ia vir por todas essas estradas para buscar, não ia, diacho, ele nem devia saber que a Scarlett veio para São Paulo sozinha mala e cuia e silêncio. E depois do que ele fez com Maria de Fátima... Não, não deve ser nada. Imagina: logo o Tonho vir por todas essas estradas.

Toda vez que Fátima saía da casa sua e de Tonho, a casa que antes era a da Cida, toda vez que Fátima saía pra modo de pedir pra vó alguma resposta, a vó arrumava o que fazer. Distraía as mãos como se as danadas ficassem sempre à espera de pôr palavra em sua boca. A Fátima nunca foi muito de malcriação ou pergunta, tirando uma vez, era recém-casada, quando contou pro Tonhão fazedor de lamparinas que a mãe não tinha morrido, e sim se transformado na menina. Diacho, tinha que ir logo falando de Cida?

A vó que fingia não ver desobediência, a vó que fingia não ouvir malcriação, a vó que era que nem conversar com uma árvore se ergueu enorme da terra e deu em Fátima uma surra mas uma surra, meu Deus, uma surra de acordar o diabo. Em algum momento palma pele em algum momento as duas entenderam, diacho, as duas estavam cabreiras porque a Cida nem em sonho veio ter com elas. Ficou decidido que nunca mais falariam na morte da Cida. Mas todos os dias amaldiçoariam o dia que a menina se deu à vida.

Foi quando Fátima jurou: filha de Tonho ela não paria.

Os escavadores não vieram para a Vila Marta buscar a terra fora de si, essas casas desenterradas. Não vieram buscar restos objetos pedaços, a história do homem em camadas. Não vieram buscar jarro quebrado, vidas inteiras, ossadas. Para eles não interessa isso que a terra guarda, sua maneira de contar história, para eles não interessa a terra que como a mulher-gorila senta e diz: transforma.

A história carece doer, o corpo da gente entende, isso pra eles não importa. Talvez essas casas todas nascidas da terra febril sejam apenas maneira de dizer, não importa. Talvez sejam essa pequena parte que faz de um lugar outro, não um corpo. A fantástica metamorfose da Vila Marta Vilaboinha, as fotografias, isso não interessa. Só o corpo que eles logo logo vão encontrar. E a pressa.

— Mas antes escuta bem o que vou lhe dizer, menina. Tem carne que só apanha de palavra, então me ouve, desgraça: você está morta, você nunca viveu. Que mais podia ir sendo? Nasceu de uma morte, nasceu de minha mãe morta, só podia mesmo não estar vivendo. Ouve bem se lhe falo: ninguém nasce escuridão. As coisas vivas têm nome, mesmo as coisas malditas, só você maldita não. Está morta, por isso olha longe. Você pensa é sua vontade mas sua vontade é besteira. Vai dizer nunca reparou? Você morta e a gente viva vendo todo dia mainha em você. Você nem sabe o que é isso ter mãe o que é isso mãe. Se fosse sabendo, dava jeito de ir embora, de se enterrar longe da vista. Aprendia a morrer de novo se tivesse consideração comigo, com vó, com mainha. Se botava de vez dentro da terra e deixava para os vivos a vida.

Fátima pensou ter visto o rosto da vó. Era tanta gente tanta poeira pensou ter visto o rosto avermelhado da Penha. Devia ser só troca da memória, não lembrava assim o rosto da vó fazia tanto tempo, meu Deus, tanto tempo que nem lembrava dos seus vincos, a fundura deles mil rios secos, tanto tempo que lembrar ficou sendo que nem trazer as carnes da vó arrastadas por tudo as estradas desde Vilaboinha.

A vó não chegava assim fazia, meu Deus, tanto tempo que quando encontrou seu rosto na lembrança Fátima encontrou a vó na multidão. Imagina, que bobagem. Toda essa gente chegando... os cães latindo é que estavam certos... toda essa gente chegando, os olhos de Fátima é que estavam certos: era ela, meu Deus, era a vó quem vinha, do meio da terra, de Vilaboinha.

Fátima se pudesse enterrava inteiro o corpo longe das vistas, para ali ficar esquecida, ela dentro da terra como a mulher dentro do gorila. Fátima se pudesse sumia, ia pra bem longe de São Paulo como foi de Vilaboinha, só pra não encontrar os olhos da vó dizendo, só pra não encontrar os olhos da vó gritando, diacho, a vó sabe tudo que a neta fez antes de sair de Vilaboinha fugida.

Fátima não tinha nem uma moeda quando foi até a rodoviária pela primeira vez perguntar onde é São Paulo, como faz para chegar. Na ida passou depressa pela janela do louco, feito diabo fugindo da missa, pra não ver sua pele larga, o braço faltando, suas feridas. Do lado dele uma coleção de santinhas. Na volta encontrou o louco enfurecido, socando com força o pinto dentro da mão o pinto, Deus que lhe perdoe, chamando vem cá minha cabritinha.

Quando de novo foi até a rodoviária, sem dinheiro certo, ela sabia, passou bem devagar diante do louco, devagarzinho para bem ver suas feridas. O louco só dizia vem cá vem cá minha cabritinha, e a Fátima ficou vendo a pele exposta o pus a chaga, a Fátima ficou vendo a carne à mostra a parte que não tinha, a Fátima quis chegar mais perto e o louco vem cá vem cá minha cabritinha.

Ela saiu correndo se meter no banheiro da rodoviária. Ficou lá bem uma hora, esfregando na quina do móvel encardido tudo o que podia ela esfregava enfurecida no louco encardido, não parava de pensar naquelas feridas, Deus que lhe perdoe, gostoso demais. Já pensou abrir tudo chaga ferida, já pensou estourar a carne lambar o sangue partes escondidas. Gostoso demais, dá até lombriga.

Foi voltando pra casa e o louco vem cá vem cá minha cabritinha, e a Fátima por dentro se ardia, e por pouco a Fátima já não ia. Foi voltando pra casa chaga ferida, foi voltando pra casa carne úlcera lombriga. Voltou de ir embora apertando as pernas, encontrou a porta, o louco de costas, foi correndo fechar a janela, o louco nem sabia o que fazer o que queria, o louco de repente criança se benzia.

A Fátima o corpo ardendo, a Fátima suas próprias feridas, chegou no louco que nem louca varrida, esfregou seu corpo contra o dele cadela no cio esfregou seu corpo contra o dele vaca faminta e seu corpo contra o dele esfregando era sangue, pus, escarro, era pele solta, escama, era carne, osso, terra louca, borra de café, mapas, o louco viu tudo. Seu próprio destino nas borras da pele de Fátima.

A Fátima cabrita se esfregou toda nas feridas, metendo os dedos entre as peles penduradas, o louco doido, socava socava o pinto, enfurecido, e a Fátima louca foi se enfiar não o pinto, mas o toco do braço perdido, a cara metida nas feridas, o pus rasgando a pele pra explodir, o louco gritando que não queria explodiu mesmo assim de alegria, era o corpo, era o corpo que pedia.

O louco ficou chorando de felicidade. Quem não quer abrir brotoeja quem não quer cutucar úlcera quem não tem um pinto pra se enfiar qualquer buraco aberto na carne, quem não tem pinto conta com a carne que sobra nos outros, gostoso demais, a carne que sobra o toco sempre metade, gostoso demais ser comida pela parte que o louco não tinha.

A Fátima foi correndo embora, braços partes cabeça quentes, passos urgentes, foi embora enorme maior que tudo a gente, foi correndo foi dar jeito na menina em seu cão dormindo, a Fátima foi embora bagunçando a estrada foi correndo louca, cabritinha não, cadela, e o louco chorando de felicidade nunca mais deixou aberta a janela.

TRANSFORMAÇÃO É: migração dentro.

MIGRAR É: ir embora e ainda assim ficar.

Olhos tomados

Mais tarde os escavadores tomarão as provas com paciência. Quando o corpo já estiver guardado, ensacado e etiquetado, eles revisarão com calma todas as evidências. No último gesto, com a polícia já à espera, um deles irá reparar que entre as fotografias tiradas para documentar a escavação estão outras fotografias, encontradas, todas juntas na mesma mão.

Não são a prova de um crime. Não mostram nada além de uma família empoeirada, a terra solta entre as margens envelhecidas. Não são prova de um corpo essa gente amarrotada, descalça, essas crianças com a fome à mostra. Não são corpo de nenhuma morte essas fotografias, retrato vazio. Mal sabem os escavadores que o esquecimento é um crime sem corpo.

Toda vida antes de Fátima ir pra São Paulo todo dia Tonho voltando pra casa foi de novo chutando os cães pela rua a terra junto e as pedras, foi de novo batendo nos cães com ripa, isso se ele topava escondido um cão, porque cão na rua mais não tinha. Dentro dele não, dentro dele os cães ficam, não morrem com ripa nem com cão fora morto, não morrem com nada esses cães nem dormem, desgraçados, dentro dele uma vila inteira de cães.

Por isso Tonho já chega em casa contra a porta de ripa, como toda vida em Vilaboinha, procura Fátima a ripa na mão, todo dia topa Fátima hoje não. Onde está essa mulher não está nem na porta nem na cozinha, quem ela pensa que é dentro das coisas, aparece, maldita. Tonho vai empurrando tudo topando tudo batendo nas quinas topa o quarto, diacho, ele vai atrás de Fátima e topa seu rastro, os cães apertando seu encalço, o desgosto diacho é um engasgo.

— Que isso, Fátima? Pra onde você pensa que não fica?

Na Vila Marta o barraco era bom de guardar lembrança.

Fátima e Scarlett viviam nele sozinhas onde podia muito bem caber mãe pai filhos família. Não tinha quintal, só quarto e cozinha, telha, prego e ripa. As duas acordavam limpavam tudo antes do sol, Fátima levantava o colchão, Scarlett varria. Fátima arrastava as caixas de biscoito Costone, procurava arroz feijão resto de pão, Scarlett não aquietava o pano, guardando os objetos caíam.

As duas acordavam limpavam deixavam brilhando tudo antes do sol, enquanto a escavação, insone, nem dormia. Fátima lavava as panelas amarrotadas os garfos banguelas que tinha, Scarlett batia os panos pelas frestas sem nem abrir a porta de ripa. Fechava bem rápido ripa com ripa, fechava o mais rápido que podia, muito não se aguentava. Qualquer fresta aberta e o barraco vai ser tomado pela terra.

Diacho, ainda bem que Fátima tem a filha.

Em Vilaboinha o sol vem todo dia alcança o céu esparrama e deita em toda gente, pesa em tudo na pele nos ombros deixa nossos olhos doentes. Todo meio-dia a gente cansada, arrastando a vida, suada, desfeita, quase morta, reclamando de tudo que é jeito, o sol nem se importa. Engano da gente que nem imaginava, de tanto reclamar você nem acredita: a gente toda foi abençoada. Uma vez o sol foi embora e ainda era dia. O que veio depois você já imagina.

Fátima pensou ter visto o rosto da vó, era tanta gente chegando na Vila Marta que Fátima pensou ter visto da fresta do barraco o rosto empoeirado da vó. Era tanta gente que pensou ter visto outro rosto empoeirado da vó, a memória cansada, encontrou de novo a vó na caravana empoeirada. Bobagem, tanta gente arrastada chegando, tanta carne por todas essas estradas, imagina, a vó uma caravana, tanta ela, diacho, devia ser nada.

A vó essa caravana de repente saltada do trem tomando a Vila Marta terra levantada, não, não podia ser ela, não tantas vezes a vó. Diacho, só a vó sabe, será que a vó contou pra Scarlett? Será que por isso a filha não fala? A vó essa caravana tomando a gente, sabendo de tudo, a filha sem palavra, meu Deus, não pode ser a vó essa poeira no vento, não pode ser a vó esse vento, não, para, não pode ser a vó caravana e ela pouca, só uma, coitada. Nada.

Tadinha da Fátima.

Em Vilaboinha o sol não foi embora, os olhos é que não ficaram pra ver. Tudo a gente cego de repente não via céu, não via bicho, não via a hora de ver de novo, nem a filha da Cida nascendo de um susto. Tudo a gente cego não viu a morte cheirar Cida, lambar seu nome, chamar suas feridas. Tudo a gente cego e nasceu a menina. Quando a gente voltou a ver, achou que era engano das vistas. Mas isso você já sabia.

Para onde Fátima pensa que não fica? Diacho de mulher nem tenta esconder trambolho. Deixa o saco de roupas em cima de tudo, agora é Tonho quem está mudo. Ele passeia em volta, sem entender, manadas suas veias, bicho no abate, o silêncio dos cães que, diacho, não latem. Ele passeia em volta chutando tudo a Fátima quieta segurando panela, o trambolho à mostra, sangue em suas veias, o Tonho assustado com seus cães dormindo, a Fátima meu Deus quase sorrindo.

Tonho toma Fátima pelo pescoço.

Fátima podia ter ido embora antes de ele chegar ela podia mas ela não podia ir embora, levar a filha, ela não conseguia deixar Tonho em Vilaboinha. Não depois de enfrentar o louco sozinha. Quem não ia querer abrir cutucar ferida, arrancar fundo, abrir mais ainda, futucar tudo, até encontrar Tonho miudinho miúdo, quem não quer o corpo de Tonho aos pedaços, macetado no tacho, oferta pro diabo, quem não quer matar Tonho esse desgraçado?

Fátima podia ter ido embora antes de ele chegar ela podia ter levado Scarlett embora, mas Fátima esperou Tonho com a trouxa pronta, Fátima com o pescoço nas mãos de Tonho aguenta a afronta, ela respira como pode até ficar pronta e joga nele toda terra da boca. Joga também o silêncio, sua terra louca. Joga as surras, vomita o barro com força. Tonho com os olhos tomados, tentando se livrar de tudo, arrasta as vistas, mil rabos entre as pernas, os cães estão mudos, ele nem vê a panela.

O golpe na cabeça de Tonho rompe o sangue. O sangue nas mãos de Fátima rompe seu silêncio.

*Espera. Isso a gente precisa falar. Mas não, vai, deixa pra
lá*

Em Vilaboinha era noite em pleno dia, as crianças correndo o diabo no corpo e a gente fazendo tudo que queria. A gente em silêncio, os dentes travados, nos cantos das casas, com quem encontrava. Mas ainda era cedo e quando a noite foi embora a gente toda encontrada no meio de tudo fingiu que não via, disfarçou ligeiro, e colocando as roupas foi perguntando o que é mesmo que você dizia, ah, sim, parece que a Cida morreu uma filha.

A vó tomando a pouca Vila Marta, a terra louca, tomando o corpo febril de Fátima. A vó doença que não conhecia, febre de Vilaboinha, querendo o corpo da gente, doença da peste, descontrolada. A vó um calor imenso espiando nas frestas do barraco, a Fátima assustada, a vó sombra dos pés na fresta da porta, cansada.

A vó quer entrar.

— Não, Scarlett! Deixe a porta fechada!

A vó seus olhos na janela, a vó quentura na telha, a vó o toque de Scarlett, a vó por todos os lados caravana quer entrar. Não, não, não, a Fátima não vai deixar. Não chegue perto da porta, Scarlett, porta é pouco, deixe tudo fechado, terra não entra, fica fora, água não resolve, nem reza pronta. A vó mil olhos nas frestas, a vó caravana no barraco em volta, quentura nas ripas, a vó sussurro constante se esconde dentro da reza, em cada palavra. Meu Deus, ela quer entrar.

Scarlett, não acredite no que a vó contar.

Em Vilaboinha ficaram dizendo que a escuridão era filha também de Cida, mãe de gêmeas, uma nasceu escondendo nossos olhos, outra nasceu escondidinha. Será que a Cida sonhou com isso tudo? Virgem Maria. Criança parida assim deve ter três olhos e nascer com lombriga, fiquei sabendo as pernas curtas mal têm vida, e um braço mal alcança a coçar três santas feridas. Mas a criança não tinha escamas era uma decepção só: tinha braços, pernas, uma besteira, só não tinha nome, isso é fácil por demais arranjar. Difícil era acreditar que aquela cegueira de esconder o sol era sua irmã gêmea.

Na Vila Marta os cães estão vivos, diacho, aqui na Vila Marta o cão late solto. Com a terra quieta aquietam ainda mais tudo, um passo de cada vez agora os cães estão mudos. Essa terra inquieta desespero dos cachorros e eles calmos, acostumados, de repente lembram como faz isso engasgar os pulmões e voltam a latir toda vida e voltam a engasgar Vila Marta Vilaboinha.

Se a terra inquieta que os cães não pisaram volta a latir, engasgo, só pode ter alguém chegando, diacho, será Tonho? Será o diabo? Já não basta essa gente toda taipa de mão pau a pique casas inteiras trilho de trem multidão? Diacho, tem tanto cão, não são só da Vila Marta, não. Deve ser Tonho chegando com diabo no corpo, nervoso, afinal ninguém aqui mata um cão.

— Gosto não nasce em trapo guardado, cão do demônio — O silêncio de Fátima rebenta, jorra, logo antes de ela ir embora. — Não se faz gosto como quem faz doce botando a gente em compota, desgraçado, isso não se faz. Apanhar de quem a gente tem gosto deve ser outra dor eu não conheço essa dor eu conheci outra dor, diabo, outra dor que não a surra. Esse tempo todo quieta em sua casa, guardada na saia de minha vó em suas pancadas esse tempo todo guardada não me fez doce, desganhado. Eu não quis nascer sua filha, é verdade, ela veio quietinha, eu não quis, mas Scarlett nasceu essa fome eu não tinha essa fome eu não conhecia, bater na menina, essa fome eu fui ter com o louco sozinha essa fome de ter com você, Tonho, e falar é outra fome que eu tenho, Tonho, essa fome eu

Fátima podia ter ido embora antes de Tonho chegar, ela podia ter levado Scarlett embora, mas ela esperou Tonho com a trouxa pronta, Fátima com a panela na mão aguentou a afronta, respirou fundo até ficar pronta, e deu com o ferro bem nele com força. Ela podia ter ido embora, ter ficado quieta, mas o sangue nas mãos de Fátima rompeu seu silêncio, um jorro, e o silêncio rebentado de Fátima levantou Tonho. Ele toma Fátima pelos calcanhares ela cai que nem trouxa de roupa. Tonho dá com a mão nela o sangue escorrendo de sua cabeça escorre também o dela. Segura pela garganta. Não tem cão nenhum, Tonho aperta, não tem cão nenhum ele sente o silêncio de Fátima preso na goela. É nela que ele bate, só nela, não tem cão nenhum não late, é ela quem chuta o Tonho, só ela, diacho de cadela, nem apanhar quieta não sabe. Tonho puxa o cabelo de Fátima, as unhas dela comendo sua carne, Tonho arrasta a cara de Fátima suas olheiras no chão, é nela ele bate só nela, não tem cão nenhum não late, só as costas depenadas, o sangue tomando os olhos os trapos da mulher no chão e essa vontade. Aperta Fátima espreme seu pescoço tronco insosso, dá outro tapa nas suas bolas cansadas de jegue, outro tapa pra ver se ela aprende. Arrasta a cara de Fátima lamaceiro de sangue, mas ainda é ela, tem que ser ela caída no chão, saco de pancada, tem que ser ela pé no pescoço, não morre ainda, desgraçada. O sangue deixa a terra grudada. É ela ainda se debatendo, as pernas loucas, cadela, é ela ainda, essa raiva que nunca acaba. Diante de Fátima moída de apanhar de novo ele bate, não tem cão nenhum, só Fátima descascada e essa vontade. Ele pisa em Fátima, em seu corpo todo ele pisoteia a terra o seu tronco. Ele descansa em Fátima, arrasta Fátima pelo chão, machucando a terra. Xinga Fátima. Chora nela. Cospe. Era pra ser sempre sua cadela. Manda a mulher desgraçada manda a mulher pro inferno, diacho, como ela pôde como ele pôde amar essa

diaba? Ela diz você vai ter que me matar ela diz uma parte sua eu levo comigo ela fala. Diacho, como ele amava o silêncio de Fátima. Tonho vai pra cima entrar nela, Fátima se debate, Tonho lembra Fátima se debatendo gostoso, seu jeito de não querer as coisas, Tonho lembra, Fátima nunca esqueceu, Tonho pega puxa vai devorar sua cadela, Fátima alcança um pedaço, Fátima morde, cachorra, Fátima arranca, cospe, Fátima mal dá um sorriso, e morre.

A vó assim dentro da reza, de tudo, melhor não falar nem nada, fique quieta, Scarlett, fique calada, ela grita, mas o vento deixa a porta escancarada, e a terra toma Scarlett a cozinha o quarto não tem porta. A vó caravana toma o barraco, a terra toda, a Fátima tonta quase não vê nada, só sente o barro nos pés, a poeira nos olhos, só sente a vó querendo entrar, a vó cansada.

A vó terra trazida pelo vento querendo as orelhas querendo os olhos, a vó barro molhado querendo os pés, a vó barulho apressado, sussurro, querendo tudo, meu Deus, querendo tudo. A vó brisa calma não se engana, entra na pele, e pela respiração o sangue toma, ela deita toda nas tripas se esparrama pelas costelas, a vó toma todo o corpo da neta.

O descanso, um só respiro, não espera, a vó caravana toma Fátima inteira, deixa Fátima esquecida, e quando acorda meu Deus o que é isso? Não pode ser. Fátima olha a terra, olha a revoada, olha a terra e, santo Deus, vê a máquina de fazer gorila:

Em Vilaboinha o sol que estralava na gente de repente está no céu embrenhado. Os olhos de cada um começam embaçados, dois ovos na escuridão estralados, achando que deve ser o corpo que anda errado, a idade, o sono, a ave-maria, castigo de Deus, arte do diabo, demônio pregando preguiça, impressão sua, não deve ser nada, diacho, é falta de farinha. Em Vilaboinha ninguém sabia, mas o sol embrenhado em pleno dia é um eclipse que está para começar:

— Atenção, senhoras e senhores! Começa agora o espetáculo mais aterrorizante da face da Terra. Recomendamos a todos os presentes com problemas cardíacos que não assistam às cenas que vêm a seguir. A incrível metamorfose pela primeira vez na Vila Marta Vilaboinha. Vai começar. Agora. Essa é Fátima, vocês todos conhecem. Uma mulher comum, de peles rasas, uma mulher que não representa perigo. Ela se movimenta provando a todos que está viva e é real. Cumprimente o público, Fátima! Agora se prepare para sua transformação. Feche os olhos e adormeça, Fátima. Durma, durma profundamente. Leve seus pensamentos para dentro da terra. Leve seus ossos, sua carne. Leve o sangue, os músculos. Leve suas tripas bem fundo, onde ninguém mais pode entrar. Não esqueça as costelas. Traga de volta, não o seu, Fátima, não, não, o dela, traga de volta as tripas, a carne, os ossos, as veias. Observem, senhoras e senhores, um corpo tomando o lugar do outro, um braço que foi, os calcanhares de volta, os dedos das mãos, duas orelhas desenterradas, observem, senhoras e senhores, duas caras. A Fátima lentamente se transformando em monstro! Na irmã! Na menina! Olhem, olhem! Que coisa horripilante! Os olhos da criatura, dois buracos infinitos, arregalados, e a Fátima parindo um monstro por todos os seus buracos. Ela está completamente adormecida, Fátima não sabe o que está se passando ela se transforma. Notem, senhoras e senhores, dos pés à cabeça notem o que aconteceu com Fátima, ela foi totalmente transformada, os braços soltos, as pernas tortas, notem os olhos da criatura. Agora vamos provar que ela todo esse tempo enterrada em Fátima vamos provar que essa criatura escondida como Fátima vamos provar que essa criatura ainda tem vida. Acorde, monstro! Desperte, menina!

A menina vinte anos atrás chegou em São Paulo com a sacola de Fátima, o documento e tudo. Pediram identificação, ela não entendia, pediram nome, ela menos ainda. Quem é você, o homem de sapatos perguntou, ela não sabia, olhou a própria sacola, não sabia, olhou o documento olhou a passagem, para ela nada dizia, olhou de novo o saco de roupas de Maria de Fátima. Eu sou uma fátima, ela respondeu. Diacho, como assim, menina? Não é fácil explicar:

— Não ter o próprio corpo é quando a Magrela encontra osso na minha canela. A Magrela não tem o próprio corpo, fica correndo atrás do rabo pra ver se é mesmo dela. Rabo é rastro da gente, tem vez que é de carne, tem vez que é de olho. É parte do corpo distante, o rabo fica pra trás contando as histórias. História é outro corpo da gente, um que o tempo não destrói, não tanto. O tempo é o que não passa quando dói. E dor é quando nada disso importa.

Você deve estar se perguntando o que aconteceu com a Magrela. Mas isso a gente conta depois. Não, vai, vou contar agora. Na Vila Marta Vilaboinha os cães estão vivos mesmo os que morriam, eles latem descontrolados, adivinha? É a Magrela, tadinha, latindo de cão em cão. Achou que o Tonho não vinha, mas sabe que ele vem chegando, e os cães numa doideira do cão, não param de latir mais não, é a Magrela, tadinha, veio buscar o que em Vilaboinha não teve. A canela do desgraçado do Tonho.

Mas isso a gente conta depois. Palavra.

FEBRE É: síndrome caracterizada por hipertermia, taquisfigmia, vilaboinha. Exaltação do espírito. Essa vontade de comer terra. Com tudo que ela guarda. Verão dentro da gente. Vontade de sair da gente. As coisas atravessadas.

- Diacho, eram duas palavras, não uma!
- E também não eram assim compridas.
- Não tem respeito nenhum com a gente.
- Nem com a gente nem com nada, como assim febre é Vilaboinha?
- Mas eu gostei tanto daquele como é mesmo...?
- Qual? O filha? Eu gostei do que fala filha come a gente por dentro.
- Não, eu gostei do outro, como é mesmo?
- O do urubu que brota da morte? Eu adoro esse.
- Não, o outro.
- O da cidade?
- Não.
- O do circo?
- Não.
- Então o do monstro?
- Também não.
- Diacho, se gostasse tanto assim já tinha lembrado.

Estômago esquerdo estômago direito

Quando a menina foi ao circo pela primeira vez nunca tinha ouvido falar de fantástica, de metamorfose ou de gorila. Foi pelas estradas levando um osso de costela debaixo do braço, outros dentro, as próprias costelas, e as cristas ilíacas, foi levando tudo onde ela ia eles iam junto, mas a Fátima fez a menina largar bem o osso que ela roía. Tristeza óssea, a menina nem sabia o que fazer. Com um tapa a Fátima deu o osso pra terra. Não reclame, menina, diaba, fique quieta.

No palco a mulher vinha quase sem roupa, brilhando esquecida, os ossos guardados na carne, os ossos ela quase não tinha. Toda a gente assustada e a menina olhando a carne da mulher, terra acalmada, a menina procurando costelas não achava nada, galhos, gravetos, a menina não achava diacho será que essa mulher tem ossos secretos? Foi a primeira vez que viu pessoa gorda em toda vida, onde já se viu, coisa mais esquisita. Tinha para ela que gorda era velhice de galinha.

A Fátima vendo a irmã assustada diante da descoberta se fez de entendida: tem gente longe daqui que come tudo que é coisa estranha, menina, diacho, você não sabia? Madeira, bicos de pássaros, pedra moída tudo bem. Tem gente que abre estômago de bicho, come as próprias lombrigas, eu também. Tem quem come piolho, raiz de cabelo, bandeira de festa, isso tem, mas longe daqui as pessoas comem outras coisas, menina, cada esquisitice, você nem imagina. Tem até gente com estômago dormindo quieto, acredita?

Em Vilaboinha o vento bate na porta, a Penha vai arrastando os pés, abre a porta, e não vê nada. A terra dali qualquer vento levanta, leva todo santo dia corpo pra fora, a Penha levanta abre a porta do inferno e nada. O vento leva tudo, ossada de bicho, folha seca, o último vestido de Fátima largado no varal, o com a alça remendada. A Penha passa pela porta, não custa nada dar uma olhada, só uma olhadinha, diacho, não custa nada, a Penha abre a maldita porta. Só vê os urubus e a estrada.

Penha, mania estranha, olha a terra o horizonte a poeira pra ver se suas netas estão lá. Diacho. Vai que elas encontraram lugar lá para morar. Penha tenta olhar longe, seu olhar não encontra, muito menos o dedo que ela mesmo assim aponta. Penha procura nas borras do vento, nas marcas do tempo, diacho, a Penha procura até nas dobras do caneco. Penha olha a poeira levantada, olha os urubus revoados, olha os urubus revoados e, santo Deus, não vê nada só vê Scarlett aprendendo com eles a voar.

Penha não encontra o que sua neta a menina olhava. Muito menos a menina pra olhar.

- Você lembra, Deusa? A Maria da Penha quando nasceu gritando não?
- Foi sim, Maria, você saiu da barriga da mãe já foi gritando não.
- Você nem ouvir sabia, filhote do diabo, já nasceu desmamada.
- Mainha quem disse, Penha já nasceu desmamada foi sim, ela disse sim.
- Eu ouvi, ela disse quando vier o circo dou a Penha pra ir junto.
- Ela falou mesmo. Não aguento mais esse filhote de cruz-credo, ela falou.
- Vixe, não, endiabrada, a mãe não fala assim da gente, Deusa, fala?
- Qual o quê, Neusa, mainha tem gosto da gente, tem não?
- Vixe, sim, Deusinha, espero que sim, Deusinha, tomara que sim.

A máquina de fazer metamorfoses é eclipse, é mulher, é gorila. Eclipse é quando nossos olhos escondem o sol, é quando a mulher se esconde em gorila, uma em cima da outra, mas não preocupa, não é briga. A mulher é a fome do gorila e gorila é monstro como a gente imagina, grande, com pelos pelo umbigo e a barriga. Imaginação tudo a gente sabe o que é mas não sabe dizer bem ao certo: é coisa de não ver de frente, muito pelo contrário, fica atrás dos olhos da gente devorados.

Tudo a gente tem ideia de como a mulher deixa de ser mulher pra ser outra coisa gorila. Mulher é mesmo isso, os pés da lua na terra. Ideia a gente nem devia ter. Deus é quem tem as ideias, a gente só passa por elas. A vó é quem sabe das coisas, mas muito não diz, guarda. Guardar é não ter pra mais ninguém. Fome? Fome é o que todo mundo tem.

Não tem nada disso estômago dormindo quieto, a Fátima está errada, diacho, a Fátima disso não sabe nada: fome é encher a boca com estômago de palavra. Não vê que a gente quando tem fome fala? A mulher quase sem roupa brilhando esquecida toda gente sabe como vira gorila, o urro distante, os ossos partidos, os pelos à mostra. Só a menina olha a mulher brilhando esquecida só a menina percebe, meu Deus, como ela está faminta. Diacho, por que só a menina? Daqui a pouco a gente conta.

- Olha lá, Deusinha, outro artista desses que passam fome.
- Olhe, Neusa, esse está mais para lá do que para cá, viste?
- Esse tem unhas, olha, Deusinha, não comeu os próprios dedos.
- Tem que ficar de olho, imagina ele dá seu jeito e come.
- Não carece, quando come ele deixa de ser artista da fome.
- Vamos ficar de olho, Neusinha, dessa vez a gente dá sorte...
- Já viu, Deusinha? O bicho na nossa frente de frente com a...
- Já viu? Vamos ficar de olho, credo em cruz a gente dá azar de novo.
- Vire essa boca pra lá. Virgem Maria. Dessa vez vai ser em Vilaboinha.

A menina neta da Penha ainda miúda o vestido arrastando no chão a menina olhando longe, ficando de olho, perguntou pra vó quem era aquela gente toda, a vó lhe deu uma surra pra parar de ser besta, endiabrada, pare de ver coisa onde nem tem nada, as filhas do Tonico feito a vó chamaram a menina de retardada, apanharam também pra modo de não serem malcriadas, o Tonico mesmo nunca mais se viu, foi reclamar com a vó e acabou sumiu.

- Deixa, vai, mainha...
- Deixa?
- A gente está indo ver tudo que é dia.
- Ver se ele já...
- A gente vai, fica vendo, vendo se ele não comeu as unhas...
- Ou o cabelo das pernas.
- É costume deles, mainha, mas a gente tem pra gente é trapaça.
- Todo mundo fica rindo, esperando, porque parece que ele vai...
- A gente está indo ver todos os dias a gente...
- No começo tinha carne pele...
- Agora dá pra ver tudo dentro.
- Feito bicho largado quieto na terra.
- Deixa, vai, mainha, a gente não pode perder.
- É hoje! Mainha, é hoje...
- É hoje que ele vai morrer.

Com barriga escorada na pia da cozinha, Penha arrasta a colher no fundo do caneco, quem sabe o que bem fundo ela encontra, o que tentando ela nunca arrasta. Penha olha lá fora a terra bagunçada sem a cisma da neta, Penha olha o vento, olha o vento e, santo Deus, não vê nada. A menina levou nos olhos tudo embora. Penha só vê Scarlett entre os urubus em revoada, olhando tudo do topo da árvore solitária, esperando pra ver o que a terra guarda. A árvore foi a Cida quem plantou.

No começo para subir na árvore a Scarlett demorava. Ia pouca, cravando os dedos no ranço da árvore, perdendo as unhas, raspando a carne. No começo pulava, erguia, esticava, os urubus em volta rindo do bicho esquisito quatro pernas onde já se viu não ter asas. Depois os urubus levavam a Scarlett lá em cima, os bicos presos no trapo, eles deixavam a pequena balançando caindo nos braços dos galhos, no começo ela caía, mas, não demorou muito, logo Scarlett aprendeu a pular sozinha.

Penha, coitada, olha o horizonte não vê nada só a bisneta, não é a menina, não é Maria de Fátima. Penha só vê Scarlett Maria aprendendo com os urubus a pisar quieta a terra. Aprendendo com os urubus a brotar da árvore. Aprendendo com os urubus a não pesar. Aprendendo com os urubus a olhar a morte. Aprendendo com os urubus a não morrer. Aprendendo com os urubus a esperar. A Scarlett que só sabia falar uma única palavra.

- Fique quieta, Penha, olhe com jeito o artista.
- Depois reclama que a gente trouxe você pelos cabelos.
- Você acha que a gente gosta ter você por perto?
- Foi mando de mainha, filhote de cruz-credo desmamada.
- Fique quieta, Maria da Penha, não faça essa cara.
- Acha é fácil fazer isso que ele faz pra gente?
- Quieta, Maria da Penha, vê se não apronta.
- Diacho, miúda endiabrada, pare de mexer os pés.
- Não vê que atrapalha o artista da fome?
- Não mexa a cabeça, aguenta a sujeira.
- Presta atenção, olha, Maria da Penha.
- Ele não pisca, não se mexe, está vendo?
- Está vendo, desmamada? Ele não reclama...
- Ele não coça, não chora, não faz manha...
- Viu só? Ele não é feito você tem formigas na xereca.
- Vai lá, Penha, vai lá pedir pra ele lhe ensinar a ficar quieta.

Uma vez a menina faminta, cansada de roubar osso da Magrela, arrancou o rabo de panela, mastigou muito, quase engolia, quando a vó percebeu foi tudo, ficou louca, foi tirar com os dedos a madeira na garganta da menina, a mão na boca, dedo unha e tudo, levou junto um dente que vinha mole e os ossos que a menina não moía, pra depois dar uma surra na neta até ela se arrepender que comia.

- Por que você não ri, Maria da Penha?
- Não está vendo o artista da fome?
- Não está vendo, Penha? Ri, anda, molenga.
- Vai, Penha...
- Não está vendo o homem fazendo graça?
- Anda, Penha, dá risada.
- Não está vendo o homem?
- Qual o quê? O artista da fome...
- Dá risada, Penha, anda.
- Os artistas eles gostam...
- É pra isso que eles fazem graça...
- Você não está vendo?
- É pra rir, Penha, sua desgraçada.

Desde que perdeu as netas embora, Penha não dizia palavra. A Scarlett, como os urubus, era quieta que só. Vinha no rabo do vento, a danada. Encontrava pose no jardim de cadáveres. No começo Penha tinha medo, é verdade. Ficava escondida nas frestas da casa, olhando pela janela afora: a bisneta uma revoada, a menina que não vinha, o vento que não trazia Fátima.

Quando Scarlett era pequena, Penha ficava guardada em casa, vê se pode, olhando a criança se entender com a morte. Quando Scarlett já voava, Penha às vezes saía. Pisa quieta a terra, não fala nada. Encontra um braço perdido de corpo, osso fora, sangue, fibra, joga para os urubus buscarem, joga para que beijem as feridas. Olha como eles voam pra buscar, olha como Scarlett voa. Desde pequena é a primeira a chegar.

- Diacho, vai ser que nem da outra vez...
- Cruz-credo, Deusinha, não fala desgraça...
- Estou mentindo, Neusa? Passar fome quem não passa?
- É verdade, Deusa, já está ficando sem graça...
- Esse tempo todo pra não fazer nada...
- Vou ser artista então, conhecer o mundo e tudo...
- Se for pra ficar assim parada eu vou junto...
- Você não liga de ficar presa que nem macaca?
- Qual o quê, Neusa, não cabe nenhum nessa jaula...
- Pra mim está é bom, ficar olhando a gente passar...
- Quero só ver, Neusa, você ficar assim que nem ele. Sem falar.

Uma vez a menina irmã de Fátima chamou a vó Velha, pensando assim se fazem os nomes: a cachorra magrela chama Magrela, ela mesma chama menina, a mãe que não aparece chama Aparecida, e Fátima deve ser mesmo muito fátima, porque ninguém mais é. Que nem a Scarlett, palavra desconhecida, se bem que no fundo esse nem é o nome da cria. Chama também Maria, como no fundo toda gente chama. Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria de Fátima, Maria Menina e Scarlett Maria Criança.

- Mandaram o artista embora, Neusinha...
- Jura, Deusa? Logo hoje eu não vi...
- Botaram ele pra fora na paulada...
- Bem feito, ele não ia morrer nem nada...
- Enganou tudo a gente o vigarista...
- E ainda fica falando que é artista!
- A mãe disse que antes os artistas prestavam...
- Ela falou, na época dela eles morriam de fome...
- Sofriam de verdade faziam de verdade...
- Esse nem se importa! Tudo aqueles dias...
- Ele não se esforçava nem se mexia...
- Só ficava lá parado, não morreu...
- E ainda torceu todo o pescoço dentro da jaula...
- Como assim, Deusa? Me fala...
- Tive que trazer a Penha de volta arrastada...
- Diacho, por que isso? Ela ficou de pirraça?
- Ele encasquetou com olhar a Penha e não largava...
- Eu falei, não falei? Ela tinha que ter dado risada.

Um dia depois de Fátima morrer, uma tempestade imensa acalmou a terra de Vilaboinha. A água celeste, uma bênção, veio sem nem avisar que vinha, Maria da Penha nem ficou sabendo: era Fátima que chovia. Na terra toda, e na porta de Penha fazendo visita, mas a Penha não conhecia a neta assim líquida, ficou esperando a Fátima, ficou esperando a menina, nenhuma delas vinha, diacho, nem corpo não vinha nem viva.

Devia era amaldiçoar as netas, ah devia. Lembrava das duas netas e esquecia: qual é mesmo o nome da menina? Devia era amaldiçoar Maria de Fátima, mas não lembrava o nome da outra neta. Diacho, a menina nem tinha nome. Cida morreu não deixou nome, Penha achou ela não merecia. Devia amaldiçoar Maria de Fátima, dar jeito de amaldiçoar também a menina.

Mal sabia Maria da Penha que o nome que ela não deu a neta mais nova arrumou sozinha:

O Tonho sai correndo embora, deixa a Fátima morta no chão da cozinha. A menina ouve o silêncio, certifica, e só depois sai de baixo da pia. A chuva que está para chegar traz no vento a terra de fora, diacho, a terra quer levar o corpo de Fátima embora. O rosto de Fátima, chã de dentro, chã de fora, uma terra inteira, bando, memória. A Fátima morta, osso, caldo, sangue, fibra. A imaginação de Fátima ali, dentro dos olhos globos espetaculares, a imaginação de Fátima bem ali diante da menina, seu brilho à mostra por entre carnes.

A succulenta imaginação de Fátima.

Tudo a gente tem ideia de como a mulher deixa de ser mulher pra ser outra coisa gorila, só a menina percebe meu Deus como ela está faminta. Ninguém pensa que de repente a mulher antes de ser gorila ninguém pensa que a mulher morta de fome, faminta, a mulher querendo ser alguém mais que só ela, ninguém nem pensa que a menina faminta morta de ser só ela, que a menina prova a carne de Fátima, cravando os dentes e botando pela goela.

A carne de Fátima, com tudo os nossos destinos gravados, com as unhas comidas, os mapas nas pernas, as queimaduras de pegar quente a panela. O corpo de Fátima, os braços e as pernas, os nós dos dedos, os joelhos, as patelas, um bicho selvagem dormindo sob os pentelhos, os cotovelos secos pelas eiras das janelas. Os pés rachados de família, que nem os da Penha, que nem os da menina, as maçãs do rosto bichadas iguaizinhas às da Cida.

Ninguém nem pensa a menina nem pensa ela vê o corpo de Fátima ela mastiga, conhece o gosto, conhece no engasgo, mastiga os destinos, mastiga os calos, anda, menina, é o único jeito de você virar gorila, anda, menina, mastiga. Ela menina menina menina mastiga mastiga mastiga e lambe os beijos e lambe o chão quando termina. Pega a bolsa de Fátima, os

documentos, pega as orelhas de Fátima, esconde os ossos, as unhas, deixa Scarlett na porta da vó, deixa a vó e Scarlett sozinhas.

Já não é mais a menina.

Não falei que tinha coisa?

Tem uma palavra pra dizer isso terra louca, carne, tem uma palavra pra dizer memória solta, sangue. Palavra tem mas a gente não diz de jeito nenhum a gente diz essa palavra ninguém diz, não aqui por essas terras, ninguém diz impunemente uma palavra, não sem ser danado por ela. Palavra é igual reza, não perdoa, devora a gente pela boca, rasga, amaldiçoa, essa palavra entra toma nosso corpo. É assim desde que morreu a louca.

Foi desse jeito: botaram o corpo da louca na terra. Ouvi dizer que morreu de saudade das netas. As crianças de Vilaboinha ficaram correndo em cima, a cidade fazendo uma festa, dando ao diabo oferenda. A ventania veio logo em seguida, era só uma louca morrer que chovia, a ventania veio feito prenda. A gente correndo pra casa de volta pelas estradas de terra, correu tanto os olhos empoeirados, correu tanto que não viu correndo ao lado o corpo da Penha desenterrado.

Eita diacho! Lá vem a louca expulsa da terra!

Botaram o corpo de novo dentro, botaram árvore nela inquieta, bicho pra viver em cima, mas o braço da louca entre as raízes vinha, e depois o tronco, inteira ela nascia. Botaram o corpo de volta, pisaram em cima, fizeram casa, fizeram reza, mas dentro na terra o corpo não ficava, ficou então entre as paredes, morada. Nem na terra Penha sossegava. Foi quando a gente resolveu ver o que a bisneta da louca de Vilaboinha não dizia, apontava.

Que é que tem a árvore, danada?

Penduraram o corpo da Penha pro vento balançar como queria. Arrancavam unha pra dar sorte, se a moça é virgem a loucura contagia. Era o vento bater levar os urubus a revoada e tudo a gente ouvia o vento batendo e brotando do corpo palavra. As crianças chegavam perto, as moças fingiam, os velhos não entendiam nada. O vento lambia não calava. Desesterro, o vento

falava. Desesterro o vento ia lá e dizia, desesterro, o vento no corpo batia, desesterro. Ninguém repetia.

Desesterro: a única palavra que Scarlett conhecia.

A menina vinte anos atrás chegou em São Paulo com a sacola de Fátima, o tronco de Fátima, os órgãos internos, a pele e os olhos, os dedos do pé, as costelas, os calcanhares e as canelas, veias e artérias, a menina chegou em São Paulo sem saber quem era. Qual é seu nome, o homem de crachá perguntou, ela ainda engolia, olhou a própria sacola, a menina não sabia, olhou o documento, olhou a passagem, olhou o sangue nas unhas, sentiu na goela, sentiu os calcanhares, o tronco, as artérias. E dali em diante a resposta vinha do estômago: meu nome é Maria de Fátima.

TEMPO É: trem movido a cadáveres.

TREM É: fantasma fora dos trilhos.

Pele e osso

— Fátima, abre a porta, sou eu, o Tonho, o Antônio, seu marido, Fátima, o pai de sua filha. Fátima, eu sei que é você, eu sei que você está aí, abre a porta, anda, Fátima, abre a porta pra gente poder conversar, diacho eu senti tanto sua falta eu achei que você tinha morrido, eu deixei você estrebuchada, minha cadelinha, eu jurava que você tinha ficado morta, mas não. Abre a porta, Fátima, anda, deixa a gente conversar se entender, não me aperreie, mulher, eu explico tudinho, diacho, todos esses anos procurei por você, vim a pé desde Vilaboinha, Fátima, capengando, roubando comida, arranjando trabalho, diacho, eu cheguei aos frangalhos. Antes de vir fui ter com sua vó, achei que você estava morta mas ela disse que você meteu os pés pelas estradas, largou ela sozinha e veio pra São Paulo sumida. No final das contas você conseguiu, minha cadelinha, você sempre foi assim de conseguir fazer mesmo o que não queria. Abre a porta, anda, vai dizer você não sentiu minha falta? São Paulo é grande demais, Fátima, esse tempo todo lhe procurando por essas estradas tudo, esse tempo todo essas estradas todas pra gente pensar, Fátima, abre a porta, anda, vamos conversar. Vai dizer que você ainda está brava comigo, cadelinha? Abre a porta, eu lhe explico, anda, eu não fiz por mal ter você morta, eu não fiz por mal, diacho, os cães eles não param de latir. Você me conhece eu não fiz por mal, você não fez por mal eu te perdoo, Fátima, abre a porta e eu te perdoo, Fátima, eu nunca que fazia mal pra você, anda, eu sempre parava de bater, abre a porta, eu enfrentei todo dia esse cão do diacho por você. Os cães daqui eles não param de latir, abre a porta, Fátima, eles estão atrás de mim, anda, mulher, abre a porta pra gente ir embora daqui. Você deixa eu entrar você vai entender eu lhe explico tudo, diacho, eu não podia você não podia me deixar daquele jeito, Fátima. Eu achei que você tinha gosto por mim você não me tem gosto, Fátima? Abre a

porta, diacho, esses anos todos eu não lhe esquecia, minha cadelinha, todo dia longe de você eu sofria, diacho, eu bebia que nem cão chutado na terra, todo dia. Você deixa eu entrar eu explico tudo você entende, Fátima, você não é que nem toda mulher, você entende, Fátima, você me perdoa. Você deixa eu entrar primeiro, depois lhe explico tudinho, Fátima, tudinho eu explico tudo, agora deixa eu entrar me perdoa eu explico tudo, mas deixa eu entrar ou esses cães todos esses cães vão acabar é comigo, por favor, Fátima, eu sei que você está aí, desgraçada, abra essa porta ou eu lhe encho de pancada.

— Deus é pai, a vó dizia. Pai é tudo que faz a gente ficar escondida, embaixo da pia, cochichando com as próprias feridas. Pai é que nem Deus, deixa tudo por entendido, não diz nada do que a gente já devia saber. Pai é que nem Deus, chega feito ventania e tem filhos demais, não importa quantos, filhos demais pra lembrar cada um, saber o que gosta. O pai esquece a gente. Que nem Deus.

O que é isso, diabo, será que é mesmo o diabo na porta fazendo visita? Não pode ser Tonho, imagina, será que é mesmo o Tonho batendo na porta esse desespero todo? Mas só pode ser Tonho correndo fugindo, diacho, não vê que os cães da Vila Marta estão loucos? Maria menina, coitada, espremida embaixo da pia da cozinha da casa desenterrada, Maria menina não sabe onde ela começa onde ela termina, deve ser a febre só pode ser o verão de Vilaboinha. Diacho, onde foi parar sua filha?

Maria menina embaixo da pia olha a porta tremendo batida será que é o Tonho lá fora fazendo visita? Maria menina olha a filha, olha a filha e, santo Deus, vê muito mais que Scarlett Maria: Maria menina vê Maria de Fátima todinha. Os pés esparrachados, e a pele encardida que nem de toda a família. Maria menina vê diante dela a irmã que tem tanto tempo não via, eita lasqueira, é melhor continuar escondida. Vai que a Fátima não perdoa.

Maria menina ouve tudo embaixo da pia, o Tonho será que é o diabo fazendo visita, batendo na porta, pedindo perdão, eita diacho, deve ser é medo do cão. Maria menina ouve tudo, o Tonho lá fora será que é mesmo o Tonho fazendo visita, devia era bater nele com ripa, dar com pedra nele na fuça, descascar Tonho que nem macaxeira, oxe, onde foi parar a faca? A mesa? As panelas? Debaixo da pia Maria menina quase não vê nada. Mas dessa vez Tonho morre de vez, quem sabe dessa vez ele não consegue matar Fátima?

Maria menina embaixo da pia que nem quando viu o Tonho matar a Fátima de pancada, Maria menina devia latir que nem cão avançar nas pernas será que é mesmo Tonho? Devia era fazer reza conhecida de derrubar boi com vida. Diacho, a Fátima está tão quietinha. Maria menina devia gritar o que a vó bem sabia, como faz pra matar homem bicho ruim, como faz pra

expulsar o diabo da vida. O diabo é isso, a gente quer bater nele ele ri ele grita de novo na porta, pede perdão, ele ri da gente ele pede perdão, desgraçado, será que é mesmo o diabo?

Maria menina procura a filha, olha a filha, olha a filha, mas vê Maria de Fátima todinha, meu Deus, tão quietinha. Deve ter aprendido com a vida. Maria menina devia gritar ajuda da terra faminta, os cães uns nos outros só pode ser o verão de Vilaboinha. E se dessa vez ninguém viesse Maria menina ia dar jeito e encontrar os braços de Tonho, morder, dar tempo de Maria de Fátima correr longe o pé descalço, se dessa vez ninguém viesse Maria menina ia pisar os pés nos pés de Tonho, diachos, ela desgraçava se fosse preciso até o cão Maria menina chamava.

Dessa vez pelo menos dessa vez tem que salvar Maria de Fátima.

— Mãe é tudo que eu nunca tinha. Mãe nasce um filho e morre, tem mãe que nem tanto, fica viva, e depois morre todo dia. Os dias são as coisas que se enfileiram sem a gente nem ver, levando embora tudo que não fica. Embora é lugar distante, dentro dos olhos, e olhos são buracos para o mundo nascer na gente. A mãe lhe abraça do mundo, do que você não conhece, e faz o dia todo tudo que podia, pra só depois ir dormir o que não consegue.

Maria menina embaixo da pia ouvindo tudo, os cachorros uns nos outros, será que é mesmo Tonho gritando? Maria menina devia abrir a porta, dar nele uma surra sem tamanho. Mas se for mesmo Tonho ele vem louco, vem chegando pra dar jeito em tudo esses cachorros, se for mesmo Tonho logo ele entra, diacho, se for mesmo Tonho e não o diabo, se for mesmo o pai, o que a menina vai fazer?

Ela embaixo da pia um balde estalando ao seu lado, ela ouvindo tudo, o Tonho, os cachorros uns nos outros, ela embaixo da pia ouvindo o silêncio de Maria de Fátima. Vendo a porta entre Tonho e elas. Ela embaixo da pia devia sair de baixo da pia, devia levantar empunhar a ripa, devia abrir a porta e descascar nele uma surra. Ela embaixo da pia devia sair dessa vez ela devia levantar sair de lá pelo menos dessa vez ela devia ajudar Maria de Fátima, morrer com ela, pelo menos dessa vez ela devia não deixar a irmã morrer sozinha.

Mas, meu Deus, Fátima e Scarlett são tão parecidas que Maria menina não consegue olhar Maria de Fátima sem lembrar da filha, diacho, Scarlett é tão quietinha. Embaixo da pia Maria menina sacode a cabeça, mas não espanta o medo que tem de que o pior aconteça. O medo de não ser mais a mãe de Scarlett Maria. O medo meu Deus o medo de perder a filha. Pelo menos dessa vez dessa única vez não quer ser apenas ela, Maria menina, guardando os joelhos nas dobras do peito pra se caber toda embaixo da pia.

Diacho. Você não vai acreditar no que aconteceu depois

— Filha é uma parte da gente partida. Não importa se chega de dentro ou de fora, toda dor é nossa filha. Toda dor que dá gosto é filha. Todo gosto que dá embrulho é filha. Filha é o que vai embora e fica. Filha é a parte da gente que a gente ainda não conhecia. É ter de frente uma carne da gente esquecida. É lembrar todos os dias onde acaba e começa a vida.

— Eu devia saber mulher ruim demais, Fátima, eu nunca que lhe perdoo por me abandonar Vilaboinha. Sua vó disse Fátima sumiu foi pra São Paulo eu pensei desgraçada, abre essa porta, eu pensei a desgraçada conseguiu viver, vaso ruim não quebra, só pode ter vendido alma pro diabo, eu jurei lhe encontrar, Fátima, nem que fosse no inferno eu lhe buscava, eu jurei. Eu devia saber esse tempo todo os cães latindo eu encontro você puta desgraçada e os cães todos soltos, assim você quem me mata. Isso é jeito de tratar marido? Deus não perdoo, Fátima, você me abandona eu venho lhe buscar no inferno e agora esse cão desgraçado na minha canela, vai dizer que você não tem nada com isso, puta velha, vai dizer que não foi você quem tocou os cães todos pra fora, nunca vi tanto cão um só lugar, abre a porta, Fátima, abre essa porta ou você vai me matar. Diacho! Eu não sou comida de bicho, abre essa porta, Fátima! Abre essa porta ou eu levo você comigo! Abre essa porta e me arranja um pano minha perna sangrando, cadela maldita, cães do demônio. Anda, Fátima, diacho de mulher, acha que é brincadeira? Abre essa porta, se pudesse, se esses cães não estivessem aqui eu arrombava, abre essa porta, você é minha mulher não serve pra nada. Desgraçada, vai me matar, desgraçada, eu morro sangrando sofrendo pedindo ajuda, é nisso que dá ser homem bom, abre essa porta, diaba, eu pensei que você me tinha gosto eu vim te buscar depois de tudo que você fez comigo, Fátima, abre essa porta diacho de cadela na minha canela diacho esses cães vieram com ela. Abre essa porta... diabo! Abre essa... Fátima, por favor, Fátima, eu sou boa pessoa, o que mais você queria, por favor, Fátima, eu quem lhe dei irmã eu lhe dei filha, não me deixe morrer aqui fora, Fátima, essa maldita cadela esses cães todos, diacho, pra eles eu sou uma festa.

Não falei que a Magrela ia dar seu jeito?

Maria menina não pode perder a filha, Scarlett é tudo que ela não tinha. Lá fora o Tonho está louco, sozinho não entra, os cães não são poucos. Maria menina não pode ficar de novo sozinha, esticando os pés entre as caixas de biscoito. Lá fora os cães estão loucos, diacho, o Tonho não é pouco, mas se Maria de Fátima vive quem então vai ser minha filha? Diacho, isso não sai da cabeça de Maria menina.

Quem vai ajudar na cozinha? Limpar o barraco juntas todo dia? Dividir o pão quando tinha? Só faltava agora a Fátima vir de longe, diacho, só faltava a Fátima roubar sua filha. Não da Fátima, da menina. Scarlett já é filha de Maria menina, é assim que faz filho, a vó bem sabia, é assim que faz filho, botando pra correr, chamando de volta, reclamando ajuda, diacho, sentindo falta. Já pensou ficar que nem a vó sem a Cida? Cortando os cabelos da gente lembrando da filha, chorando os cabelos da gente que nem cebola?

Lá fora o Tonho está louco, sozinho ele não entra, os cães não são poucos, diacho, que homem frouxo. Lá fora o Tonho está pouco, perdido em mato cheio de cão, mas Maria menina não aguenta, ela sente no estômago a fúria dos cachorros: Maria menina pega a ripa, ela pega a ripa e engole o choro. Hoje Maria de Fátima morre de novo. Hoje ela morre de um jeito ou de outro.

— Fátima, eu sei que você está aí, Fátima, abre essa porta. Fátima... não se faça de besta, eu sei que é você não mudou nada, nadinha. Você está me ouvindo você está... Fátima? Não fique assim quieta, guardada, eu sei que você está aí, minha cadelinha, eu sei que é você não mudou nada, diacho, não mudou nadinha. Eu conheço o seu silêncio, Fátima, eu conheço seu silêncio com a palma da minha mão, minha cadelinha, se você abrir a porta agora não precisa falar nem nada, só não quero perder a outra perna não bastaram os braços, eles devoram tudo, por favor, Fátima.

Vagando os cães costumam as ruas da Vila Marta, remendam nas terras compridas de Vilaboinha, fazem a barra. Ninguém nem sabe o que seria delas ruas terras largas e vielas, ninguém nem sabe o que seria disso tudo sem os cães pisando a poeira, a farra do vento, sem os cães pisando o barro pra todo dia fazer o chão. Por isso ninguém aqui mata um cão.

Às vezes os olhos enganam a gente e fazem ver um homem entre os cachorros repartido, vai ver nem é mais homem, faz a festa dos cachorros da Vila Marta. Vai ver nem é mais homem, é só braço, é perna, é parte, vai ver não é mais homem, é só carne, é osso, não é mais homem, é sobra para os cachorros. Diacho, os cães nem latem, de jeito nenhum eles largam osso.

Às vezes os olhos enganam a gente e fazem não ver nem homem nem partes, às vezes a gente não quer ver e os olhos enganam pra gente não ver o abate. Nem os cachorros correndo buscar. Pra gente não ver como eles correm, alcançam, pegam, arrancam, rasgam, destroem tudo até não querer mais.

A gente às vezes olha para o lado pra não ver aquela montoeira de cães felizes da vida repartindo a solidão de um homem.

— A gente é bicho que nem outro que nem a Magrela sem poder cheirar osso. A gente é bicho que nem a Magrela e os urubus, tem vez que a gente é inseto grande se arrastando nas coisas. A gente é bicho, Maria é bicho sem antena duas pernas poucas patas, a gente é bicho pouco, ruim de achar osso, sabe o que a gente acha? Coisa antiga dentro da cabeça, guardada, coisa na cabeça enterrada, não osso, incômodo, caroço, é isso o que a gente cava. Mas se a gente tem tudo menos que bicho onde a gente guarda o que mais que bicho tem?

Maria menina embaixo da pia não ouve Tonho não ouve nada, diacho de silêncio terra de enterrar palavra, pra onde ele foi antes de matar Maria de Fátima?

Todo esse tempo Maria menina não percebia Scarlett Maria de Fátima tão parecidas, próprias partes, pedaços largados. Mas de repente verão de Vilaboinha Scarlett Maria e Maria de Fátima, as duas Marias, pequenas, e os cabelos malcriados, e os olhos embrenhados, e um urubu guardado no arco dos braços. Maria menina nem vê o final dessa história nas borras da pele gravado. De repente Maria de Fátima diante dela na casa vazia vazia, de repente a irmã de volta à vida, de repente Maria de Fátima vem tomar sua filha? Não, não, não! Maria menina ecoa toda na casa. Scarlett Maria é minha! Minha! Desgraçada!

Maria menina pernas tortas desgrenhadas sai de baixo da pia vai pra cima de Maria de Fátima. Chuta Maria de Fátima, dá nela com a ripa. Esparracha pelo chão a mãe de sua filha, diacho, por que Maria de Fátima parece tanto com Scarlett Maria? Maria menina não bate a surra que Fátima lhe deu não bate cada palavra, Maria menina bate para não perder a cria, Scarlett é minha, Maria de Fátima! Minha! Diacho, por que elas têm que ser tão parecidas?

Meu Deus tão parecidas, todo esse tempo ela não percebia meu Deus tão parecidas, próprias peles, e os olhos buracos na carne, e os dedos troncos na mão, meu Deus, tão parecidas, pequenas, e as canelas duas ripas, e o jeito terra de apanhar comendo da gente um pouco. Meu Deus, Maria e Maria tão parecidas Maria e Maria pequenas na vida Maria e Maria todo esse tempo ela não percebia, meu Deus, ela chuta estrangula escorraça Maria pelo chão da casa vazia é Maria ou Maria?

Mas só pode ser Maria de Fátima, a filha não fala. E a Fátima apanhando, depois de cada pancada, a Fátima quando Maria menina parava um pouco, respirava, a Maria de Fátima repetia a mesma e desconhecida palavra. Só podia ser Fátima, Scarlett Maria não fala, só podia ser Maria de Fátima mas elas tão parecidas tão Marias, elas tão parecidas e coitadas. Meu Deus, tão parecidas que eita diacho parando pra pensar agora depois de tudo elas tão parecidas e agora parando pra pensar, meu Deus, a menina chutou escorraçou matou Maria ou Maria?

Mais tarde, depois de ensacar, etiquetar e guardar o corpo que vieram buscar, o escavador encarregado vai guardar as fotografias desenterradas, colocar junto das chaves no bolso da calça. Marginal adora desovar perto de casa, o delegado diz, sem tirar a mão da arma. Ninguém mandou matar, doutor, vai acabar é em Vermelha. Que foi que eu falei? É só pedir com choquinho que eles falam.

E o outro corpo, senhor delegado? Pergunta o escavador encarregado. Mulher, parda, cerca de um metro e sessenta, escoriações por toda a extensão da pele, provável morte por múltiplos traumatismos. É cada um que me aparece, o delegado desconversa, impaciente. Qual é teu nome, rapaz? Quem é teu parente? Deixa eu ver o corpo essa belezinha. Quer saber? Estou num bom dia: pode levar pra casa, só não me complica.

*Maria menina olha o corpo, olha o vento, olha o vento e,
santo Deus, vê muito mais que o vento. Maria menina vê a
gente chegando*

FOME É: ter palavra na ponta da língua e não lembrar.

LEMBRAR É: encontrar gostinho de carne em osso pelado.

Órgãos secretos

- Você nasceu assim foi, Clarinha?
- Está falando de minha verruga?
- Claro que não, de sua corcunda.
- Ah, que é que tem minha bichinha?
- Você nasceu com ela, foi, ou lhe botaram?
- Você não devia olhar falar dela, Cidinha.
- Diacho, por que não?
- Não vê que tem coisa que a gente não fala?

A menina andando para, tropeça uma mão segura seu passo de onde saiu essa mão e a outra, não deve ser acaso, de quem são esses dentes, diacho, quem é toda essa gente tropeçando dentes em sua carne quem é toda essa gente não é daqui. Tudo a gente cheira quieta aproxima, mãos primeiro, a boca saliva, mete as mãos nas beiras cheira tenta encontra, mas é muita mão muita mão pouca beira muita mão muita mão fim de feira. Tudo a gente chega o corpo trôpego mais perto mais dentro, a beira é pouca, não basta, a beira é pouca a fome carrasca, as eiras soltas orelhas boca, sabia que se fincar o dente apertar puxar a pele rasga, meu Deus, o que a pele guarda?

— É só você ou sua família é toda assim?

— Assim como, gorda, é?

— Não, estou falando do... mas Chiquinha, você sabe muito bem do que estou falando.

— Não sei, não, Cida, por Deus que não sei.

— Diacho, você sabe sim... não carece me fazer falar...

— Mas se você quer saber, pode arranjar jeito de dizer.

— Mas Chiquinha...

— Tem coisa que é bom de a gente dizer, pra modo de olhar bem de frente o que diz.

Tudo a gente quer da menina um pedaço, nem que seja migalha de pão pedacinho bem pouco pouquinho, tudo a gente quer nem que seja só um pedaço, esse pequeno pedaço, vai, serve esse braço. Olhos, dedos, beijos, larga, larga esse braço, é meu esse pedaço, larga, menina, larga essa córnea, ela não solta, desse jeito o olho explode a boca chupa os macarrônicos nervos, larga, menina, larga, desse jeito a carne tinhosa esgarça, diacho, larga mão menina larga os dedos menina larga as veias os nervos os cabelos, larga mão de tudo, menina, larga a mão e tudo e deixa a gente devorar você, vai, menina, pedaço por pedaço.

— Mas esse seu... calombo... posso chamar assim seu calombo?

— Oxe, Aparecida, você não me conhece? Não é o que não é, quanto ao que for, deixe ser.

— Perdoa, Zefinha. É modo de não lhe fazer mágoa.

— Então desembucha, menina, que eu ainda tenho o caminho de casa.

— Esse seu calombo... ele... é você quem... ou é ele...

— A gente é juntinho. Eu também sou calombo nele.

Tudo a gente sente a fome, finca os primeiros dentes, manada, segura forte arranca a dentada, tudo a gente não sabe só sente a fome a danada da fome, a gente mete os dedos na beira que a mordida inaugura, a gente puxa as fibras a pele um pedaço a fome não, a fome fica, guardada, a fome não pode ser arrancada. Pele, pelos, tufo, cabelos, a carne leva tudo junto os dentes levam tudo, farpas, orelhas, barro pisado, as bocas levam tudo menos a fome, a fome fica guardada.

A terra dentro sangue osso carne, embaixo das dobras gorduras órgãos secretos, embaixo das pelancas tudo se esconde em carne sangue quente ferida, caldo, osso de cachorro, caneco vazio, farpas vigas uma casa inteira meu Deus uma vila em carne viva. E as veias e as artérias sobem descem ladeiras e mesmo as vértebras, em pose tão séria, dão seu jeito de sair pelas beiras, as mãos são tantas e a ânsia, tátil, leva tudo leva tudo só fica a fome, a fome continua lá.

Lascas de bambu, traços de cipó, barro pisado, rabo de panela, toco de caneco. Palha, taipa de mão, pau a pique, e o que não tem nome a gente arranca, um trabalho danado o sangue pisado, descer as quebradas, alcançar a terra. Um trabalho danado essa gente faminta arrancando plantas, raízes, ripas, cavando, desenterrando, arranjando jeito de trazer tudo afora até encontrar do outro lado da menina a fome, tubérculo que ela não larga.

Tudo a gente faminta futucando os ossos da menina que nem fossem parte infeliz de galinha, procurando a fome guardada entre os órgãos, chupando os ossos mergulhando em sangue em caldo, não sobra nem pro cão nem pro santo. Essa não é parte que a gente fácil encontra, não é órgão que os dentes os dedos arrancam, nem a dissecação anatômica. Essa não é parte que tudo a

gente faminto crava finca separa, é algo que com a fome devida a vontade tomando o corpo é algo que pode ser devorado.

De repente a gente fome maior que tudo, fome imensa, fome da menina, fome de devorar uma parte, fome de olhar para o vento e, santo Deus, ver muito mais que o vento. De repente a gente toma a fome a gente é tomada fome imensa a gente come as partes, a gente encontra o sangue desembocando pelas quebradas alagando tudo, a gente lambe o sangue toma tudo que é rua beco e viela, a gente toma tudo o que o sangue leva santo bêbado cão pedra, a gente mastiga a menina engole em carne viva, por isso a menina vive toda na gente, faminta.

A menina, outra caravana.

Dentro da gente a menina olha o vento a gente olha o vento e, santo Deus, vê muito mais que o vento. A gente devora a menina, arranca rasga mastiga da menina as partes, as succulentas partes de seu olhar adiantado, de seu ver além das coisas, a gente não percebe enquanto devora a menina, enquanto arranca sulca rasga a menina, enquanto puxa parte desfia a menina, eu, você, tudo a gente nem percebe a menina também devora da gente uma parte, uma pequena e singela parte: a menina devora nosso nome.

Assim ela finalmente sacia sua fome. Assim todos nós, menina.

LER É: *devorar a fome dos outros.*

Todo dia a menina olhava o vento e, santo Deus, via muito mais que o vento. Via corcunda, anão, via mulher barbada. Via homem com chifres ou dedos na testa, e tentava não ver nós tudo, os olhos duas festas, escondidos como dava. Escondidos para olhar a menina ela via orelhas deitadas nos ombros, três pernas, via braço deixado, partido, bichento, trocado, via cara rochosa, cheia de minhocas, careca averrugada, a menina via duas caras, será que via a gente? Mas a gente, eu bem sei, a gente não via mais nada.

Só o olhar da menina.

Diacho, ela via uma cara e a outra bem atrás, pelo contrário, olhos rasgos na pele, boca pelanca no couro, o nariz uma sobra imensa. Uma cara e a outra bem atrás da primeira, as duas caras olhando sem parar, olhando a menina olhava as duas lá longe não via a gente coisa nenhuma claro que não via a gente, só via as caras, só as duas caras. Não via a gente querendo saber o que ela via, não via a gente morto querendo saber o que era isso de olhar o avesso da morte o que era esse bicho de olhos desesterrados, patas inquietas, osso pele contrário, o que era isso a menina.

Ela olhava pro desenho que o pé arrastava, então olhava pro vento e, santo Deus, via duas caras um só pescoço cansado de girar. Via também a gente dando a volta no tempo? Quiçá. A menina arrastava a terra no chão, imagina, se ela tinha outra cara e não conhecia, imagina, ter duas caras não devia ser sina. Era só ter duas caras e assim toda gente dizendo essa menina não enxerga direito, toda gente dizendo mas tivesse duas caras ela mesma saberia: não é coisa só de sua cabeça nós essa caravana faminta.

Sua outra cara também via.

— *Mas a outra cara, ela...*

— *Fala, ela nunca para de falar.*

— *Mas o que tanto ela fala?*

— *Qualquer coisa, Cida, ela sempre ainda fala.*

— *Não tem jeito ficar quieta?*

— *Ela fala que nem a gente respira, ela não para de falar que nem a gente nunca para de respirar. Quando para de falar, ela termina.*

Agradeço à minha mãe, Silvana, pela paixão, pelas canetas, pelas ventanias. E ao meu pai, Gilson, pela paciência, pela confiança, pelas calmarias. Ao meu avô, Sebastião, pela saudade. E ao Raphael, por todo dia.

Agradeço a todas as Marias.

E à Marianna, e à Bonna, e aos bichos. Agradeço aos que vieram comigo: Susana, Renato, Diogo, Elaine, amigos que já estavam escritos.

E à Carla, que leu este livro tantas vezes comigo.

Agradeço aos mestres: Verdasca, Thelma e Marcelino. Aos cães de dentro e de fora já devo ter agradecido. E aos mortos e aos livros e aos livros.

Agradeço ao Prêmio Sesc e à equipe da Record por cuidar tão bem deste livro. E agradeço aos leitores por vir, amigos que já começarão antigos.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Desesterro

Entrevista com a autora sobre o livro

<http://www.blogdaeditorarecord.com.br/2015/11/16/desesterro-sheyla-smanioto/>

Site da autora

<http://sheylasm.com/>

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/sheylasmanimoto>

Twitter da autora

https://twitter.com/_sheyla

Capa

Rosto

Créditos

Três olhos

Duas vezes nascida

Vinte e um dedos sem contar essa verruga

Na boca tinha unhas

Vai dizer que você não tinha percebido o que vinha?

Se pelo menos Cida estivesse viva

A menina nunca quis matar a vó

Um toco mais a parte que falta

Olhos tomados

Espera. Isso a gente precisa falar. Mas não, vai, deixa pra lá

Estômago esquerdo estômago direito

Não falei que tinha coisa?

Pele e osso

Diacho. Você não vai acreditar no que aconteceu depois

Não falei que a Magrela ia dar seu jeito?

Maria menina olha o corpo, olha o vento, olha o vento e, santo Deus, vê muito mais que o vento. Maria menina vê a gente chegando

Órgãos secretos

Agradecimentos

Colofão

Saiba mais